

José Arantes Junior

***SÓCRATES EM
SONETOS***

REAL ACADEMIA DE LETRAS

Rua Dom Pedro II, 903 – Conj. 203

Porto Alegre/ RS – CEP 90550-142

Caixa Postal 21214 –CEP 91310-971

Cel. da Academia (51) 8489-0532

Editor: Carlos Eduardo Costa Scherer

e-mail : escritoresbrasileiros@gmail.com

Cel. Autor escritor: José Arantes Junior (11) 97327.0302

E-mail: fenixlumini@bol.com.br

Site: WWW.alquimiaarantesjunior.com.br

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do livro, SP, Brasil)

Arantes Junior, José

Sócrates em sonetos / José Arantes Junior. --

São Paulo : Ed. do autor, 2012.

1. Filosofia antiga 2. Poesia 3. Sócrates
I. Título.

12-14730

CDD-183.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia socrática 183.2

2. Sócrates : Filosofia 183.2

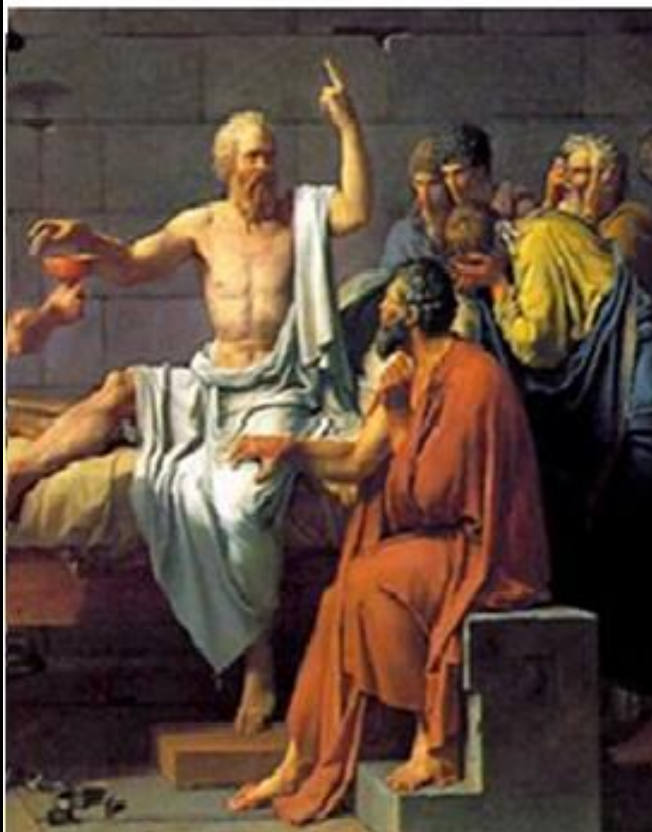
PrintStore

Impresso no Brasil

2013

Sócrates em sonetos

José Arantes Junior



Percebe-se, na essência da realidade,
metas que criam um caminho revelador,
elas existem com tanta versatilidade
que nem mesmo a ficção poderia supor.

ÍNDICE

- 012- Apresentação
- 014- Curiosidade – O quadrado de Dürer na Alquimia
- 019- Tributo a Sócrates
- 020- Introdução – Grécia antiga – Parte - I
- 034- Introdução – Grécia antiga – Parte - II
- 046- A realidade e a ficção – I
- 047- A realidade e a ficção – II
- 048- A realidade e a ficção – III
- 050- Esclarecimentos sobre a Pedra Filosofal

PARTE I: SÓCRATES – PARTICULARIDADES

- 054. A família e as primeiras lutas
- 055. A missão de Sócrates
- 056. A ironia perante os falsos valores
- 057. Sócrates e o amor à sabedoria
- 058. A ironia, a maiêutica e a indução
- 059. A antropologia de Sócrates
- 060. O oráculo de Delfos e Sócrates
- 061. A assembleia dos 500 em Atenas
- 062. A última ironia de Sócrates
- 063. A orientação do comportamento humano

PARTE II: O BANQUETE

- 066- Introdução – O Banquete
- 070. Platão aborda Apolodoro
- 071. O banquete como homenagem a Agatão
- 072. Platão questiona sobre o banquete

073. Concepção de Apolodoro sobre a filosofia
074. Aristodemo visita Sócrates
075. Sócrates faz convite em argumento de Homero
076. Agatão recebe Aristodemo amistosamente
077. Sócrates para no meio do caminho
078. Sócrates chega um pouco atrasado
079. Divãs dispostos em forma de ferradura
080. Troca de elogios entre Sócrates e Agatão
081. Libações, hinos e ritos após o jantar
082. A flautista é liberada de sua função
083. Erixímaco propõe discurso com o tema Amor
084. Sócrates reclama da posição dos divãs
085. Fedro começa o discurso sobre o Amor
086. Virtudes desenvolvidas pelo Amor
087. A força desenvolvida pela ação do Amor
088. Citação de uma frase de Homero
089. O sacrifício de Alceste em prol do Amor
090. A condição de quem não se inspira no Amor
091. O Amor analisado na ilíada de Homero
092. Pausânias começa o seu discurso
093. As duas deusas Afrodite ligadas ao Amor
094. O Amor da Afrodite Pandêmia
095. O Amor da Afrodite Urânia
096. O Amor em diferentes populações
097. Governantes sem o ímpeto do Amor
098. As características do Amor em Atenas
099. As diferentes atitudes em prol do Amor
100. A prudente contenção do Amor
101. O mau ímpeto do Amor popular
102. A labilidade do Amor de feição popular
103. O Amor à juventude e à virtude
104. Diferença na intenção e diferença no Amor
105. A crise de soluções de Aristófanes
106. Erixímaco começa seu discurso sobre o Amor
107. Amor corporal entre o feio e o belo
108. A harmonia dos opostos equilibra o Amor
109. Medicina e música em prol do Amor
110. Harmonia dos contrários nas estações e no Amor
111. As violências geram alterações no Amor

112. O Amor age em prol de curas medicinais
113. Alteração entre Erixímaco e Aristófanes
114. Aristófanes começa o discurso sobre o Amor
115. Descrição do tipo andrógino da antiguidade
116. Os andróginos desafiaram os deuses
117. Homero cita guerra de gigantes e andróginos
118. Zeus resolve cortar os andróginos ao meio
119. Apolo auxilia Zeus a seccionar andróginos
120. As metades seccionadas se desejavam
121. O Amor pela cara metade
122. Características dos andróginos seccionados
123. Se Hefesto propusesse uma reunião
124. A união seria extensiva ao Hades
125. Proposta de moderação perante os deuses
126. Pareceres de reciprocidade em prol do Amor
127. Aristófanes finaliza o seu discurso
128. Considerações de Sócrates e Agatão – I
129. Considerações de Sócrates e Agatão – II
130. A interferência de Fedro
131. Qual é a íntima natureza do Amor?
132. Semelhante sempre atrai semelhante
133. O Amor detém mais juventude – I
134. O Amor detém mais juventude – II
135. O Amor age em prol da harmonia
136. O Amor se amolda por todos os lados
137. Nenhum prazer é acima do dom do Amor
138. As virtudes do âmago do Amor
139. Qualquer um pode ser poeta com o Amor
140. O feio não se fixa no Amor
141. Uma poesia a respeito do Amor
142. O Amor é pleno de bem querer
143. Agatão encerra o seu discurso
144. Desconforto momentâneo de Sócrates – I
145. Desconforto momentâneo de Sócrates – II
146. Desconforto momentâneo de Sócrates – III
147. A verdade como tema enriquecido
148. O diligente feitio da argumentação
149. A especificação da natureza do Amor
150. Analogias comparativas de Sócrates – I

151. Analogias comparativas de Sócrates – II
152. Analogias comparativas de Sócrates – III
153. Analogias comparativas de Sócrates – IV
154. Analogias comparativas de Sócrates – V
155. Analogias comparativas de Sócrates – VI
156. A mulher Diotima de Mantineia
157. Diotima rejeita a argumentação de Sócrates
158. Diotima aborda temas contraditórios – I
159. Diotima aborda temas contraditórios – II
160. Diotima aborda temas contraditórios – III
161. Diotima aborda temas contraditórios – IV
162. O Amor é um teor intermediário
163. O nascimento de Afrodite
164. A concepção do Amor
165. Características maternas do Amor
166. Características paternas do Amor
167. Características contrárias do Amor
168. As diferenças entre amado e amante – I
169. As diferenças entre amado e amante – II
170. As diferenças entre amado e amante – III
171. A poesia se identifica como harmonia – I
172. A poesia se identifica como harmonia – II
173. A procura da cara metade
174. O Amor de ter o bem consigo
175. Em certa idade deve-se dar à luz
176. O elo que há na parturição
177. A imortalidade atua em nome do bem
178. Adoecer de amorosa disposição
179. A natureza mortal imita a imortal
180. O ser é e não é o mesmo ao longo do tempo
181. As transformações do dia a dia – I
182. As transformações do dia a dia – II
183. As transformações do dia a dia – III
184. Problemas enfrentados por amor
185. Os poetas criadores e inventivos
186. O elo entre justiça e prudência
187. A influência do contato com o belo
188. Homero e Hesíodo invejavam os poetas
189. O valor dos filhos virtuosos – I

190. O valor dos filhos virtuosos – II
191. A beleza corporal e a espiritual
192. Guiado para as virtudes do Amor
193. Sempre maravilhoso é o Amor
194. O Amor como meta e referencial
195. O belo em si como referencial
196. A natural mudança de atitude
197. Honrar e tomar o Amor como guia
198. A porta do pátio foi tocada
199. A roupa inusitada de Alcebíades
200. Todos convidaram Alcebíades – I
201. Todos convidaram Alcebíades – II
202. Agatão foi solicitado como mediador
203. Alcebíades coroa Sócrates também
204. Oito cótilas ou mais de dois litros
205. Erixímaco questiona Alcebíades
206. Erixímaco convida Alcebíades a falar
207. Discussão entre Alcebíades e Sócrates – I
208. Discussão entre Alcebíades e Sócrates – II
209. Semelhante aos Silenos e aos Sátiros – I
210. Semelhante aos Silenos e aos Sátiros – II
211. Transformar a palavra em flauta
212. Comparação de Sócrates com Péricles – I
213. Comparação de Sócrates com Péricles – II
214. O poder de Sócrates como orador – I
215. O poder de Sócrates como orador – II
216. O poder de Sócrates como orador – III
217. O poder de Sócrates como orador – IV
218. Ginásticas e exercícios no dia a dia
219. Jantar na casa de Alcebíades – I
220. Jantar na casa de Alcebíades – II
221. Jantar na casa de Alcebíades – III
222. Jantar na casa de Alcebíades – IV
223. Jantar na casa de Alcebíades – V
224. Jantar na casa de Alcebíades – VI
225. Jantar na casa de Alcebíades – VII
226. Jantar na casa de Alcebíades – VIII
227. Jantar na casa de Alcebíades – IX
228. A partida para Potideia

- 229. Características de Sócrates
- 230. As reflexões de Sócrates
- 231. O altruísmo de Sócrates – I
- 232. O altruísmo de Sócrates – II
- 233. O perfil altaneiro de Sócrates – I
- 234. O perfil altaneiro de Sócrates – II
- 235. Os altos cabedais de Sócrates – I
- 236. Os altos cabedais de Sócrates – II
- 237. Os altos cabedais de Sócrates – III
- 238. Os altos cabedais de Sócrates – IV
- 239. Os altos cabedais de Sócrates – V
- 240. Os altos cabedais de Sócrates – VI
- 241. Os altos cabedais de Sócrates – VII
- 242. Os altos cabedais de Sócrates – VIII
- 243. Os altos cabedais de Sócrates – IX
- 244. Os altos cabedais de Sócrates – X
- 245. Os altos cabedais de Sócrates – XI

PARTE III: FÉDON

248- Introdução – Fédon

- 252. Chegada de Fédon em Flionte no Peloponeso
- 253. Motivos da longa prisão de Sócrates
- 254. Parecer de Fédon sobre Sócrates
- 255. Alegria coexistindo com a dor
- 256. Pensadores presentes na prisão
- 257. Encontro diário com Sócrates na prisão
- 258. A relação entre o prazer e a dor
- 259. Sócrates e o escrúpulo de religiosidade
- 260. Revitalizar o dia a dia com músicas
- 261. Convite filosófico ao poeta Eveno
- 262. A morte é serena, mas não por suicídio
- 263. A rejeição ao suicídio – I
- 264. A rejeição ao suicídio – II
- 265. A rejeição ao suicídio – III
- 266. A rejeição ao suicídio – IV
- 267. A convicção no valor ideal

268. O ideal liberta o homem do medo da morte
269. Só entende quem tem amor à sabedoria
270. A sobriedade do verdadeiro filósofo
271. Limitações do corpo em relação ao ideal
272. A perfeição daquilo que é ideal
273. O perigo de se ligar muito ao corpo
274. As paixões do corpo confundindo a alma
275. O destino dos amantes da sabedoria
276. O verdadeiro sentido de libertação
277. A evolução para o ideal de pureza
278. Virtudes preparam o filósofo para a morte
279. As contradições dos não filósofos
280. A sabedoria como moeda do ideal
281. A verdadeira purificação pelo ideal
282. Sócrates e a relação dos contrários – I
283. Sócrates e a relação dos contrários – II
284. Sócrates e a relação dos contrários – III
285. Sócrates e a relação dos contrários – IV
286. Sócrates e a relação dos contrários – V
287. O aprendizado das vidas passadas
288. Recordações por mecanismo de associação
289. O igual a si mesmo com plenitude
290. O igual a si mesmo como padrão
291. O conhecimento antes de nascer
292. A recuperação do saber transcendental – I
293. A recuperação do saber transcendental – II
294. Ao ideal como agente modulador
295. Dúvidas com relação ao falecimento
296. Exorcismos para se libertar a imaginação
297. As características do exorcista
298. A importância das virtudes
299. As dúvidas do cotidiano
300. Vínculo transcendental e material
301. Averiguação do ocasional e do ideal
302. Alma e corpo em associação – I
303. Alma e corpo em associação – II
304. Alma e corpo em separação – I
305. Alma e corpo em separação – II
306. Alma e corpo em separação – III

307. Idealistas versus materialistas – I
308. Idealistas versus materialistas – II
309. Idealistas versus materialistas – III
310. Os destinos no mundo espiritual – I
311. Os destinos no mundo espiritual – II
312. O caminho de evolução do filósofo
313. Filosofia versus paixões corporais
314. Saber interpretar as diversas ilusões
315. Os perigos dos prazeres e dos sofrimentos
316. O canto do cisne como despedida
317. Sócrates compara sua missão com o cisne
318. Pergunta sobre a lira e as cordas
319. Resposta sobre a lira e as cordas
320. Durabilidade do corpo e da alma
321. O ímpar jamais será par
322. A moral como referencial
323. Muitos caminhos para a evolução
324. A ignorância e as virtudes
325. O abismo chamado Tártaro – I
326. O abismo chamado Tártaro – II
327. Os rios que vão ao Tártaro
328. A dinâmica dos rios – I
329. A dinâmica dos rios – II
330. Súplicas para se passar ao lago Aquerúsia
331. O destino dos piedosos
332. Ampliar virtudes e conhecimento
333. Temperança, coragem, liberdade, justiça e verdade
334. O banho antes de se tomar cicuta
335. Diferença entre aparência e essência – I
336. Diferença entre aparência e essência – II
337. A despedida de seus familiares
338. O carcereiro (servidor dos onze) – I
339. O carcereiro (servidor dos onze) – I
340. Momentos antes de se tomar cicuta – I
341. Momentos antes de se tomar cicuta – II
342. Momentos antes de se tomar cicuta – III
343. Ingerindo o veneno chamado cicuta
344. Momentos após ingerir a cicuta – I
345. Momentos após ingerir a cicuta – II

APRESENTAÇÃO

O público em geral pouco sabe sobre o filósofo Sócrates. Um sábio da antiguidade, que afirmou –“Todo o meu saber consiste em saber que nada sei.” E este conhecimento resumido, sem dúvidas, é lamentável. Pois perde o conhecimento e se perde uma sabedoria que vence seu tempo. Sócrates é muito mais do que algumas frases. Era considerado pelos seus contemporâneos um dos homens mais sábios e inteligentes e que teria uma grande necessidade de levar e elevar o conhecimento de seus contemporâneos.

O que hoje conhecemos por filosofia ocidental foi fundado por ele, que sofreu influência de outro importante filósofo grego: Anaxágoras.

E por ter tanta importância no pensamento ocidental, Sócrates deveria ser mais estudado. Não apenas por filósofos, professores ou aqueles diretamente interessados no pensamento deste sábio da antiguidade. Mas, por todos. E aí fica a pergunta: Como interessar um grande público e atraí-lo para que se interesse e se aprofunde no pensamento de Sócrates?

Hoje existe, e está bastante presente, a preocupação com as novas gerações – naturalmente generalizando – com um menor interesse por livros e leituras. Como fazer, repetindo a pergunta, que chegue a estes, tais conhecimentos que venceram o Tempo e são considerados alicerces de toda uma filosofia contemporânea?

A resposta vem sendo dada, e brilhantemente, por um poeta. Mais do que isto – por um criador de uma nova escola da poesia. Trata-se de José Arantes Junior, criador da Escola da Alquimia Literária. Sensível, inteligente e ousado, Arantes lançou-se de corpo e alma numa tarefa

exaustiva, surpreendentemente bela e transcendente. Transformar os maiores conhecimentos humanos em poesia. Em sonetos. Sonetos que falam de filosofia, de medicina – já que o poeta é também médico – física, matemática e religião, e tantos outros assuntos que o criador da Escola da Alquimia editou ou está para lançar em breve. Uma árvore tem várias raízes, e estas se juntam para fortalecer o que é a razão maior de existirem. O leitor atento entenderá a profunda e diversificada busca histórica que faz Arantes neste, e em seus outros livros.

Autor muitas vezes Laureado, por diversas Academias, com vários livros publicados, entre eles *Alquimia Literária*, *Confúcio em sonetos*, *Heráclito*, tradução dos 154 sonetos de W. Shakespeare, *Lao Tsé* e os cinco poetas da dinastia Tang – em sonetos, e que agora nos brinda com este *Sócrates em sonetos* – *O Banquete* e *Fédon*.

Com esta nova Escola, baseada em uma rigorosa e necessária simetria – já que todos os versos possuem 36 toques – que traduz grandes conhecimentos para a poesia, Arantes facilita através do ritmo, das rimas, da beleza da composição de seus sonetos o interesse necessário para que o leitor com prazer e reflexão absorva ensinamentos que em prosa talvez sentisse menor atração e maior dificuldade de leitura e absorção do tema.

Como esclareceu Sócrates – A verdade não está com os homens, mas entre os homens – Arantes, em mais esta obra clássica, distribui a verdade para todos aqueles que buscam ter uma visão maior da vida, entregando em sonetos ao prezado leitor a possibilidade de adentrar em assuntos complexos com a chave de ouro da poesia de seus brilhantes e inteligentes sonetos.

Real Academia de Letras – Mário Scherer – Presidente

Curiosidade – O Quadrado de Dürer na Alquimia

Albrecht Dürer ou Alberto Durero com o seu nome aportuguesado, nasceu em Nuremberg na Alemanha em 21 de maio de 1471 e morreu na mesma cidade em 6 de abril de 1528. É um pintor da época da renascença europeia e ele pintou vários quadros famosos entre eles: A melancolia e neste quadro ele pintou um quadrado mágico bastante interessante, nele a soma dos números de vários lados tais como das linhas (horizontais) ou das colunas (verticais), etc. como está mencionado nas gravuras das páginas seguintes totaliza sempre o número 34 comprovando e ressaltando a genialidade de grandes artistas que também representavam grandes pensadores da renascença europeia.

Assim, o somatório dos números existentes neste quadrado mágico dará o número 34 quando se soma cada linha, cada coluna, os números dos cantos, os números do seu centro, os números das diagonais, os números dos extremos médios e dos números que se deslocam no sentido dos ponteiros do relógio tal como se vê nos quadros com os respectivos números mais adiante.

Então eu resolvi associar a curiosidade deste quadrado com o número 36 cultivado na Escola da Poesia da Alquimia Literária para uma associação descontraída e de cunho um tanto quanto burlesco.

Em meu livro Alquimia Literária eu deixei bem claro que a Escola da Alquimia Literária poderia ser desenvolvida com qualquer número no somatório das letras e dos espaços entre elas que evidencia os caracteres de cada linha dos sonetos ou das estrofes, entretanto deixei também bastante claro que prefiro fazer os meus sonetos e estrofes utilizando o número 36 (trinta e seis), justamente porque passa a representar uma linha literária não muito extensa, pois seria cansativa se fosse mais longa e também não é muito limitada e assim fica fácil descrever até mesmo um assunto científico em seu espaço sem uma necessidade de inusitados malabarismos mentais para sua produção, sendo portanto viável o cultivo da Lógica, da Síntese, da Rima e

também da Simetria sem que haja um verdadeiro sacrifício do significado fundamental do tema a ser desenvolvido pela Escola da Alquimia Literária.

Albrecht Dürer inventou o seu quadrado mágico que é válido para o número 34 e assim o somatório de seus números sempre vão levar ao número 34, entretanto surpreendentemente eu pude observar que se adicionarmos 0,5 (meio) a cada número do quadrado em questão vamos ter o número 36 como resultado final para o somatório de quaisquer números nas linhas ou colunas ou em outras situações que são analisadas mais adiante nas gravuras.

O número 36 passou a ser um referencial para o estudo que é cultivado dentro da Alquimia Literária, assim, o livro: Sonetos completos de William Shakespeare foi elaborado tendo o número 36 como referencial para a produção de toda esta obra poética, só sendo ultrapassado pela pontuação pertinente dentro do assunto.

Outros livros já publicados e que também foram feitos tendo o número 36 como padrão são: Confúcio em Sonetos, o próprio livro Alquimia Literária, salvo as exceções apresentadas como possibilidades ou como opções diferentes do número 36 citadas neste livro da Alquimia literária, Heráclito o obscuro iluminado, Lao Tsé e os cinco poetas da dinastia Tang e agora Sócrates em Sonetos.

Assim resolvi associar o número 36 que é essencial dentro da Escola da Alquimia com o quadrado mágico de Dürer ou de Durero e curiosamente constatei que acrescentando-se 0,5 a cada número do quadrado de Durero o mesmo quadrado passaria a dar como resultado no somatório das linhas, colunas, etc. o número 36 que é característico da Alquimia Literária.

Finalmente é possível dizer de uma forma um tanto jocosa que: os fins (de se estudar com o número 36 da Alquimia Literária), justificam os meios (0,5 somados a cada número dentro do quadrado mágico de Dürer).

José Arantes Junior



Alberto Durero

E seu quadrado
mágico

16,5	3,5	2,5	13,5
5,5	10,5	11,5	8,5
9,5	6,5	7,5	12,5
4,5	15,5	14,5	1,5

A soma de todas as linhas é 36!



Em sua gravura
"Melancholia", Alberto
Durero entalhou um
quadrado mágico
aritmético.

À direita, na parede
da casa, pode-se vê-lo.

16,5	3,5	2,5	13,5
5,5	10,5	11,5	8,5
9,5	6,5	7,5	12,5
4,5	15,5	14,5	1,5

A soma de todas as colunas é 36!



Ampliado será isto.

16	3	2	13
5	10	11	8
9	6	7	12
4	15	14	1

E o que tem de mágico?
Você estará perguntando.

O número 34!

Este número é a soma de
diferentes campos do quadrado.

16,5	3,5	2,5	13,5
5,5	10,5	11,5	8,5
9,5	6,5	7,5	12,5
4,5	15,5	14,5	1,5

A soma dos quatro cantos é 36!

16,5	3,5	2,5	13,5	16,5	3,5	2,5	13,5	16,5	3,5	2,5	13,5
5,5	10,5	11,5	8,5	5,5	10,5	11,5	8,5	5,5	10,5	11,5	8,5
9,5	6,5	7,5	12,5	9,5	6,5	7,5	12,5	9,5	6,5	7,5	12,5
4,5	15,5	14,5	1,5	4,5	15,5	14,5	1,5	4,5	15,5	14,5	1,5

A dos extremos médios: 36!

Se deslocarmos os campos no sentido dos ponteiros do relógio a soma continua sendo 36!

16,5	3,5	2,5	13,5	16,5	3,5	2,5	13,5	16,5	3,5	2,5	13,5
5,5	10,5	11,5	8,5	5,5	10,5	11,5	8,5	5,5	10,5	11,5	8,5
9,5	6,5	7,5	12,5	9,5	6,5	7,5	12,5	9,5	6,5	7,5	12,5
4,5	15,5	14,5	1,5	4,5	15,5	14,5	1,5	4,5	15,5	14,5	1,5

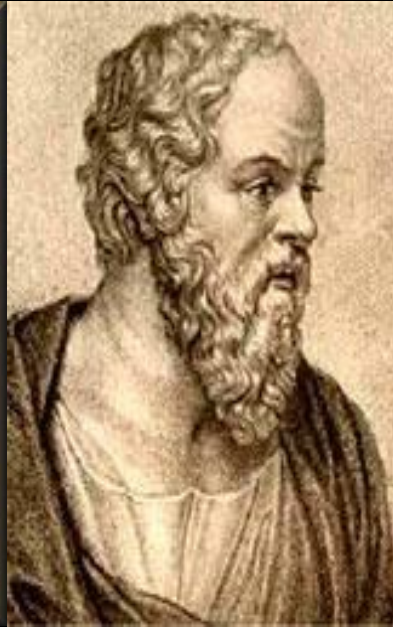
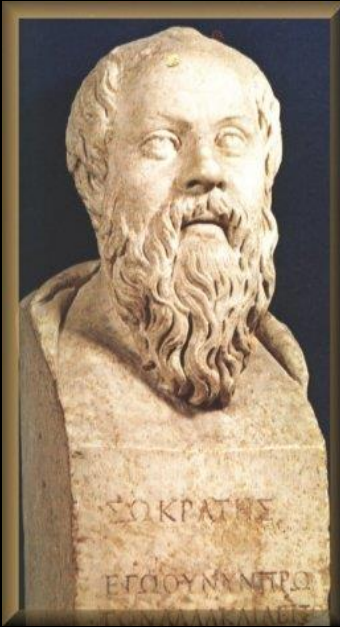
Também se aplica para as diagonais...

Se os deslocarmos de novo, a soma é 36!

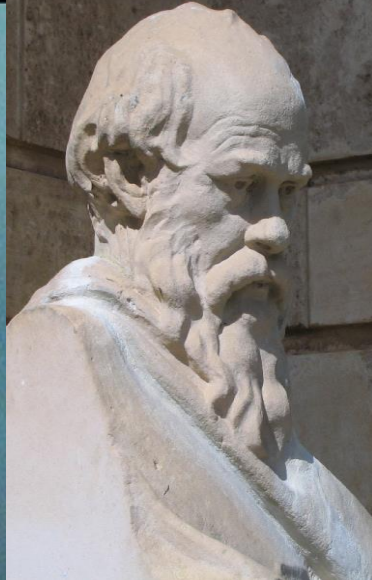
16,5	3,5	2,5	13,5	16,5	3,5	2,5	13,5	16,5	3,5	2,5	13,5
5,5	10,5	11,5	8,5	5,5	10,5	11,5	8,5	5,5	10,5	11,5	8,5
9,5	6,5	7,5	12,5	9,5	6,5	7,5	12,5	9,5	6,5	7,5	12,5
4,5	15,5	14,5	1,5	4,5	15,5	14,5	1,5	4,5	15,5	14,5	1,5

E assim sempre: 36!

A soma dos campos centrais é 36!



Sócrates



Sócrates: 470 ou 469 – 399 a. C.

TRIBUTO A SÓCRATES

Sócrates foi um glorioso missionário
que lutou para elucidar o ser humano,
abordou bem a relação dos contrários
e ações para a alma evoluir de plano.

Sócrates explica que com a filosofia
a alma se livra de elos da perversão
que prendiam seu corpo como anomalia
que a mantinham tal como numa prisão;

um homem deve conhecer-se a si mesmo
para não se conduzir no mundo a esmo
e para se evitar uma sina distorcida.

Sócrates descreveu a vida espiritual
existente no Hades trans-dimensional,
como um cisne cantando sua despedida.

José Arantes Junior

INTRODUÇÃO – GRÉCIA ANTIGA – PARTE - I

Sócrates nasceu em Atenas em 470 ou em 469 a. C., uns cinco a seis anos após a morte de Heráclito de Éfeso, na época em que terminavam as guerras entre os gregos e os persas, que constituíram as guerras médicas; assim a vitória da Grécia marcou o princípio da fase áurica da democracia ateniense. Sócrates era filho de Sofronisco, um escultor e de Fenarete, uma parteira, ele aprendeu a profissão paterna e, como a maioria da juventude de Atenas aprendeu música, ginástica, pintura e gramática.

Este era o século V a. C., o século de Péricles, e assim Atenas, com sua poderosa frota, dominava os mares de toda aquela helênica região.

Nesta mesma época existia ainda o reinado dos faraós do Egito do outro lado do mar mediterrâneo que cultivavam valores bem diferentes dos predicados gregos tal como é o caso da democracia que é patrimônio dos gregos e não dos egípcios. O Egito possuía suas duas maravilhas na antiguidade, a pirâmide de Quéops e o farol de Alexandria, todavia os valores culturais eram muito diferentes, o Egito tinha valores iniciáticos e ocultos e a Grécia não.

Outra nação que passou a apresentar valores iniciáticos e ocultos naquela época foi a antiga Judeia com a construção do templo de Salomão construído com os valores iniciáticos que Moisés escreveu e os colocou na arca da aliança e ao chegar às mãos do rei Davi este se admirou e até dançou nu diante dela tal como se lê na Bíblia no Segundo livro de Samuel ou Segundo dos reis no capítulo 6: A arca em Jerusalém, versículo 16: E tendo entrado a arca do Senhor na cidade de Davi, Micol, filha de Saul, olhando dum a janela viu ao rei Davi bailando e saltando diante do Senhor e lá no seu coração o teve em pouca conta. versículos 20 a 23: E Micol, filha de Saul, tendo saído a receber a Davi, disse: Que glória teve hoje um rei de Israel despindo-se diante das escravas de seus vassalos e aparecendo nu como faria um chocarreiro! E Davi respondeu a Micol: Diante do Senhor que me escolheu preferindo-me a teu pai e a toda a tua casa e

que me mandou que fosse eu o condutor do povo do Senhor em Israel, não só bailarei, mas também me farei mais vil do que me tenho feito e serei humilde em meus olhos e com isto aparecerei com mais glória diante das escravas de que falaste. Por esta razão, Micol, filha de Saul, não teve filhos até o dia de sua morte. Ora se o rei Davi chegou a dançar nu diante da arca é de se presumir que dentro dela estivesse o pergaminho em que Moisés ensinava a cortar pedras por um processo misterioso, talvez usando o somatório de várias mentes para se cortar as pedras o que justificaria as palavras do Terceiro livro dos reis, (mas em algumas bíblias é primeiro dos reis) capítulo 6: Construção do templo de Salomão, versículo 7: E quando a casa (templo de Salomão) se edificava, faziam-na de pedras lavradas e perfeitas e não se ouviu martelo, nem machado, nem instrumento algum de ferro, enquanto se edificava. Ora se as pedras eram lavradas e perfeitas, não poderiam mesmo ter sido produzidas pelo uso de instrumentos de ferro que logicamente deixariam suas marcas nas referidas pedras. Se as pedras foram cortadas e estavam perfeitas, o processo de corte só poderia ser feito pelo somatório de várias mentes e esta maneira misteriosa de se cortar pedras foi passada por Moisés ao rei Davi por intermédio de um pergaminho que estava na arca e depois o próprio rei Davi disse que dentro da arca só tinham duas pedras para se manter oculto aquele poder misterioso descoberto pelos antigos egípcios e que foi passado a Moisés ao longo de sua vida no Egito dos faraós.

Salomão se empenhou na construção de seu templo: Terceiro livro dos reis, capítulo 7: os trabalhos em bronze: As duas colunas. versículos 13 a 16: Mandou também o rei Salomão, que de Tiro viesse Hiráo, filho duma mulher viúva da tribo de Neftali e cujo pai era de Tiro que trabalhava em bronze e era cheio de sabedoria e de inteligência e de ciência para fazer todo o gênero de obras de bronze. Tendo pois vindo Hiráo para o rei Salomão, fez todas as suas obras. E fundiu duas colunas de bronze: cada uma delas era de dezoito côvados de altura: e a ambas as colunas dava voltas uma linha de doze côvados. Fez também dois capitéis de bronze fundido para os pôr sobre o alto das

colunas: um capitel tinha cinco côvados de altura e o outro capitel tinha também a altura de cinco côvados.

No final da construção das colunas lê-se: versículo 21e 22: *E pôs estas duas colunas no pórtico do templo e tendo levantado a coluna direita, chamou-a por nome Jaguin. Levantou do mesmo modo a segunda á coluna: e chamou-a por nome Boaz. E por cima das colunas pôs um lavor a modo de açucena. E acabou-se a obra das colunas.*

Todas estas passagens bíblicas revelam que a cultura hebraica está entrelaçada com os valores da cultura egípcia e que estas atividades iniciáticas têm denominadores comuns com as atividades de produções de muitas obras egípcias como templos, túmulos, obeliscos e pirâmides; sim, até porque Moisés extraiu estes valores da cultura egípcia.

O rei Davi não teve reais oportunidades de construir o templo que havia planejado pois perdeu muito tempo apaziguando várias rebeliões em seu tempo e assim a oportunidade de se construir o templo foi passada para o herdeiro escolhido pelo próprio rei Davi, o seu filho mais novo, Salomão em detrimento do filho mais velho que também queria ser rei, Adonias. Salomão, já empossado como rei manda Banaias, assassinar o seu irmão Adonias para consolidar seu poder: Terceiro livro dos reis, capítulo 2, versículos 24 e 25: *...que Adonias será morto hoje. E mandou o rei Salomão com esta ordem a Banaias, filho de Jojada, o qual o matou e assim morreu.* e então como um herdeiro dos valores ocultos do Egito, casa-se com a filha do faraó. Assim, o Egito e a Judéia tinham os seus valores iniciáticos e a Grécia vivenciava a sua democracia.

A área grega abrangia a Grécia continental, cujos limites ainda hoje prevalecem, incluindo naturalmente as várias ilhas que compõem a nação, porém ela se estendia muito além dos limites que delimitam a Grécia de hoje em dia, pois incluía a região do oeste da Ásia menor que hoje corresponde à nação da Turquia e ainda haviam disputas territoriais como em Potídeia, guerra que viu a presença de Sócrates como um guerreiro ateniense.

O limite da Grécia abrangia, por influência cultural, toda a região do mar negro e ainda de outro lado

envolvia também as regiões que hoje em dia correspondem à Itália e até bem depois à oeste da Sicília, constituindo a magna Grécia, enfim todo o mar mediterrâneo e inclusive o mar negro praticamente pertenciam à Grécia.

A cultura grega naquela época exercia uma influência exponencial em toda a Europa e até mesmo detinha quatro das sete maravilhas da antiguidade, como era o caso da estátua de Zeus em Olímpia que correspondia a um prédio de quatro andares, de tamanho aproximado, tinha também um mausoléu situado em Halicarnasso, outra maravilha da antiguidade era o templo de Ártemis, a Diana dos romanos que foi recuperado por três vezes em séculos diferentes, local em que Heráclito de Éfeso depositou a sua obra prima como uma relíquia do patrimônio antropológico cultural da humanidade que é valioso até os dias atuais, e finalmente havia a estátua do deus Apolo na ilha de Rhodes, em baixo da qual passavam navios sob as pernas da estátua que correspondia à altura de um prédio de dez andares.

Só a existência destas quatro maravilhas da antiguidade já faziam a Grécia se destacar como um cenário cultural que deveria ser referência para as outras culturas.

É neste cenário de tanta exuberância cultural que aparece Sócrates, quase um super homem, que vencida a todos no jejum, assim como no apetite, nas palavras, nas ideias, na guerra, nas emoções, nos discursos e na filosofia.

Ao mesmo tempo em que se mostrava como um verdadeiro super homem, ele demonstrava humildade e dizia: “só sei que nada sei”, fazendo com que o gigante que era se apresentasse como um anão.

A vida de Sócrates passa a ser um foco das atenções das diferentes pessoas a partir dos 45 anos de idade pois antes a sua vida passou praticamente despercebida.

A partir dos 45 anos de idade Sócrates passa a dizer que ele tinha uma “missão” que lhe foi passada pelo Oráculo de Delfos o qual lhe revelara que sua “missão” era: “despertar os homens para o conhecimento de si mesmos”, e assim ele passou a sua vida ensinando aquilo que já sabia aos outros homens porque entendia que todos os homens podem se tornar bons ou pelo menos melhores se tiverem

acesso a um discernimento mais adequado entre o que convém e o que não convém para o seu dia a dia. Neste ponto o pensamento íntimo de Sócrates se assemelhou a um pensamento tipicamente cristão de São Paulo: “tudo me é lícito, mas nem tudo me convém”.

Acreditando que todos os homens poderiam melhorar seus valores, Sócrates saía pelas ruas perguntando para as diferentes pessoas o porquê de suas ações e por que acreditavam naquilo que acreditavam, para que a partir daí começassem a pensar um pouco mais nos seus motivos, nos seus conceitos e nos seus preconceitos pré concebidos muitas vezes adquiridos à revelia de um bom senso.

Por tudo isto Sócrates se tornou uma pessoa de significativa expressão, principalmente porque amava a verdade tanto quanto a própria sabedoria.

É de senso comum que líderes de quaisquer localidades e de quaisquer épocas têm apreço pela verdade, mas só até um certo ponto, depois de um certo ponto o amor à verdade passa a ser uma espada que começa a feri-los pois começa a expor as suas próprias fraquezas, deixando-as à mostra e consequentemente susceptíveis de julgamento por parte até mesmo da população em geral.

Diante deste perigo os líderes de Atenas se reuniram e resolveram condená-lo porque alegavam que ele estava desviando a juventude de Atenas e que ele não nutria a mesma crença que eles pelos deuses do Olimpo.

Era uma condenação absurda, por razões abstratas, porém que satisfazia a hipocrisia dos líderes da época que se sentiam ameaçados por uma inteligência livre, que tinha amor ao saber e também amor à verdade, que não tinha o seu poder calcado no dinheiro e sim na essência que a verdade pode contribuir como um altaneiro baluarte para a formação do verdadeiro caráter do homem de bem.

Paradoxalmente a estes valores de Sócrates, aqueles que detinham o poder nas mãos o faziam ou pela força das armas, ou pela força do dinheiro que na verdade é só “um valor que se põe no bolso”, não “um valor da razão” e nem “um valor da emoção” do íntimo do ser humano.

Diante dos valores internos do ser humano os valores externos, que se põe no bolso, se sentem ameaçados pela desproporção natural da qualidade de cada um e os donos “dos valores que se põem nos bolsos” passam a perseguir os portadores de valores íntimos principalmente se entre esses valores estiver o cultivo à verdade que mais cedo ou mais tarde revelará toda a hipocrisia que os irmana numa corrupção que os tornam verdadeiros criminosos.

A verdade sobre a condenação de Sócrates nunca ficou evidente e ele próprio fez a sua defesa deixando os seus acusadores sem palavras condizentes com os reais motivos que justificassem de fato a sua condenação.

Dois discípulos de Sócrates transcrevem suas palavras, tratam-se de Platão e de Xenofonte e em ambos os escritos percebe-se nitidamente que faltavam argumentos e motivos verdadeiros para a condenação de Sócrates.

O julgamento foi feito pela Assembleia dos 500, a qual ficou dividida e, por 280 a 220, condenou-o à morte pela ingestão de cicuta em 399 a. C., ou melhor os “valores do bolso” condenaram os “valores do ideal”, para que as luzes do ideal não viesse a iluminar aquilo que eles gostavam de fazer à sombra de suas próprias leis.

Este julgamento comprometeu os valores da democracia, pois parte-se do princípio que um indivíduo, neste regime, possa expressar livremente as suas convicções e finalmente acaba-se constatando que não é bem assim e que as pessoas gozam de uma certa liberdade até que os tais líderes não se sintam ameaçados em seus falsos valores, pois se isto ocorrer eles acabam encontrando um meio de julgar e condenar o idealista que ameaça as suas falsidades.

Quase 2.500 anos nos separam destes fatos ocorridos na Grécia antiga que é o berço da democracia que já naquela época existia, mas não existia, e até mesmo hoje em dia percebemos que ela ainda existe, todavia plenamente não existe, por motivos parecidos com os que envolveram a vida daquele pensador tão autêntico chamado Sócrates.

A seguir, algumas gravuras a respeito dos vizinhos dos gregos daquela época.

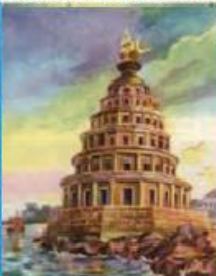
José Arantes Junior

As sete maravilhas da antiguidade adicionadas a outras duas

Pirâmide de Quéops



Farol de Alexandria



Zeus em Olímpia



Apolo em Rhodes



Ártemis em Éfeso



Templo de Mausolô



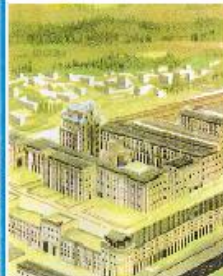
Jardins da Babilônia



Muralha da Babilônia



Templo de Salomão



Sócrates viveu na era da antiguidade em que a engenharia eleva sua trilha, com suas reais marcas de notoriedade, como foi o marco das sete maravilhas.

Sete maravilhas, Muralha da Babilônia e Templo de Salomão



A visão completa do mar Mediterrâneo entre três continentes



1. Pirâmide de Quéops	5. Templo de Ártemis em Éfeso
2. Farol de Alexandria	6. Mausoléu em Halicarnasso
3. Zeus em Olímpia	7. Jardins suspensos da Babilônia
4. Apolo em Rhodes	8. Muralha da Babilônia
9. Templo iniciático de Salomão	

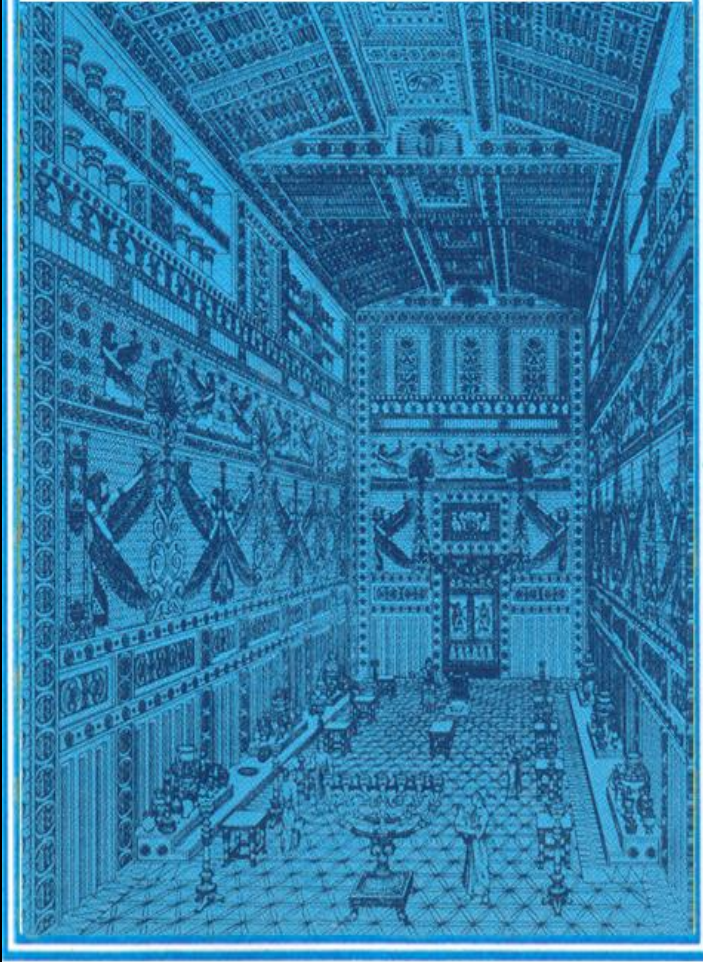
A antiguidade fez áreas de cerimônia com as suas sofisticadas construções, na Grécia, Egito, Judeia e Babilônia, como quatro importantes civilizações.

A Arca da Aliança, onde Moisés ensinou como cortar pedras



Moisés fez em ouro a arca da aliança
e nela pôs as pedras dos mandamentos,
e o manuscrito que passava a herança
de como cortar pedra pelo pensamento.

Influência egípcia observada no interior do Templo de Salomão



O raro interior do templo de Salomão
relembrava a cultura do antigo Egito,
e os mitos nele pintados eram alusão
ao que somente ao Egito era restrito.

MATRIZ EGÍPCIA QUE LEMBRA O TEMPLO DE SALOMÃO



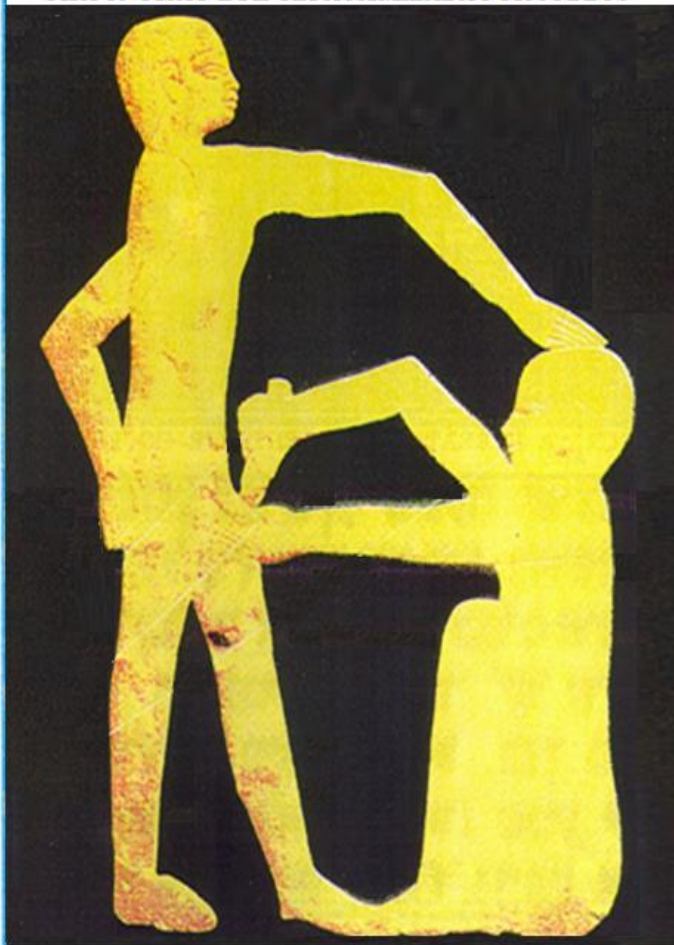
Esta gravura egípcia é a confirmação de que o Egito foi o modelo cultural que caracterizou o templo de Salomão através de sua mitologia tradicional.

PEDRAS EGÍPCIAS SEMELHANTES ÀS CORTADAS NO TEMPLO DE SALOMÃO



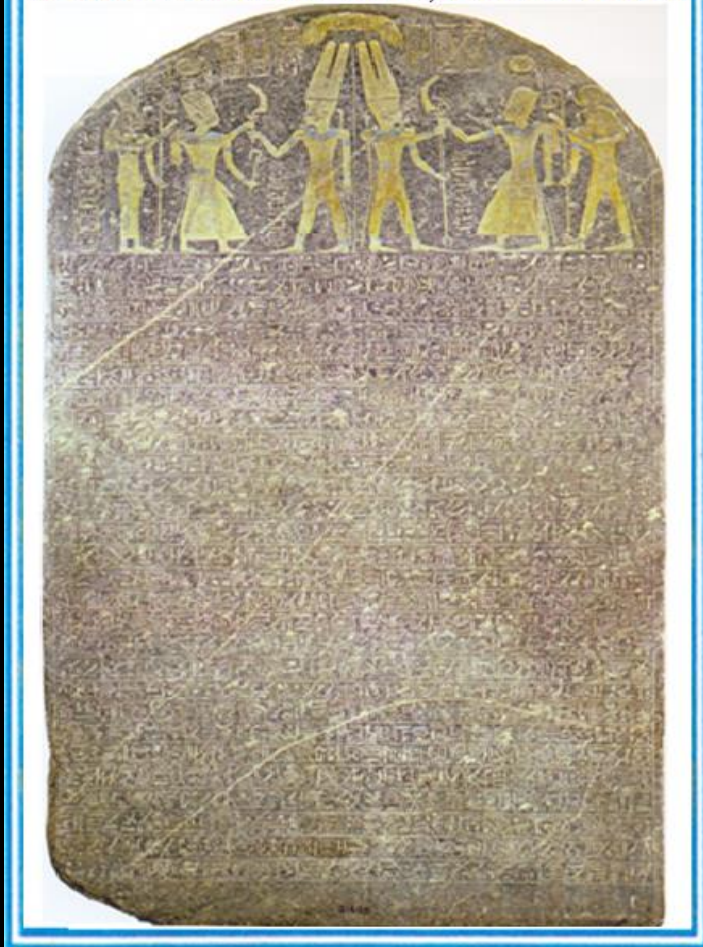
Pelo potencial que vem da imaginação
cortavam-se pedras no Egito conforme
a mesma técnica do templo de Salomão,
e eram cortadas de modo bem uniforme.

CIRCUNCISÃO EGÍPCIA ASSIMILADA POR JUDEUS



Circuncisão no Egito era tradicional e este hábito foi passado aos judeus, desde que a liberdade se fez natural foi um estilo de vida que sobreviveu.

ESTELA DE LIBERTAÇÃO DO POVO JUDEU EM 1.115 a. C.
SANCCIONADA POR MERNEPHTAH, FILHO DE RAMSÉS II



A estela de libertação do povo judeu
É documento histórico de importância
que o Egito, de Merneptah, forneceu
apesar da problemática circunstância.

INTRODUÇÃO – GRÉCIA ANTIGA – PARTE – II

Descrever os diferentes episódios da vida de Sócrates em poesia inclusive com “O Banquete” e “Fédon” escritos por Platão é verdadeiramente uma ousadia que em princípio contraria o próprio Platão, pois ele não acreditava que fosse possível filosofar em poesia, entretanto penso que ao invés de tornar a filosofia um tanto piegas a Poesia da Alquimia Literária trouxe clareza em função da lógica e da síntese cultivadas e trouxe também uma certa facilidade de compreensão dos textos abordados pela rima e pela simetria exploradas que sensibilizam o conjunto de toda a obra.

Durante muito tempo se acreditou que não fosse possível estudar qualquer assunto científico, filosófico ou mesmo religioso em poesia, justamente pela dificuldade que isto traria para o escritor que se atrevesse a aceitar essa empreitada e, assim, passou-se simplesmente a crer que isto seria uma missão impossível, entretanto na medida em que vou desenvolvendo todo este trabalho em comparação com outros livros que já publiquei vou constatando que a poesia apenas requer bastante paciência e dedicada perseverança para a adequada e eficiente conclusão.

Sócrates tornou-se um divisor de águas no mundo da filosofia devido a sua importância superlativa no que se refere ao teor de sua essência e a amplitude de sua profundidade, assim sendo, os filósofos de modo geral foram divididos em pré-socráticos e pós socráticos como forma de se homenagear a sua ígnea inteligência.

Platão se revela o discípulo mais consciente de Sócrates e ele também conseguiu obter de Sólon, um dos sete sábios da antiguidade, revelações obtidas no Egito antigo de que o povo egípcio teria vindo da Atlântida que se submergiu no oceano Atlântico antes da chegada deles ao norte do continente africano para constituir a curiosa nação de guerreiros que tiravam o escalpo dos vencidos assim como os índios americanos faziam e também não tinham barba, mas apenas barba postiça como os faraós se faziam representar nas estátuas que mandavam erigir e ainda

enigmáticamente também possuíam nomes de índios como Tutankhamon, Akhenaton, Kakaré Ibi e tantos outros a mais. Curiosamente nos dias atuais a Alemanha fez uma pesquisa sobre o conteúdo bioquímico das múmias e nelas foram encontrados vestígios de fumo e de coca, duas plantas que são originárias dos territórios das Américas.

O Egito foi invadido, mais tarde, por Júlio César e este queimou parte da biblioteca de Alexandria e posteriormente o Egito ainda foi invadido pelos árabes que queimaram o restante dos livros egípcios, deixando aquela cultura um tanto difícil de ser pesquisada, o que agora só é possível por intermédio da interpretação de suas pirâmides, estátuas, obeliscos, túmulos e múmias.

O outro povo que também apresentava estes valores iniciáticos era o povo judeu com o seu templo de Salomão. Se por um lado os gregos tinham quatro das sete maravilhas antigas, os egípcios tinham outras duas e os babilônios tinham os jardins suspensos, o povo judeu tinha o enorme templo de Salomão que não era considerado uma maravilha da antiguidade, entretanto o templo era uma obra grandiosa que, tanto quanto a muralha da Babilônia, são considerados, por muitos, como verdadeiras maravilhas da antiguidade juntamente com as outras sete.

O enorme templo de Salomão foi derrubado no episódio bélico travado por quatro césores: Oto, Galba, Vespasiano e Tito que empreenderam uma luta aguerrida com o povo judeu e finalmente acabaram derrubando o templo de Salomão entre os anos 130 e 140; com a queda do grandioso templo o povo judeu passou a migrar por toda a Europa na dinâmica coletiva que é descrita como diáspora e sobreviveram sendo perseguidos pela santa inquisição por toda a idade média até que os valores iniciáticos renasceram e foram instituídos em 1.717 na Inglaterra.

Os valores iniciáticos próprios dos egípcios se perderam e os subsídios iniciáticos dos judeus sobreviveram unidos ao povo inglês, entretanto ainda é possível se notar vestígios da cultura do Egito antigo compondo os valores iniciáticos dos judeus porque Moisés os tirou justamente do Egito que escravizou o povo judeu.

A democracia grega também sobreviveu ao tempo, todavia exatamente como na época de Sócrates já mostrava as suas deficiências obviamente porque condenou à morte o cidadão Sócrates pela qualidade de suas ideias, comprovando que a liberdade da democracia era parcial e restrita aos interesses dos poderosos.

A dinâmica da vida iniciática pressupõe a vigilância dos iniciados em relação a tudo e a todos e a democracia grega era a livre manifestação de cada um com seus íntimos valores em praça pública. É possível unir estes dois contrários num mesmo regime político? Pode-se até tentar, mas a manipulação será a resultante final e como a humanidade apresenta flexibilidades de condutas e de metas políticas este somatório de contrários até se apresenta como possibilidade viável, entretanto da mesma maneira que a democracia foi mascarada na época de Sócrates com a sua condenação e a sua morte, ela vem sendo significativamente mascarada por manipulações que distorcem as verdadeiras manifestações pessoais para dar lugar a expressões que nascem primeiro nas imaginações de alguns que manipulam outros para dar lugar a uma resultante nada original e que apenas é o fruto de induções aleatórias.

Curiosamente o século V a. C. é um século que também parece um divisor de águas para a civilização humana, é o século que viu muitos filósofos como Heráclito de Éfeso, Pitágoras de Samos, Tales de Mileto, Demócrito de Abdera, maravilhosas construções humanas e viu também os mestres chineses como Confúcio e Lao Tsé e também a alvorada do budismo, como doutrina oriental de purificação da conduta íntima de cada pessoa humana.

É nesta época que viveu Sócrates como um filho autêntico da Grécia e da democracia acreditando que podia se expressar em praça pública com os seus valores de cidadão que possuía todos os direitos de se expressar para todo e qualquer grego como teoricamente lhe autorizava aquela democracia, entretanto foram justamente os líderes da famosa democracia que lhe provaram que a liberdade humana só se manifesta enquanto não ameaça revelar a hipocrisia daqueles que estão exercendo o poder.

Sócrates como pessoa humana livre teve que ingerir o veneno cicuta para se calar porque suas palavras ultrapassavam os direitos que os poderosos da democracia estavam dispostos a lhe dar e assim a própria humanidade pôde e ainda pode avaliar a relatividade e a restrição das metas políticas que teoricamente ela defende.

É bem fácil para os poderosos dar liberdade democrática para pessoas estúpidas conversarem quando as mesmas não sabem se expressar ou talvez até saibam, mas não têm a menor noção do que está à sua volta, entretanto quando se trata de um Sócrates conversando, a liberdade de expressão que se identifica nos princípios da democracia adquirem limitações que ninguém imaginava que pudessem existir. Esta é a hipocrisia que só concede oportunidades verdadeiras para se expressarem para aqueles que não sabem ao certo o que estão falando, mas quando se trata de um Sócrates já se faz necessário condena-lo à cicuta.

Desta maneira Sócrates sempre será atual, porque a humanidade sempre tem governos “democráticos” que sempre permitem aos integrantes da população dizer tudo aquilo que pensam enquanto se mostrarem estúpidos, ou coniventes, entretanto no momento em que surgir algum “Sócrates” questionando os “porquês” e os reais motivos por trás das verdadeiras intenções dos que detêm o poder nas mãos a “democracia” passará a ter uma feição bastante diferente podendo até mesmo se parecer com uma tirania.

A poesia da Alquimia Literária vem até nós com o propósito de tornar os episódios da vida de Sócrates mais claros e mais fáceis de serem compreendidos para que cada um possa “democraticamente” avaliar este pensador e as suas palavras que venceram o tempo para se fazerem vivas ainda hoje, convidando o ser humano para que ele: “desperte para o conhecimento de si mesmo”.

A seguir, outras raras gravuras sobre os vizinhos dos gregos daquela época, lembrando sempre da máxima: “Uma imagem vale mais do que mil palavras”; e se o conhecimento liberta, queremos uma humanidade liberta.

José Arantes Junior

COMO ÍNDIOS, OS EGÍPCIOS RETIRAVAM O ESCALPO



Há laços, por mais que pareça insano,
no povo que, da Atlântida, foi salvo,
sugerindo que eram índios americanos
pois apenas índios tiravam o escalpo.

Faraó feminino: Hatshepsut com barba postiça



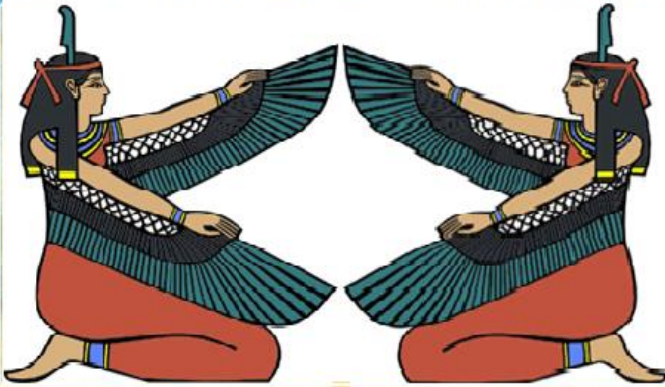
Mulheres também usavam barba postiça,
e é viável dizer baseado nesta marca:
Eram índios, partindo-se da premissa
que nenhum povo indígena tinha barba.

SEM VÍSCERAS, O URUBU ERA USADO COMO CHAPÉU



Os índios tinham marcas tradicionais,
limpavam pássaros com estilo prático
para usarem como chapéus ornamentais,
e apenas esse povo tinha este hábito.

PENAS USADAS DENTRO DA CARACTERÍSTICA INDÍGENA



Vestiam-se tal como pássaros humanos
e este estilo indígena era cultivado
pelos mais variados povos americanos,
e até no templo de Salomão foi usado.

O CETRO E O CAJADO, BEM TÍPICOS DOS EGÍPCIOS



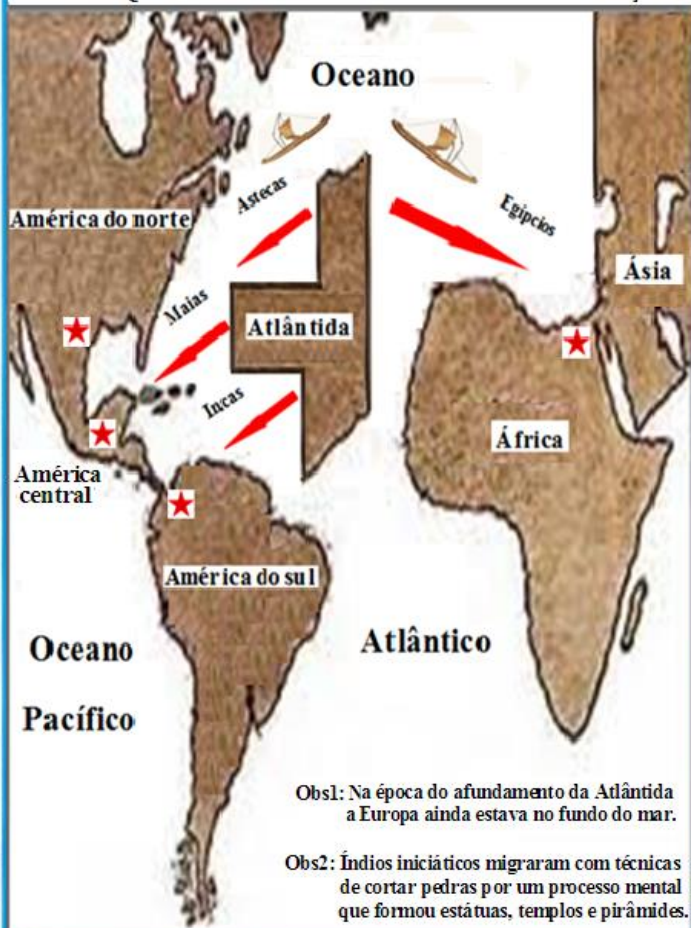
Os egípcios eram índios carismáticos,
com o cetro e o cajado como tradição,
que se tornaram símbolos iniciáticos
e se associaram ao templo de Salomão.

PESQUISA ALEMÃ REVELA A COMPOSIÇÃO DAS MÚMIAS



Pesquisa alemã elucidou a composição
dos componentes das múmias milenares:
Havia fumo e coca para a conservação,
e só existiam em americanos hectares.

VISÃO ESQUEMÁTICA DA ATLÂNTIDA E DAS MIGRAÇÕES



Ainda que Atlântida pareça ser lenda evidências geram uma dedução prática: É necessário que o estudioso entenda que os egípcios não vieram da África.

A APARÊNCIA DA ATLÂNTIDA REVELADA AO PLATÃO



Platão herdou o curioso conhecimento
que egípcios migraram de outra nação,
no ato de se salvarem do afundamento
da Atlântida, o berço da civilização.

A REALIDADE E A FICÇÃO – I

A realidade apresenta possibilidades
que vão até muito além da imaginação,
a Atlântida foi oceânica adversidade
porém os índios fundaram outra nação,

os segredos iniciáticos sobreviveram,
foram passados a Moisés em iniciação,
e do Egito eles também desapareceram
mas ressurgiram no templo de Salomão,

o egrégora mental continuou sua ação,
cortando pedras através da meditação
e o poder mental teve outro endereço,

hebreus também se tornaram iniciados,
os fariseus se tornaram relacionados
com energia que tinha o mesmo apreço.

A REALIDADE E A FICÇÃO – II

No início egípcios subjugaram judeus,
depois judeus obtiveram a libertação,
no templo de Salomão vieram fariseus
e a escravidão obteve a mesma feição,

o Messias veio pregar real liberdade
e Ele disse não ao templo de Salomão,
fariseus não aceitavam contrariedade
e o Cristo foi levado à crucificação,

a vontade divina em prol da redenção
não combina com a ação da escravidão
e desta forma o templo foi rejeitado,

o templo também induz à prostituição,
à degeneração social por manipulação
e este entendimento nos foi ensinado.

A REALIDADE E A FICÇÃO – III

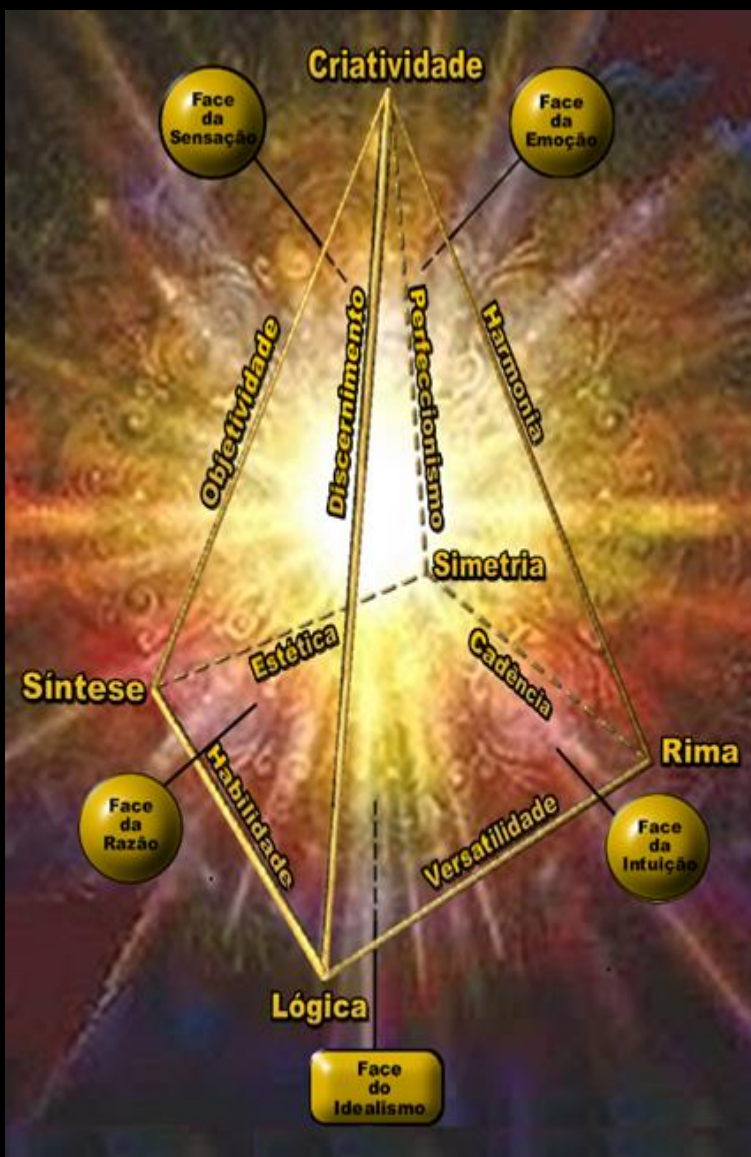
A realidade também utilizou a Grécia como a nação fundadora da democracia, para desmascarar as rudes peripécias dos magistrados com suas hipocrisias,

na Grécia todos podiam se manifestar, porque o referencial era a liberdade, porém ao verem Sócrates se expressar perceberam sua própria instabilidade.

E o templo de Salomão matou o Cristo, Sócrates também teve um fim sinistro em prol da compreensão da humanidade.

Júlio Verne fez uma ficção inspirada porém qualquer inspiração é limitada no limite da própria individualidade.

José Arantes Junior



Esclarecimentos sobre a Pedra Filosofal

A Poesia da Alquimia é o estilo de poesia que se obtém com a Pedra Filosofal aqui representada e compõe o movimento poético que denominamos de Alquimismo, e o poeta que cria esse tipo de poesia é chamado de Alquimista.

Já é do conhecimento geral que os antigos alquimistas dedicavam as suas vidas à procura da Pedra Filosofal para, com ela, transformar o chumbo em ouro, mas todos sabem que essa pedra jamais foi encontrada.

Eu, aqui, transferi essa procura secular da Pedra Filosofal para o mundo virtual das ideias que movem as palavras para, com ela, poder transformar o chumbo (sem atrativos interessantes) de um texto em prosa comum, para o ouro filosofal poético, com todos os atrativos que uma poesia bem elaborada pode despertar no leitor.

A poesia aqui apresentada passa a possuir os referenciais próprios da Pedra Filosofal, desta maneira, a Criatividade que está representada no ápice da pedra será desenvolvida com Lógica, Síntese, Rima e Simetria, sendo, estes, os outros vértices que complementam e definem a pedra em questão. Consequentemente a poesia passa a ser desenvolvida com a lógica dentro do assunto específico, de modo sintético sem prejuízo da coerência, com a rima que toca a emoção e com a simetria que enaltece a sensibilidade. Fazendo com uma frase termine perfilada com a anterior, exatamente por ter o mesmo número de caracteres.

Cinco vértices distribuídos numa pirâmide necessitam de oito vínculos ou ligamentos para que se obtenha um elo entre cada par de vértices na pedra e cada um dos vínculos: Discernimento, Objetividade, Harmonia, Perfeccionismo, Habilidade, Versatilidade, Cadência e Estética dará a sua contribuição referente à sua própria qualidade para que a Pedra Filosofal possa conduzir o texto para o estilo do ouro filosofal poético.

A junção dos cinco vértices com os oito vínculos, faz com que apareçam cinco faces ou planos bem

delimitados na Pedra Filosofal, quatro faces de formato triangular e uma com a forma de um quadrado.

A Face da Razão é triangular e é limitada pelos vértices da Criatividade, da Lógica e da Síntese e pelos diferentes vínculos do Discernimento, da Objetividade e juntamente com o da Habilidade.

A Face da Emoção apresenta um formato triangular e é criada pelos vértices da Criatividade, da Rima e da Simetria e pelos vínculos da Harmonia, do Perfeccionismo e da Cadência.

A Face da Intuição é triangular e ela é delimitada pelos vértices da Criatividade, da Lógica e da Rima e pelos vínculos do Discernimento, da Harmonia e da também da Versatilidade.

A Face da Sensação é triangular e é definida pelos vértices da Criatividade, da Síntese e da Simetria e de maneira complementar pelos vínculos da Objetividade, do Perfeccionismo e da Estética.

A Face do Idealismo apresenta uma forma quadrangular e é constituída pelos vértices da Lógica, da Síntese, da Rima, da Simetria e ainda pelos vínculos da Habilidade, da Versatilidade, da Cadência e da Estética, para formar a base da Pirâmide Filosofal.

Por intermédio da interação destes valores existentes nos vértices, vínculos e faces da Pedra Filosofal, vão se transformando os diferentes textos e trazendo-os para as características da poesia filosofal poética.

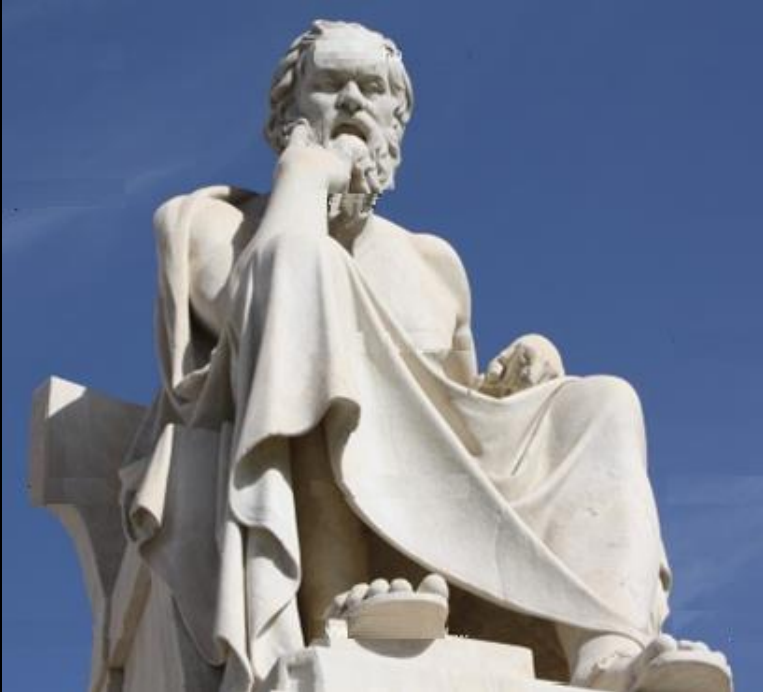
Assim, surge uma nova opção de didática onde é possível estudar quaisquer assuntos com esta arte poética, tais como: medicina, física, química, biologia, história, astronomia, filosofia, religião e tantos outros a mais, embora para muitos estudiosos seja uma verdadeira heresia tentar estudar qualquer assunto em poesia.

No livro “Alquimia Literária” que esclarece os objetivos desta Escola Poética, cada um destes itens da Pedra Filosofal é explicado com um soneto próprio, num total de vinte e dois sonetos de esclarecimentos.

José Arantes Junior

Sócrates

Particularidades



Sócrates: 470 ou 469 – 399 a. C.

1. A FAMÍLIA E AS PRIMEIRAS LUTAS

Sócrates nasce em 469 a.C. em Atenas em um lar deveras modesto e limitado, mas sua rara filosofia entra em cena e o modesto se torna muito inusitado,

Sócrates foi pensador a vida inteira ele era filho do escultor Sofronisco, já a sua mãe era a Fenarete parteira e casa-se com Xantipa após namoro,

luta em Delion e Anfipolis com vigor, luta em Potidéa como raro batalhador e salva Alcebiades de morte pungente,

a filosofia de Anaxágoras tem ilação que prega a sabedoria da coordenação e ela influencia Sócrates plenamente.

2. A MISSÃO DE SÓCRATES

O oráculo de Delfos diz que Sócrates,
em revelações, é o mais sábio humano,
mas ele pensa que elas são só cortes
de uma missão que tem um nobre plano,

a missão era trazer homens à virtude,
e ele era assistido por espírito bom,
desde as suas inconscientes atitudes
e ele ainda o inspirava em seus dons,

não reconhecendo em si mesmo o saber,
interrogava as pessoas para entender
quanta lógica as pessoas já possuíam;

indagou quanto ao que deveriam saber,
assim, ele terminou por si convencer
até de que não sabiam que não sabiam.

3. A IRONIA PERANTE OS FALSOS VALORES

Sócrates confundia, com a sua ironia, diferentes e vaidosos interlocutores, mostrava toda a ignorância que havia e criticava os seus arcaicos valores,

Sócrates ainda criticou a democracia foi contra a condenação dos vencidos, indispôs-se com a velha aristocracia e com seu tino conservador conhecido,

foi tido como subversivo por opinião e por não aceitar os deuses da nação, e pela juventude não ser mais serena,

foi condenado à sentença ignominiosa tendo que morrer com sicuta venenosa em 399 a.C. na rude prisão de Atenas.

4. SÓCRATES E O AMOR À SABEDORIA

Sócrates disse aos atenienses um dia:
Eu lhes tenho alto apreço e gratidão,
porém obedecerei ao Deus de Harmonia,
não deixarei de filosofar pela razão,

o pensador disse, no fim de sua vida:
Quem ocupa um posto que seja o norte,
deve permanecer com firmeza decidida
sem levar em conta nem mesmo a morte,

Sócrates fala de sua índole oportuna:
Não valorizar a matéria ou a fortuna
e sim as virtudes humanas sublimadas,

tornar a alma um ser íntimo incrível,
tornando-a tão digna quanto possível
por intermédio de escolhas acertadas.

5. A IRONIA, A MAIÊUTICA E A INDUÇÃO

Sócrates fez do diálogo interpessoal o método primordial de sua filosofia, e por crença órfico-pitagórica ideal fala que a verdade é íntima harmonia,

o seu diálogo idealiza três momentos: Ironia, maiêutica e depois a indução, a ironia trata de levar o pensamento a se conscientizar da falta de razão,

a maiêutica faz assumir a ignorância para que, o que seria de importância, possa vir à luz em um estado latente,

a indução consiste em se identificar o universal que se tem no particular, como o belo ideal dos seres viventes.

6. A ANTROPOLOGIA DE SÓCRATES

Desinteressando-se pelo valor físico
Sócrates mostra interesse pela moral,
sua antropologia tem tino específico
para só conduzir ao bem e a um ideal,

virtude pressupõe assimilação do bem,
razão pela qual é concebível ensinar,
as virtudes revelam sabedoria também
e a alma supera o corpo em um limiar,

um domínio de si afasta desejo ímpio,
temperança leva a alma ao equilíbrio,
e, para um bem, basta ser consciente,

todas as pessoas buscam a felicidade,
o vício não passa de irracionalidade,
e ninguém pratica um mal lucidamente.

7. O ORÁCULO DE DELFOS E SÓCRATES

O dom do oráculo de Delfos atemporal
era: Conhece-te a ti mesmo, como lei,
o oráculo elegeu Sócrates como ideal
porém ele disse: só sei que nada sei.

Falando sobre a justiça ou a coragem
Sócrates só perguntava: o que é isto?
Induzindo todos a uma nova abordagem
perante um questionamento imprevisto.

Esparta agrediu Atenas nesta ocasião,
Como explicar a moral nesta situação?
E até a juventude optava pela ironia;

os conservadores estavam preocupados
em reavivar o seu politeísmo abalado,
mas para Sócrates era velha anomalia.

8. A ASSEMBLÉIA DOS 500 EM ATENAS

Sócrates era monoteísta por simpatia,
e desta forma recebeu sua condenação,
por descartar os deuses da mitologia
levando jovens a desviar sua devoção,

a assembleia dos 500 fez sua votação
e por 280 a 220 ele se viu condenado,
a morte era a pena para sua acusação
e, pela sicuta, pereceria envenenado,

sua sentença demorou a ser executada
as propostas de fuga foram recusadas
e ele permaneceu ali revelando calma,

enquanto ele ficou na arcaica prisão
o assunto principal de sua discussão
era a força na sobrevivência da alma.

9. A ÚLTIMA IRONIA DE SÓCRATES

Sócrates profere as últimas palavras
enaltecendo sua ironia tão conhecida,
enquanto o tempo na prisão se agrava
sua inusitada coerência se consolida;

era condenado por rejeitar os deuses
mas a pena se torna razão descoberta,
e se fossem reais, ao menos às vezes,
Esculápio haveria de honrar a oferta,

Sócrates pede a Críton um sacrifício
de um galo a Esculápio num artifício
para testar o deus dos males da vida,

se o deus Esculápio fosse verdadeiro
haveria de curar seu dano derradeiro,
esta última ironia foi sua despedida.

10. A ORIENTAÇÃO DO COMPORTAMENTO HUMANO

Sócrates é um dos maiores pensadores que distinguiu a filosofia ocidental, o belo, o bom e o justo eram valores que magnetizavam sua atenção pessoal,

o socratismo simboliza uma revolução que muda a reflexão do mundo natural para o mundo onde a humana percepção passa a ser o mais forte referencial,

Sócrates desenvolveu nobre convicção em relação à força da boa orientação para se elevar o comportamento usual,

orientando-se os homens corretamente eles se comportarão inteligentemente e a correção do caminho será gradual.



Vasos da Grécia antiga – I



Vasos da Grécia antiga – II

INTRODUÇÃO – O BANQUETE

Imaginar a descrição de um banquete uns 430 a. C. em qualquer localidade do mundo é praticamente impensável, ainda mais com essa riqueza de detalhes que Platão conseguiu sintetizar para expor em seu livro.

Assim, muito antes de pensar na hipótese de estar turvando o entendimento desta obra, eu espero estar contribuindo para a compreensão desta que é verdadeira jóia rara da literatura mundial, uma raridade sem paralelo que, de saída, já causa uma certa apreensão na medida em que o próprio Platão afirmava que não seria possível o fato de se almejar filosofar empregando o método da poesia.

Este conceito de que não é possível filosofar cultivando outras modalidades de escrita foi compartilhada pela grande maioria de escritores e aqui neste livro eu estou literalmente remando contra uma correnteza milenar, mas espero que esta ousadia não subtraia em nada a clareza e a coerência desta obra que é raro patrimônio da antropologia humana pela antiguidade e pela ideologia cultivada.

O banquete traduz a reunião de seis amigos que decidem que ao invés de beber, cada um iria fazer um discurso para homenagear um deus que até ali não tinha recebido muitas homenagens: o deus Amor e então este seis palestrantes intelectuais começam a fazer, cada qual, o seu discurso com as características de raciocínio que revela bem as crenças e as ideologias da época, que era impregnada pela crença nos deuses do Olimpo, contudo apesar de toda aquela mitologia, revelavam valores que o amor possui.

Pausânias, Fedro, Erixímaco, Aristófanes, Agatão e Sócrates são os seis palestrantes e cada um fala expressando os seus valores pessoais e por isso mesmo essa é uma obra bastante especial pois cada um deles tem valores bastante diferentes, todavia permeados pela mitologia que existia naquela época e assim, nas diferentes explicações as considerações enalteciam o Amor, porém eles colocavam os valores mitológicos juntamente fazendo referências a Orfeu, Alceste, Aquiles, Afrodite Urânia, Afrodite Pandêmia, Zeus, Urano, Dione, Esculápio, Apolo, Andróginos (seres mistos),

Otes e Efialtes (como dois gigantes), Hades, Hefesto, Ate, Crono, Jápeto, Ares, “Prudência”, “Recurso”, “Pobreza”, Hércules, Coronis, Sátiros, Silenos, Dionísio e Atena.

Toda a mitologia da Grécia antiga se desfila por intermédio das palavras dos intelectuais integrantes do ilustre discurso e assim hoje tantos séculos depois podemos ter uma verdadeira apreciação dos valores mitológicos que moviam as suas individuais e coletivas concepções.

Um sétimo personagem aparece nas palavras de Sócrates, trata-se de Diotima de Mantinea a mentora e mestra que ensina Sócrates a filosofar, até um certo ponto ensina Sócrates a sofismar fazendo malabarismos mentais e até brincando com as palavras para fazer prevalecer os seus pontos de vista, entretanto Diotima também faz alusão a um “belo em si” que é um ser de luminescente beleza e que é o detentor do ideal de Amor sublimado, que não é possível contemplá-lo sem se deixar contagiado pelo verdadeiro Amor e sem se propor a uma transformação em prol do bem.

Um oitavo personagem aparece no final de todos os discursos dos diversos palestrantes, trata-se de Alcebiades que aparece com uma coroa na cabeça para com ela coroar Agatão e ele também acaba coroando Sócrates e depois faz um discurso elogiando Sócrates.

Há o nono personagem presente no discurso, trata-se de Aristodemo que não fala nada neste banquete, mas que acaba sendo de fundamental importância porque passou o que sabia para Fênix, a décima personagem e este passou para Apolodoro, a décima primeira personagem, que fica sabendo dos pormenores que ali se desenrolaram, para depois passá-los a Platão, a décima segunda personagem, e Platão soube compilar estes fatos e estas falas que formaram os valores expostos naquele banquete, para assim brindar a humanidade com os valores de uma cultura que se distancia da nossa em quase 2.500 anos, lapso de tempo que apagou a maioria das culturas daquele tempo e que delas podemos ter apenas uma vaga ideia, mas aqui podemos nos aprofundar e sondar os valores e a imaginação de cada um dos ilustres palestrantes daquele banquete.

José Arantes Junior

Sócrates

O Banquete



Descobrir um banquete na antiguidade,
em torno de 430 a.C. aproximadamente,
com os valores de cada personalidade,
é historicamente muito surpreendente.

11. PLATÃO ABORDA APOLODORO

Apolodoro: Eu subi há pouco à cidade de minha casa na Falero providencial, há seis quilômetros desta localidade que é um bom porto da Atenas capital,

quando um alguém de meu conhecimento chamou-me com seu tom de brincadeira: Falerino! Olha Apolodoro! Um momento! E eu parei em nome das boas maneiras,

Platão disse: Apolodoro, um instante, conte-me sobre o banquete importante unindo Sócrates, Alcebíades e Agatão,

quero entender o Sócrates orientador, saber de seus discursos sobre o Amor e sobre os demais tópicos da reunião.

12. O BANQUETE COMO HOMENAGEM A AGATÃO

Platão: Eu já escutei muitos relatos
de alguém que escutou de Fênix antes,
ele disse que tu sabias destes fatos,
mas ele não sabia nada de importante,

Apolodoro: Equivoca-se este narrador,
o banquete ocorreu já há muito tempo,
Agatão ausentou-se em ação de viajor
e só há três anos busco este intento,

eu era muito miserável naqueles dias
e não conhecia a lógica da filosofia
e tudo se deu quando éramos crianças,

quem venceu um concurso foi o Agatão
com a tragédia de sua boa inspiração
e o banquete homenageava sua pujança.

13. PLATÃO QUESTIONA SOBRE O BANQUETE

Platão: Ora, isto já faz muito tempo,
foi o próprio Sócrates quem te falou?

Apolodoro: Não, quem contou o evento
a Fênix e até como ele se desenrolou,

era chamado Aristodemo de Cidateneão
de estatura pequena, andava descalço,
amava Sócrates pela grande concepção
e não via na amizade nenhum percalço,

perguntei a Sócrates sobre este tema
e ele me confirmou sem nenhum dilema
e como sempre enriqueceu a descrição,

se, pois, é preciso te contar também
conto com a certeza que tenho no bem
com o dom de Sócrates por inspiração.

14. CONCEPÇÃO DE APOLODORO SOBRE A FILOSOFIA

Apolodoro: Falando sobre a filosofia
eu me empolgo como mero principiante,
e outros temas me provocam antipatia
como sobre os ricos e os negociantes,

os ricos me provocam certa irritação,
e por outra via me despertam piedade,
podes me achar infeliz na explanação,
mas também és com real probabilidade,

Platão: Oh Apolodoro, és mesmo assim,
maldizendo a ti e aos ignóbeis enfim
excluindo Sócrates e a sua filosofia,

teu apelido de mole não é verdadeiro,
duro contigo e com teus companheiros
só absolvendo um mestre de sabedoria.

15. ARISTODEMO VISITA SÓCRATES

Apolodoro: Caríssimo, é tão evidente que, falando de nós, estou a delirar?

Platão: Mas brigar não é conveniente e, dos discursos, voltaremos a falar,

Apolodoro: Aristodemo fez uma visita ao Sócrates de sua sincera admiração, e o observou trajado de forma bonita, banhado e com sandálias de estimação,

Aristodemo indagou aonde ia tão belo, Sócrates respondeu: Unir-me como elo, Isto é, num jantar na casa de Agatão,

eu o evitei em cerimônias da vitória com medo da multidão e sua vanglória, mas vou ao banquete para comemoração.

16. SÓCRATES FAZ CONVITE EM ARGUMENTO DE HOMERO

Sócrates: Eis porque eu me embelezei
afim de ir belo à casa de outro belo,
mas como eu aqui também te encontrei,
venha comigo sem um convite como elo,

Aristodemo: Certo, eu vou juntamente,
Sócrates: Mudamos, em festa de bravo
outros bravos se convidam livremente,
e o provérbio mudado não trás agravo,

Homero alterou o provérbio existente,
Agamenão era muito bravo nitidamente
e Menelau era apenas o mole lanceiro,

mas quando o Agamenão se banqueteara,
Menelau, sem nenhum convite, chegava
o fraco no festim do bravo guerreiro.

17. AGATÃO RECEBE ARISTODEMO AMISTOSAMENTE

Aristodemo: Sócrates, a maior chance
é a de ir à condição de muito vulgar
ao festim de um sábio de bom alcance
sem nenhum convite para me legalizar,

Sócrates: Decidiremos o que comentar,
voltando ao caminho ele disse avante,
Sócrates pôs-se a andar mais devagar
porém pedia que ele seguisse adiante,

chegado à casa do homenageado Agatão
um dos servos surgiu para a recepção
e com o âmagô da casa já como limite,

Agatão exclamou: Aristodemo, que bom!
jantar conosco será de muito bom tom,
procurei em vão para dar teu convite!

18. SÓCRATES PARA NO MEIO DO CAMINHO

Agatão: Onde está o Sócrates andador?

Aristodemo: Vinha com ele no caminho porque ele me convidou como mediador, mas agora eu acabei chegando sozinho,

Agatão considerou: Fizeste muito bem, mas onde está este Sócrates pensador?

Aristodemo: E antes ele vinha também onde estará o seu senso participador?

Agatão mandou outro servo o procurar logo depois ele voltou para anunciar: Sócrates parou e não quer vir comigo,

Aristodemo: O Sócrates é assim mesmo, às vezes parece que ele pensa a esmo, este hábito é um tanto quanto antigo.

19. SÓCRATES CHEGA UM POUCO ATRASADO

Aristodemo: Deixei o Sócrates pensar
e, onde quer que esteja, fica parado,
mas não vos altereis, ele vai chegar,
ele virá quando já estiver preparado,

Agatão: Está bem, se é a tua opinião,
meninos, atendam aos nossos convivas,
sei que atuam quando não dou atenção,
mas agora sirvam com ação mais ativa,

Agatão quis chamá-lo insistentemente
e Aristodemo pediu para ser paciente,
e finalmente Sócrates veio ao jantar,

chegou sem o atraso de outra ocasião,
quando estavam na metade da refeição,
assim, Agatão o convidou a se sentar.

20. DIVÃS DISPOSTOS EM FORMA DE FERRADURA

Os divãs do banquete naquela ocasião
eram dispostos em forma de ferradura,
um extremo esquerdo era do anfitrião,
um direito, do homem de desenvoltura,

Agatão disse enquanto estava sozinho:
Aqui, Sócrates, senta-te ao meu lado
para que meu ideal entenda o caminho
que o teu já deve ter bem desvendado,

e auferir da ideia que te inspiraste
em frente da tal casa em que paraste
para evoluir também minha inspiração,

Sócrates: Do cheio se corre ao vazio,
portanto, sem sofisma e sem desvario
tua sabedoria alimentará minha razão.

21. TROCA DE ELOGIOS ENTRE SÓCRATES E AGATÃO

Sócrates: Aprecio sentar ao teu lado
para me beneficiar com tua sabedoria,
a minha é assim como sonho inacabado
e a tua apresenta brilhante sintonia,

a tua se identifica desde a mocidade
e anteontem triunfaste na competição,
tornando-se visível para a sociedade
a mais de trinta mil gregos cidadãos,

Agatão: Sócrates, és homem insolente
com relação a quem é mais consciente,
Dionísio julgará a nossa compreensão,

porém agora prepara-te para o jantar
e senta-te para poder nos acompanhar
neste jantar de fraterna comemoração.

22. LIBAÇÕES, HINOS E RITOS APÓS O JANTAR

Sócrates jantou com os participantes,
fizeram então as libações conhecidas,
tocaram hinos ao deus mais relevante
com ritos e após serviram as bebidas,

Pausânias então começou seu discurso:
Qual o melhor meio de bebermos agora?
Ontem eu bebi num diferente percurso
e agora minha resistência foi embora,

Aristófanes: Esta é uma boa sugestão
que bebida não venha a ser imposição,
também bebi de forma muito exagerada,

Erixímaco: Para mim e para os outros,
somos incapazes de árduos confrontos
e Sócrates se excetua à regra citada.

23. A FLAUTISTA É LIBERADA DE SUA FUNÇÃO

Erixímaco: Ninguém quer se embriagar
e pela prática que tenho de medicina,
sei que é um erro que devemos evitar
e, a vã ressaca, menos ainda combina,

Fedro: Costumo sempre te dar atenção,
principalmente com medicina em conta,
eu acredito que todos te darão razão
e a bebida não será causa de afronta,

Erixímaco: Então aqui fica combinado
que nenhum participante será forçado,
só beberá no limite de seus recursos,

liberemos a flautista e a sua função
que ela toque alhures sua composição
e nossa reunião será só de discursos.

24. ERIXÍMACO PROPÕE DISCURSO COM O TEMA: AMOR

Erixímaco: O exórdio de meu discurso,
é como Melanipa do Eurípedes criador,
pois, de Fedro, nasce o seu percurso
e lembra que é preciso elevar o Amor,

Fedro indagou: Não é de se estranhar
que para outros deuses exista poesia,
e, ao Amor, ninguém conseguiu louvar,
nenhum poeta que trás rara sabedoria?

Escrevem a Hércules os seus louvores,
como Pródico, com seus raros valores,
e até mesmo o sal já teve seu louvor,

ao Amor, ninguém dá a devida atenção,
eu Erixímaco darei minha colaboração
e que Fedro comece mostrando o valor.

25. SÓCRATES RECLAMA DA POSIÇÃO DOS DIVÃS

Sócrates: ninguém te fará reprovação,
oh Erixímaco, pois nem eu certamente
que tenho no Amor a minha inspiração
rejeitaria proposição tão pertinente,

nem Aristófanés, Pausânias ou Agatão
trabalhadores de Dionísio e Afrodite,
nem qualquer outro com outra devoção,
rejeitarão a opção por outro palpite,

contudo não é justa a atual situação
por causa de posições na localização
para os que ficam em últimos lugares,

se estes primeiros forem conscientes
só falando de modo belo e suficiente
todos apresentarão seus particulares.

26. FEDRO COMEÇA O DISCURSO SOBRE O AMOR

Fedro então começou a sua explanação
dizendo que o Amor é um deus valioso,
que é antigo seu louvor na população
e entre os deuses o antigo é honroso,

o Amor não veio através de genitores,
Hesíodo diz que havia o caos inicial,
depois a terra assentou seus valores
eles geraram o princípio fundamental,

entre os deuses o Amor é mais antigo
é onde um bem tem o seu maior abrigo,
o Amor é a maior virtude da mocidade,

o Amor leva a se pejar pelo horrível
e a se inspirar pelo que é plausível,
nada nesse mundo tem tanta qualidade.

27. VIRTUDES DESENVOLVIDAS PELO AMOR

Fedro: Nada é tão vivo quanto o Amor,
ele é maior que riquezas e honrarias,
faz nos envergonhar de um vil clamor
e dá real apreço a uma bela sintonia,

sem o Amor como valor não é possível
produzir obras belas e interessantes
e qualquer ato vergonhoso concebível
envergonharia um ser amado bem antes,

nem a amigos e nem também a parentes
a fortaleza do Amor é tão envolvente
quanto ela se torna para o ser amado,

diante da vergonha por real covardia
nem o parente tanto se envergonharia
quanto se, pelo Amor, fosse avaliado.

28. A FORÇA DESENVOLVIDA PELA AÇÃO DO AMOR

Fedro: É sobretudo diante de amantes
que a vergonha é bem mais vergonhosa,
se pudessem unir todos os habitantes
esta seria a maneira mais proveitosa,

então o Amor uniria todas as pessoas
e as pessoas através de sua harmonia
trocariam as atitudes más pelas boas
e porfiariam em apreço por honrarias,

se se pudesse até formar um batalhão
com soldados neste espírito de união
eles venceriam facilmente o opositor,

quem abandonasse a porfia em questão
sentiria pejo do Amor de sua afeição
e a morte seria melhor que este teor.

29. CITAÇÃO DE UMA FRASE DE HOMERO

Fedro: E quanto a abandonar um amado
e não socorrê-lo diante de um perigo,
o Amor torna o ser deveras inspirado
e ele até se sacrificaria pelo amigo,

com o Amor o ser se torna semelhante
ao mais belo e generoso conquistador,
Homero cita uma frase bem importante:
"o Amor inspira os heróis com ardor",

o Amor doa de si mesmo em inspiração
aos amantes que vivenciam a vibração
que emana do seu âmagô significativo,

só os que já amam incondicionalmente
sacrificariam a vida conscientemente
para salvar alguém de revés aflitivo.

30. O SACRIFÍCIO DE ALCESTE EM PROL DO AMOR

Fedro: As mulheres também têm obtido esta influência que é típica do Amor, como a doce Alceste que, pelo marido, se sacrificou de um modo arrebatador,

ela aceitou sua morte com resignação e morreu por seu marido como heroína, nem pai e nem mãe quis esta condição, entretanto ela não rejeitou sua sina,

este gesto pareceu belo à humanidade e também aos seres que têm divindade e ela pôde voltar ao Hades novamente,

os deuses honram ao máximo a virtude por isso reconheceram na sua atitude o gesto que foi considerado eminente.

31. A CONDIÇÃO DE QUEM NÃO SE INSPIRA NO AMOR

Fedro: Pode-se narrar outra situação onde Orfeu, filho do Eagro ancestral, volta sem alcançar sua reivindicação já que só viu um espectro espiritual,

não lhe doaram a mulher em seu teste por parecer que ele só se acovardara não sabia perder a vida como Alceste e a sua condição somente se agravara,

em contrapartida Orfeu fez um plano para entrar no Hades como um humano querendo vencer como "conquistador",

as mulheres arquitetaram a sua morte e ele apenas teve essa funesta sorte porque não soube se inspirar no Amor.

32. O AMOR ANALISADO NA ILÍADA DE HOMERO

Fedro: Orfeu não teve tanta honraria
quanto o Aquiles teve em sua querela,
a mãe de Aquiles diz-lhe em profecia
que a morte de Heitor traria sequela,

se Aquiles matasse Heitor em combate
ele morreria no curso daquela guerra,
porém se ele o poupasse em contraste
Aquiles voltaria vivo para sua terra,

entretanto, Aquiles preferiu a morte,
pois seu Amor Pátroclo teve má sorte
e desta forma preferiu ser eliminado,

seu Amor foi visto como algo genuíno
então os deuses honraram seu destino
e foi para o rol dos bem aventurados.

33. PAUSÂNIAS COMEÇA O SEU DISCURSO

Pausânias: Fedro, não me parece bela a forma como foi proposto o discurso, pois elogio ao Amor é só uma parcela do que deveria ter um pleno concurso,

se o Amor fosse só uma unidade ideal na realidade já estaria bem decidido, mas como não é um só de modo natural, a qual deles o elogio será proferido?

Sem o louvor do Amor não há Afrodite e na verdade é um binômio que existe onde duas deusas fazem a intercessão,

se há duas deusas com os seus teores portanto dois também serão os amores e se manifestam com dupla inspiração.

34. AS DUAS DEUSAS AFRODITE LIGADAS AO AMOR

Pausânias: Há duas Afrodites ligadas a filha de Urano é o mais velho aval e não tem mãe no modo que foi gerada e denominamos de Urânia, a celestial,

a segunda é filha de Dione e de Zeus denominamo-la de Pandêmia, a popular, Urânio, o primeiro amor que apareceu, Pandêmio, o segundo a se identificar,

uma dinâmica não é bonita e nem feia depende de cada fato que se encadeia como agora estamos a beber e a falar,

portanto o amar e o Amor relacionado não é todo belo e digno de ser amado, porém só o que leva a belamente amar.

35. O AMOR DA AFRODITE PANDÊMIA

Pausânias: Amor de Afrodite Pandêmia
é caracteristicamente o Amor popular,
e simboliza a união de macho e fêmea,
é com ele que jovens vão se inspirar,

nesse dom de Amor que é da juventude
ama-se mais a matéria do que o ideal,
e ainda é desprovido de real virtude
tendo em mira apenas seu ato inicial,

desta força que nasce da emotividade
nasce regido por dom de feminilidade
tanto o que é bom quanto o contrário,

e sob a égide desta deusa mais jovem
as forças pessoais iniciais se movem
em direção aos limites do imaginário.

36. O AMOR DA AFRODITE URÂNIA

Pausânias: O Amor de Afrodite Urânia é um Amor que nasce da masculinidade, ele distancia-se bastante da insânia que, no início, nasce da emotividade,

os direcionados pela ação deste Amor agem impulsionados pela inteligência, e se identificam de modo alicerçador com os que despertam sua consciência,

desta forma, podem ser identificados com os que já começam a ser barbados e preferem se conduzir com coerência,

inicialmente podem aparecer mudanças assim é incerto o destino da criança pela inaveriguabilidade da inocência.

37. O AMOR EM DIFERENTES POPULAÇÕES

Pausânias: Amantes da real sabedoria voluntariamente se impõem restrições, amantes populares devem ter sintonia para também disciplinarem suas ações,

os amantes populares geraram censura e alguns consideram até despropósito aquiescer aos amantes em sua postura já que a luxúria não é bom propósito,

em Élida, na Beócia e na Lacedemônia respaldaram os amantes sem cerimônia e ninguém diz que é feio seus amores,

na Jônia e nas bárbaras localizações a licenciosidade selou suas opiniões e veem os amantes com outros valores.

38. GOVERNANTES SEM O ÍMPETO DO AMOR

Pausânias: Sem o Amor os governantes castram as ideias de seus governados, as amizades e associações relevantes e tudo o que, pelo Amor, é inspirado,

numa cidade, com Amor de Aristogitão, junto de Harmódio e sua real amizade, destituiu-se o tirano de sua direção, libertando o povo daquela localidade,

onde o Amor foi visto como reprovado o seu dia a dia tornou-se degenerado pela ambição de tiranos oportunistas,

com a ambição de tiranos comandantes proibiram-se a liberdade dos amantes gerando poder muito intervencionista.

39. AS CARACTERÍSTICAS DO AMOR EM ATENAS

Pausânias: Aqui em Atenas foi fixado que é bem preferível amar claramente do que de modo escondido e camuflado, sobretudo os mais nobres e eminentes,

e podem ser mais feios do que outros, eles obtêm encorajamento dos amantes, pelas suas conquistas nos confrontos e, sem elas, os atos são degradantes,

o amante, no toque a ser conquistado, obtém a possibilidade de ser louvado até na prática de atos extravagantes,

atos feitos com outras objetividades têm as maiores censuras da sociedade, e só um Amor tem liberdade relevante.

40. AS DIFERENTES ATITUDES EM PROL DO AMOR

Pausânias: Se, por querer o dinheiro,
ou por querer um posto de comandante,
um homem, no procedimento costumeiro,
fizesse o mesmo que fazem os amantes,

fazendo súplicas e até prosternações,
fazendo juras e mesmo subserviências,
seria impedido, nestas manifestações,
por inimigos e amigos de convivência,

alguns o recriminariam pela adulação,
outros o reprovariam com admoestação
e ele seria apenas mais um insensato,

mas se o amante é o autor desta ação
ninguém interpreta como uma rejeição
e é como se estivesse em um belo ato.

41. A PRUDENTE CONTENÇÃO DO AMOR

Pausânias: O mais estranho é na jura,
porque só terá um perdão se perjurar,
pois seu juramento não tem estrutura
que compromissos sociais vão revelar,

deuses e homens deram real liberdade
ao amante e aos seus valores no Amor,
e a sociedade reconhece com equidade
tanto amante quanto amado pelo valor,

alguns pais designam um acompanhante
para que amados não vejam os amantes
evitando que hajam excessos nos atos,

esta ação envolve certa complexidade
mas como jovens têm muita labilidade
este subterfúgio acaba sendo sensato.

42. O MAU ÍMPETO DO AMOR POPULAR

Pausânias: O Amor, como envolvimento,
por si mesmo não é belo e nem é feio,
com decência, traz belo encantamento,
em indecência, tem feiura de permeio,

o feio e o mau vem do amante popular
que ama mais o corpo do que o mental,
o corpo que ele ama vai se degenerar
e o seu Amor provará ser superficial,

o mau amante popular não é constante,
pois ama um objeto que é inconstante
e por isso traz inconstantes valores,

quando termina o belo que é corporal
o amante popular alça um voo natural
sem respeito às promessas anteriores.

43. A LABILIDADE DO AMOR DE FEIÇÃO POPULAR

Pausânias: O amante de caráter nobre
é leal e é constante por toda a vida,
no foco do ideal o caráter o recobre
e sua personalidade fica distinguida,

estes são os dois modelos de amantes,
a uns a sociedade mostra a aceitação,
a outros, traduzindo os inconstantes,
a sociedade demonstra a sua rejeição,

é feio se enamorar do amante popular
ou quando, pelo dinheiro, se motivar,
ou pelo prestígio político vinculado,

nenhuma destas vantagens é constante
nem mesmo se tem amizade nobilitante
nascendo destes enganosos predicados.

44. O AMOR À JUVENTUDE E À VIRTUDE

Pausânias: O povo aceitará a atitude de um amante que distingue uma amada, e só em caso que envolva uma virtude uma outra possibilidade será louvada,

não é ação censurável e nem adulação se alguém servir a outro por avaliar que sua sabedoria terá real evolução pela boa atividade que irá se firmar.

Portanto, existe o Amor da juventude e também o Amor ao saber e à virtude e o amado deverá aquiescer ao amante,

quando este amado já puder colaborar com um saber que acabou de assimilar diz-se que seu aquiescer é relevante.

45. DIFERENÇA NA INTENÇÃO, DIFERENÇA NO AMOR

Pausânias: Se o amado aceita a união
por querer a sabedoria e as virtudes,
mesmo enganado não haverá a rejeição
pois é louvável o tom de sua atitude,

porém se o amado aceitasse um amante
para se beneficiar com suas riquezas,
e depois descobrisse ser um farsante
nem por isso o seu Amor teria beleza,

à deusa Urânia, os bons vão se ligar,
e os maus unem-se à Pandêmia popular
e assim cada qual mostra o seu valor,

esta é, oh Fedro, minha contribuição
que apresentei de improvisada feição
sobre as diversas amplitudes do Amor.

46. A CRISE DE SOLUÇOS DE ARISTÓFANES

Depois que Pausânias acabou de falar Aristófanos deveria falar em seguida, mas um acesso de soluços o fez parar e disse a Erixímaco em contrapartida:

Oh Erixímaco, acabas tendo indicação para parar meus soluços ou discursar. Erixímaco: Eu farei uma e outra ação e depois de são falarás em meu lugar,

enquanto falo, buscando um argumento, prenda teu fôlego por bastante tempo ou gargareja com água constantemente,

ou aspira algo que o leve a espirrar duas e até três vezes deverão bastar enquanto eu agora falo primeiramente.

47. ERIXÍMACO COMEÇA SEU DISCURSO SOBRE O AMOR

Erixímaco: Pausânias falou muito bem
mas não rematou a fala completamente,
e em nome de um argumento ainda além
vou fazer um remate algo conveniente,

eu aceito, quanto a ser duplo o Amor,
que trata-se de consciente distinção,
mas o Amor não direciona este louvor
só aos jovens como forma de proteção,

existe Amor em muitos outros objetos,
nos outros animais, de modo concreto,
em plantas e em todos os seres vivos,

o corpo pode estar hígido ou doentio,
há Amor no estado mórbido e no sadio,
e a interação é como princípio ativo.

48. AMOR CORPORAL ENTRE O FEIO E O BELO

Erixímaco: Corpos geram o duplo Amor
e apresentam-se em interação genuína
alteram-se do mórbido ao sadio valor
e quem estuda esta arte é a medicina,

aquele que distingue o Amor corporal
entre feio e belo pela transformação,
é identificado como bom profissional
pois sabe mudar melhor cada situação,

sabe obter o Amor onde deveria haver,
sabe alterar um corpo quando adoecer
para se ter saúde pela estabilização,

faz com que elementos hostis ligados
possam ser adequadamente modificados
para que se obtenha saúde por reação.

49. A HARMONIA DOS OPOSTOS EQUILIBRAM O AMOR

Erixímaco: Opostos são tão evidentes
quanto mais hostis forem as relações,
o amargo e o doce, o frio e o quente,
o seco e o úmido e outras interações,

foi por se perceber concórdia e Amor
que o deus Esculápio, nosso pioneiro,
inventou a medicina e seu raro valor
abrandando reações de modo altaneiro,

Esculápio é filho do Apolo diligente
e da linda mortal Coronis juntamente,
ele é o patrono da medicina curadora,

a medicina, a música e a agricultura
almejam este equilíbrio na estrutura
junto com a ginástica disciplinadora.

50. MEDICINA E MÚSICA EM PROL DO AMOR

Erixímaco: Heráclito tem um conceito:
um discorda de si mesmo e se inspira,
para concordar novamente, com efeito,
como a harmonia de um arco e da lira,

talvez ele quis revelar a combinação
entre o agudo e o grave discordantes
que, na música, formam uma interação
para se unirem em um som emocionante,

porém, agudo e grave em discordância
não produzem harmonia em consonância
pois consonância requer estabilidade,

medicina estabelece concórdia e Amor,
música se impõe com semelhante valor
e obtém-se harmonia com naturalidade.

51. HARMONIA DOS CONTRÁRIOS NAS ESTAÇÕES E NO
AMOR

Erixímaco: Na elaboração da harmonia
não é difícil comprovar elos do Amor,
mas se o homem é meta desta sintonia
torna-se difícil confirmar este teor,

os homens que são bem mais moderados
devem aquiescer para firmar seu Amor,
que é o Amor da musa Urânia revelado
ao invés do da popular constrangedor,

e tanto na música quanto na medicina
ou ainda nas diversas artes genuínas
os dois amores deverão ser avaliados,

veem-se em estações e até no plantio,
em seco e úmido, ou em quente e frio
que os amores devem ser harmonizados.

52. AS VIOLÊNCIAS GERAM ALTERAÇÕES NO AMOR

Erixímaco: Se o Amor traz violências
as estações do ano sofrem desavenças,
acontecem estragos como consequência
e podem advir peste e outras doenças,

geadas, granizos e rudes intempéries
podem ocorrer por alterações do Amor,
provocando também desastres em série
em virtude do mesmo efeito alterador,

o conhecimento de translações anuais
permite o controle de ações sazonais
e isto já é estudado pela astronomia,

cada astro tem uma típica trajetória
este fato preside a arte divinatória,
todavia é o Amor que gera a harmonia.

53. O AMOR AGE EM PROL DE CURAS MEDICINAIS

Erixímaco: Estes são os pontos reais
de ação entre os deuses e as pessoas,
sobre associações e curas medicinais
e o Amor age com sua energia de proa,

o Amor se manifesta entre os humanos
para uma grande mudança da realidade,
liberta-nos do ódio e dos desenganos
gerando a justiça divina e a piedade,

talvez, também eu, ao elogiar o Amor
tenha omitido algum fato idealizador,
mas ainda pode ter a vez no discurso,

oh Aristófanês, faça tua dissertação
completando ou mostrando outra noção
uma vez que já inibiste o teu soluço.

54. ALTERAÇÃO ENTRE ERIXÍMACO E ARITÓFANES

Aristófanes: Sim, o soluço já cessou,
entretanto, eu ainda muito me admiro
de que a eficiente inibição precisou
da dinâmica da técnica de um espirro.

Erixímaco: Melhor meta é a plenitude,
fazes graça, quando ainda vais falar,
assim me forças a vigiar tua atitude
quando ainda és livre para discursar.

Aristófanes: Tens razão, vou moderar,
todavia não é mais preciso me vigiar,
pois o que vou dizer não é engraçado,

Erixímaco: Aristófanes, lança a seta,
presta a conta da forma mais correta
e eu te deixarei totalmente liberado.

55. ARISTÓFANES COMEÇA O DISCURSO SOBRE O AMOR

Aristófanis: Direi sobre outro valor
diferente do citado pelos anteriores,
se os homens entendessem mais o Amor
haveriam templos de grandes louvores,

eu vos ensinarei como numa iniciação,
para falardes aos outros futuramente,
antigamente existia outra disposição,
diferente da que se vê presentemente,

e eram três os gêneros da humanidade,
existem feminilidade e masculinidade
e outrora havia o andrógino em união,

o andrógino tinha a feição diferente,
criando o terceiro gênero juntamente,
como Empédocles diz em sua concepção.

56. DESCRIÇÃO DO TIPO ANDRÓGINO DA ANTIGUIDADE

Aristófanés: O tipo andrógino citado
tinha forma num inteiriço envoltório,
o dorso tinha um formato arredondado
e os flancos em círculo no somatório,

quatro membros superiores associados,
quatro membros inferiores em ligação,
dois rostos sobre o pescoço torneado,
todavia a cabeça era uma só em união,

seus rostos eram opostos um ao outro,
tinham ainda dois sexos em confronto
e quatro orelhas marcavam as feições,

eles caminhavam eretos habitualmente,
mas corriam de forma muito diferente,
gerando cambalhotas e circunvoluções.

57. OS ANDRÓGINOS DESAFIARAM OS DEUSES

Aristófanés: O andrógino era prático em relação a uma corrida comparativa, ele erguia as pernas e girava rápido, as cambalhotas se tornavam roda viva,

então existiam três gêneros no mundo: o masculino, do sol, era proveniente, já o feminino, da terra, era oriundo, um andrógino, da lua, era procedente,

comportavam-se como seres circulares e em círculos iam a todos os lugares demonstrando força e vigor incríveis,

andróginos eram seres muito garbosos e também tornaram-se tão presunçosos que desafiaram os deuses inflexíveis.

58. HOMERO CITA GUERRA DE GIGANTES E ANDRÓGINOS

Aristófanis: Há o relato até sucinto
onde Homero cita que alguns gigantes
desafiaram os duros deuses do Olimpo
e foram destruídos de modo flagrante,

Efialtes e Otis eram gigantes locais
que subiram ao Olimpo para a invasão,
mas os deuses extirparam seus ideais,
mas que fazer com andróginos em ação?

Não poderiam ter um final fulminante
como os gigantes que pereceram antes
e queriam um diferente enfrentamento,

pois os dons e os templos de devoção
sofreriam uma invariável paralisação
por causa deste forte desapontamento.

59. ZEUS RESOLVE CORTAR OS ANDRÓGINOS AO MEIO

Aristófanés: Depois de viva reflexão,
Zeus disse com um ar bem conciliador:
Acho que contornaremos esta situação
e que a intemperança não tenha vigor,

eu cortarei estes andróginos ao meio
eles se tornarão mais fracos todavia,
serão muitos mas haverá menos receio,
serão úteis e existirá mais harmonia,

andarão eretos em duas pernas apenas
e se a arrogância não se fizer amena
eu até os cortarei em dois novamente,

possuirão uma perna em contrapartida,
eles caminharão saltitando pela vida
e a paz virá como o fator decorrente.

60. APOLO AUXILIA ZEUS A SECCIONAR ANDRÓGINOS

Aristófanés: E Zeus começou a cortar andróginos em dois homens desligados, depois Zeus pediu para o Apolo virar face e pescoço para seu lado cortado,

Apolo torcia as faces com habilidade readaptando a pele de todos os lados, para gerar o ventre com naturalidade, prendendo as pregas no umbigo criado,

com as outras pregas ele fez o peito então o arranjo final ficou perfeito e assim se estabilizou a tal divisão,

a partir da divisão da personalidade cada metade procurava a outra metade para com ela promover uma nova união.

61. AS METADES SECCIONADAS SE DESEJAVAM

Aristófanis: As metades se desejavam
e se buscavam cada qual com um vigor,
sempre se encontravam e se enlaçavam
e terminavam morrendo de tanto ardor,

as metades morriam de inércia e fome
porque não se afastavam uma da outra,
as que viviam adotavam um outro nome
para se entrelaçarem em nova afronta;

Zeus se sentiu tomado pela compaixão
e modificou, no sexo, sua disposição
reorientando-o de trás para a frente,

o sexo dos andróginos se punha atrás,
a reprodução, era como a cigarra faz
não um no outro mas na terra somente.

62. O AMOR PELA CARA METADE

Aristófanés: Ao por o sexo na frente
fez com que se processasse a geração,
tal como homem e mulher naturalmente
mantendo a raça por meio da gestação,

e o Amor dos homens ficou implantado
como restaurador da arcaica natureza
que visa ter aquele corpo regenerado
como um elo de irresistível grandeza,

cada um de nós tem a sua cara metade
pois o corte foi feito com igualdade,
assim, cada um busca seu complemento,

todos os homens, com corte masculino,
sentem atração pelo seu elo feminino
que explica os adultérios existentes.

63. CARACTERÍSTICAS DOS ANDRÓGINOS SECCIONADOS

Aristófanés: Toda mulher com o corte vindo de outra mulher não dá atenção aos homens na procura de um consorte, e busca outras mulheres para a união,

todos os que advêm de corte de macho procuram os machos enquanto crianças, embora o comportamento sugira relaxo estão indo atrás de suas semelhanças,

são melhores meninos ou adolescentes, de índole mais corajosa ou diligente, e serão os únicos homens na política,

eles não se preocupam com casamentos, buscam um no outro o comprometimento e não se incomodam com suas críticas.

64. SE HEFESTO PROPUSESSE UMA REUNIÃO

Aristófanés: Se um ser vê sua metade sempre sente extraordinárias emoções de amizade, Amor, união e intimidade e nem sequer pensa em ter separações,

ninguém dirá ser apenas união sexual por isso se unem com tanta motivação, um único desejo para ambos é natural e eles o acertam até por adivinhação,

se diante deles, em um certo momento, viesse Hefesto com seus instrumentos e indagasse: que quereis um do outro?

Quereis usufruir sempre da companhia um do outro de noite e também de dia e que jamais aconteça um desencontro?

65. A UNIÃO SERIA EXTENSIVA AO HADES

Aristófanés: E Hefesto ainda falaria:
Se é isto que desejais na vossa vida
eu vos fundirei em um só em harmonia,
vossa vida será uma em contrapartida;

trocareis o número dois pela unidade
e podereis levar vossa vida em comum,
porém quando fordes levados ao Hades,
ireis não como dois, mas sim como um,

vede se é isso que pede o vosso Amor
para aceitardes o acerto retificador,
e, após a morte, sereis um indivíduo,

nós sabemos que nem um diria que não
ou demonstraria procurar outra opção
pois é o que buscavam desde o início.

66. PROPOSTA DE MODERAÇÃO PERANTE OS DEUSES

Aristófanes: O motivo desta abonação
é o de que nossa natureza era uma só,
éramos mantidos por uma rara atração
bem antes de sermos separados sem dó,

quanto aos deuses, seremos moderados,
para que não sejamos feridos de novo,
e, num perfil, não sejamos separados
para mais uma tortura de todo o povo,

os homens deverão cultivar a piedade
para que os deuses sintam serenidade
e possam nos conduzir com o seu Amor,

se estivermos com eles reconciliados
cada um encontrará seu próprio amado
o que poucos fazem sem tino inibidor.

67. PARECERES DE RECIPROCIDADE EM PROL DO AMOR

Aristófanis: Que não me suspeite mal
Erixímaco, ultrajando o meu discurso,
pois estou incluindo de modo natural
Pausânias e Agatão neste mesmo curso,

talvez eles estejam nesta quantidade
de seres de natureza máscula em ação,
mas farei pareceres de reciprocidade
para todas as pessoas, sem distinção,

nossa raça alcançaria um grato valor
e se plenamente realizássemos o Amor
trariamos a nossa natureza primitiva,

e se isto simboliza a melhor atitude
cada um poderia alcançar a plenitude
cultivando o elo de forma mais ativa.

68. ARISTÓFANES FINALIZA O SEU DISCURSO

Aristófanes: O Amor mostra utilidade
conduzindo-nos ao que nos é familiar,
o futuro indica reais possibilidades
se, aos deuses, viermos a considerar,

eis Erixímaco, o discurso sobre Amor,
diverso do teu e também interessante,
como te pedi, não satirize seu valor
para que possamos ouvir os restantes.

Erixímaco: Obedecer-te-ei com louvor,
pois a exposição teve agradável teor
e restam mais dois homens para falar;

se não achasse que Sócrates e Agatão
fossem capacitados pela argumentação
temeria pelo fato do tema se esgotar.

Sócrates: É que foi bom o teu legado
oh, Erixímaco, mas na minha situação,
ou seja, depois de Agatão ter falado
grande seria teu temor na explanação.

Agatão: Enfeitiçar-me é o que queres
oh, Sócrates, fomentando a suposição
de que o público aqui sentado espere
que vá falar bem em minha ponderação.

Sócrates: Desmemoriado seria, Agatão,
após ver a tua coragem na competição
e como encaraste a plateia de frente.

Agatão: Quê, Sócrates, é pelo teatro
que acaso ignoro que poucos sensatos
são mais temíveis do que muita gente?

Sócrates: Não seria prudente, Agatão,
se eu te imaginasse com deselegância,
e sei que com pessoas de sábia noção
te preocuparias mais pela relevância,

estavas à vontade de modo consciente
porque estávamos no meio da multidão,
mas se estivesses entre os sábios
te envergonharias de uma contradição.

Agatão: Ouvi teu parecer por inteiro
e sei que ele tem um tino verdadeiro,
(disse Agatão com um tom embaraçoso),

Sócrates: De uma gente sem sabedoria,
não sentirias, nem te envergonharias
se fizesses algo com teor vergonhoso?

71. A INTERFERÊNCIA DE FEDRO

Aristodemo: Fedro obtemperou e falou:

Bem Agatão, se responderes à questão nada interessará do que se programou, tanto do parecer quanto da conclusão,

eu, por mim, é sem dúvida com prazer que ouço o grande Sócrates conversar, porém o discurso precisa se estender para que o valor possa se estruturar,

é preciso cuidar de modo conciliador para que se conclua o elogio ao Amor e devemos evitar alguns contratempos,

portanto Agatão, pague tua exposição, e does ao deus Amor tua argumentação, e assim já podes começar o argumento.

72. QUAL É A ÍNTIMA NATUREZA DO AMOR?

Agatão: Muito bem, Fedro, eu falarei mesmo porque nada me impede de falar, com Sócrates depois eu me entenderei, por muitas vezes deveremos conversar,

penso que todos os que falaram antes não notaram propriamente o deus Amor, os homens se fizeram mais relevantes por bens dos quais o deus é o doador,

qual, porém, é a sua íntima natureza? Ninguém o disse com adequada clareza, e o elogio precisa ser personalizado,

devemos louvar suas reais qualidades e não só os seus dons e propriedades para que seja dignamente homenageado.

73. SEMELHANTE SEMPRE ATRAI SEMELHANTE

Agatão: E dos deuses que são felizes,
é no Amor que existe mais felicidade,
porque é o mais nobre e sem deslizes
e ainda é o mais belo das divindades,

é no Amor que se nota mais juventude,
oh Fedro, pois ele rejeita a velhice
que age rapidamente em tosca atitude
comprometendo a hígidez e a meiguice,

os jovens estão na companhia do Amor
e usufruem de seu convívio renovador
revelando uma relação pura e natural,

um antigo ditado se mostra relevante:
"semelhante sempre atrai semelhante",
o Amor e os jovens têm atração ideal.

74. O AMOR DETÉM MAIS JUVENTUDE - I

Agatão: Embora eu concorde em partes
com a noção de Fedro sobre realidade,
não acho que o Amor seja um baluarte
mais antigo que as outras divindades;

Crono ou Jápeto tem mais antiguidade,
enquanto o Amor detém mais juventude,
as questões entre deuses, na verdade,
não ocorreriam com Amor nas atitudes.

Hesíodo e Parmênides falam das ações
e que foi por conflitos nas relações
e não pela boa interferência do Amor,

não haveriam mutilações, nem prisões,
se o Amor estivesse em seus corações
zelando por entendimento conciliador.

75. O AMOR DETÉM MAIS JUVENTUDE II

Agatão: Se o Amor já existisse antes
os deuses não exerceriam a violência,
amizade e paz seriam mais relevantes
tal como em nossa social convivência,

por conseguinte o Amor tem juventude
e além de jovem ele ainda é delicado,
apenas lhe falta um poeta de atitude
para que seja dignamente homenageado.

Homero fala que Ate é deusa delicada
que anda pela terra sempre encantada
com os seus belos pés de divina dama,

e ela caminha com seus pés delicados,
não propriamente no solo padronizado,
ela se move sobre as cabeças humanas.

76. O AMOR AGE EM PROL DA HARMONIA

Agatão: Belo me parece o modo citado,
por Homero, a respeito da delicadeza,
a deusa não anda no duro petrificado,
anda na essência que expressa moleza,

e a mesma prova usaremos para o Amor
pois é por ele que temos nossa prole,
ele não anda sobre a terra com vigor,
nem em cabeças que não são tão moles,

é no que há de mais brando existente
que ele reside e caminha normalmente,
é nos costumes que fez a sua moradia,

se o costume é rude o Amor o rejeita,
se o costume é delicado ele o aceita,
ele age em todos em prol da harmonia.

77. O AMOR SE AMOLDA POR TODOS OS LADOS

Agatão: O Amor é o ser mais delicado
o mais jovem e de úmida constituição,
e pode se amoldar por todos os lados
o que não ocorreria em seca formação,

a úmida constituição agora acomodada
é a maior prova de sua bela formação,
assim, a vida permanece estabilizada
e há guerra quando ocorre deformação,

o Amor não vive onde não há floração,
por si só traduz uma florida estação,
o seu meio é florido e bem perfumado,

sobre a beleza, isto já é o bastante,
porque há outras virtudes relevantes
e isto, no Amor, será bem averiguado.

78. NENHUM PRAZER É ACIMA DO DOM DO AMOR

Agatão: O Amor não sofre a injustiça
nem a pratica a qualquer ser vivente,
nem a violência e nem mesmo a cobiça
podem corromper sua feição diligente,

o Amor partilha da máxima temperança
e ela controla os desejos e prazeres
assim, a ação de desejos não alcança
o controle e o freio de seus poderes,

nenhum prazer é acima do dom do Amor
e é controlado de modo disciplinador
isso torna seu íntimo mais relevante,

sua índole evita sérias complicações,
ao controlar os desejos e as paixões
o Amor é excepcionalmente temperante.

79. AS VIRTUDES DO ÂMAGO DO AMOR

Agatão: O Amor ainda age com coragem
pois nem Ares pode promover oposição,
Amor, usufruindo de natural vantagem,
pega Ares e enche de Amor sua emoção,

segundo uma lenda Ares amou Afrodite,
o Amor revelou ser bem mais corajoso
do que o tino do próprio Ares admite
pois foi subjugado por teor afetuoso,

assim, justiça, coragem e temperança
são as virtudes do Amor numa aliança
que demonstra o deus Amor por ilação,

em seguida há a virtude da sabedoria,
é preciso conduzir Amor com harmonia
para que não se constate uma omissão.

80. QUALQUER UM PODE SER POETA COM O AMOR

Agatão: Eu preciso honrar minha arte
como o Erixímaco honra a dele também,
pois o Amor é sábio deus que reparte
suas inspirações em benefício do bem,

qualquer um pode se tornar bom poeta
mesmo sem musa para a sua inspiração,
desde que o Amor de maneira concreta
lhe toque transformando a imaginação,

o Amor age como poeta em sua criação,
até os animais, no dom da reprodução,
não são inspirados pela ação do Amor?

Se o Amor toca, tem-se dom no futuro,
se o Amor não toca, o tino é obscuro,
o Amor não possui um dom arrebatador?

81. O FEIO NÃO SE FIXA NO AMOR

Agatão: E quanto ao tino do arqueiro,
ou da medicina ou até da adivinhação,
inventou-as Apolo como um mensageiro
ou como discípulo do Amor em questão,

ou como musas nas belas artes feitas,
ou como também Hefesto na metalurgia,
ou ainda Atena na tecelagem perfeita
e Zeus no ato de reinar com harmonia,

as questões de deuses foram regradas
quando o belo amor surgiu na jornada
visto que o feio não se fixa no Amor,

quando o dom do amor se fez presente
deuses e homens se fizeram contentes
e o convívio se fez mais conciliador.

82. UMA POESIA A RESPEITO DO AMOR

Agatão: O Amor torna-se mais sensato
inicialmente por ter elo conciliador,
e depois por ser a meta de bons atos
e ocorre-me esta poesia sobre o Amor:

"Paz entre os homens no envolvimento,
e que, no mar, possa haver a bonança,
com ação sempre tranquila dos ventos,
o sono na dor e no Amor a esperança".

Ele nos tira a feição de estranheza,
como estamos todos, sentados à mesa,
e nos enche de íntima familiaridade,

nos coros ele nos enche de brandura
é o nosso guia para uma vida futura
e elimina a rudeza com naturalidade.

83. O AMOR É PLENO DE BEM QUERER

Agatão: O Amor é pleno de bem querer,
incapaz de malquerer, ou de ter ódio,
elogiado por sábios pelo modo de ser
e ele é admirado desde os primórdios,

o Amor é invejado por desafortunados
das graças, do requinte ou do brilho,
o Amor é conquistado por afortunados
que souberam se livrar de empecilhos,

com o bom, o amor é um pai diligente,
porém com o mau, o Amor é negligente,
depende do bem para que ele colabore,

portanto é importante se unir ao bem
e sempre se policiar bastante também
para que a negligência não se demore.

84. AGATÃO ENCERRA O SEU DISCURSO

Agatão: No labor, no ardor da paixão,
no teor da expressão ou até no temor,
como piloto ou em qualquer profissão
o Amor é salvador supremo e protetor,

ele é condutor belíssimo e excelente
que todas as pessoas deveriam seguir,
homenageando-o com hinos envolventes
no passado, no presente ou no porvir,

este, oh amigo Fedro, rematou Agatão,
o discurso que traz minha explanação
sobre o deus ou sobre seus mistérios,

quero que ao Amor ele seja oferecido
em parte um tanto jocoso e divertido
e ainda em parte discretamente sério.

Aristodemo: Depois da fala de Agatão
todos os convidados aplaudiram o ato
pois falou à altura de sua reputação
e ainda da dignidade do deus sensato,

Sócrates olhou Erixímaco e perguntou:
Oh filho de Acúmeno, pelo real valor,
parece-te perante o que ora se notou
que não tem nada de temível um temor?

De que há muito sinto, pela analogia,
que seria algo profético o que dizia,
pois Agatão falaria maravilhosamente,

que eu ainda haveria de me embaraçar
pelo fato do assunto-tema se esgotar,
pois redundâncias não são diligentes?

Erixímaco: Respondendo à tua questão, parece-me bem profético o teu receio de que Agatão faria boa argumentação e quanto a te embaraçares, não creio.

Sócrates: Como não irei me embaraçar após um tão belo e colorido discurso? Não que outros não fossem de admirar mas ele brilhou ao final do percurso,

eu não sou capaz de assim argumentar, por vergonha, quase me pus a retirar daqui por qualquer meio de locomoção,

temia que Agatão, por seu raro valor, me desse a cabeça dum Górgias orador e me fizesse só uma pedra sem dicção.

Sócrates: Eu fui ignaro em concordar em falar só depois do vosso discurso, disse que sobre o Amor é fácil falar ignorando todo este coletivo recurso, pois eu achava, por pura ingenuidade, que, sobre o que está sendo elogiado bastava dizer simplesmente a verdade e isto seria essencial ou apropriado, porém não era somente um belo elogio, era adicionar o máximo ao seu feitio, sendo isto o mais belamente possível, seja falso ou tenha boa concordância, sendo falso, sem nenhuma importância, e o que importa é que seja aprazível.

88. A VERDADE COMO TEMA ENRIQUECIDO

Sócrates: Foi, com efeito, combinado
que cada um fizesse o elogio ao Amor,
e não como deveria aqui ser elogiado
portanto cada um mostra o seu louvor,

não sabia de que modo fazer o elogio
mas se a verdade sobre ele vos apraz,
quero falar de acordo com meu feitio
e não através de competição contumaz,

eu não competirei para evitar o riso
entretanto, oh Fedro, se for preciso
farei da verdade um tema enriquecido,

eu abordarei a verdade com resolução,
mas com nomes e até com a disposição
de temas que acaso tiver me ocorrido.

89. O DILIGENTE FEITIO DA ARGUMENTAÇÃO

Aristodemo: Fedro e outros presentes pediram-lhe em nome de sua concepção, que ele próprio se fizesse diligente em relação ao feitio da argumentação,

Sócrates: Oh Fedro, permite-me ainda até fazer algumas perguntas a Agatão, para que o elo não fique na berlinda esperando uma satisfatória conclusão,

Aristodemo: Fedro aceitou seu pedido, assim, sentindo-se mais descontraído
Sócrates começou a falar deste ponto:

claramente, amigo Agatão palestrante,
Iniciaste da forma mais interessante ao buscar, no Amor, o ideal encontro.

90. A ESPECIFICAÇÃO DA NATUREZA DO AMOR

Sócrates: Agatão, ao almejar no Amor a especificação de sua real natureza e depois as suas obras e o seu valor vi, neste começo, uma nobre grandeza,

dize-me se a natureza do Amor eterno se nota como Amor de algo ou de nada? Não indago de pai e de mãe fraternos, pois a pergunta seria ridicularizada.

Por acaso o pai é pai de algo ou não? Ter-me-ias respondido a esta questão que é pai de filha ou ainda de filho.

Agatão: Eu concordo do início ao fim.

Sócrates: E ainda de mãe não é assim?

Agatão: Também, sem nenhum empecilho.

91. ANALOGIAS COMPARATIVAS DE SÓCRATES - I

Sócrates: Responde-me um outro tanto para considerares melhor o que quero, e o irmão, é de algo ou não enquanto é precisamente isto mesmo que espero?

Agatão: Seria o irmão de algo também.

Sócrates: De irmão ou irmã vinculada?

Agatão: Minha concordância se mantém.

Sócrates: E o Amor é de algo ou nada?

Agatão: É o Amor de algo por dedução.

Sócrates: Guarda contigo a conclusão, lembrando-te de que ele ainda é Amor,

Sócrates: Amor, quanto à sua atração, aquilo que é Amor, ele o quer ou não?

Agatão: Perfeitamente, pelo seu teor.

Sócrates: Amor ama o que tem ao lado,
ou deseja o que não tem por oposição?

Agatão: O que não tem, como esperado.

Sócrates: Não é um senão e sim razão;

deseja-se aquilo em que se é carente,
não parece necessidade no dom de ser?

Agatão: Sim, é necessidade influente.

Sócrates: Quem já tem, desejaria ter?

Grande quereria ser um grande alguém?

E o forte desejaria ser forte também?

É impossível, pelo que foi concluído.

Um ser não teria uma carente atitude
se já gozasse de uma certa plenitude.

Agatão: É verdade o que foi admitido.

Sócrates: Se forte desejasse o forte,
o rápido desejasse ser rápido também,
e o sadio desejasse um sadio suporte
teríamos que analisar o que sobrevém,

talvez alguém chegasse a uma opinião
de que os que obtêm essas qualidades
quisessem preservá-las como já estão
por se tratar de raras virtuosidades,

digo para não nos perdermos em fatos
oh Agatão, para permaneceres sensato
percebas a coerência desta conclusão,

pois é forçoso que tenham no momento
tudo o que levou a este envolvimento
quer queiram admitir este elo ou não.

Sócrates: Se alguém fala com opinião:
mesmo sendo sadio eu quero ser sadio,
mesmo bem rico, ser rico por decisão,
não quero que nada tenha um extravio,

poderíamos dizer-lhe: Oh homem nobre
já tens riqueza, higidez e fortaleza,
só não queres ter o teu futuro pobre
porque agora já tens estas grandezas,

e dizes: Eu quero o que tenho comigo.
Mas queres tudo em teu futuro abrigo?
Não aceitaria esta verdade que adoto?

Agatão: Estou de acordo com a ilação.

Sócrates: Não é Amor o que ainda não
está à mão e o futuro ainda é remoto?

Sócrates: Não é isso, portanto, amar
o que não está ao alcance de sua mão,
e o querer para o futuro é confirmar
que, o presente, não tem a aquisição,

Agatão: Concordo com a ilação de novo.

Sócrates: Um desejo nasce da privação,
este raciocínio comparativo eu demovo
em prol de uma consciente compreensão,

primeiro o Amor se origina por emoção
e depois pelo que se tem por precisão,
uma carência identifica esta sintonia,

entre deuses falaste que Amor é belo,
e, com o feio, não guarda nenhum elo,
não era assim que no discurso dizias?

Sócrates: O Amor seria dom de beleza e não do teor da feiura inversamente, e não é ao que é carente com certeza que ele demonstra um Amor envolvente?

Agatão: Ainda é uma dedução coerente.

Sócrates: Necessita de beleza o Amor? se não a tem ele também é um carente?

Agatão: É forçoso aceitar este valor.

Sócrates: Sem beleza não há este elo, todavia falaste que o Amor é um belo e isto é contrário ao que argumentei,

admites que o Amor é belo por ilação?

Agatão: É bem provável por conclusão, oh Sócrates, já não sei do que falei.

97. A MULHER DIOTIMA DE MANTINEIA

Sócrates: Belo o teu teor, anfitrião,
não te pareces que bom também é belo?

Agatão: Parece que sim, pela dedução.

Sócrates: Assim, bom tem o mesmo elo?

Agatão: Eu não posso ver contradição
e que seja segundo a tua consciência.

Sócrates: É verdade, meu caro Agatão,
porque eu me expressei com coerência,

um dia eu ouvi um discurso de estima
era uma mulher de Mantineia, Diotima
que falava sobre muitos temas e Amor,

em Atenas, a peste marcou a presença,
por dez anos ela fez recuar a doença,
ela me instruiu de modo esclarecedor.

Sócrates: Do discurso que ela elegeu
eu tentarei fazer uma real repetição
do que entre nós aqui se desenvolveu
e foi defendido por mim e por Agatão,

mas é preciso, como tu Agatão genial,
primeiro falar sobre o valor do Amor,
sobre a feição de sua natureza ideal
e depois sobre as obras de seu valor,

é viável proceder como a estrangeira
que também avaliava da mesma maneira
indagando-me sobre o Amor em questão,

eu também falava como o Agatão falou
sobre o teor que do Amor desabrochou
e ela rejeitava a minha argumentação.

Sócrates: Eu argumentava como Agatão,
mas o meu dom não era tão bom e belo,
eu indaguei, Diotima, pela tua noção,
Amor traz entre mau e feio o seu elo?

Diotima: É até melhor ficares calado.

Acaso pensas que o não belo é o feio?

Sócrates: Sim, tenho isto assimilado.

Diotima: Não sábio tem ignaro anseio?

Não vês algo entre sábio e ignorante?

O opinar certo, de modo interessante,
mesmo que não tenha o valor da razão?

O que é sem razão como seria ciência?

Não é ignaro pois toca a consciência,
é meio termo entre noção e sem noção.

Diotima: Não forces o que não é belo
a ser feio e nem o não bom a ser mau,
assim é o Amor com seus íntimos elos
é algo entre os dois extremos afinal,

e por todos é reconhecido com louvor
tal como um nobre deus da humanidade.

Sócrates: Só os que sabem deste teor,
ou até os que não sabem em igualdade?

Diotima sorri e fala: Todos em união,
e como aceitariam a divina concepção
aqueles que acham que nem deus ele é?

Sócrates: E quem são tais descrentes?

Diotima: Um és tu incontestavelmente,
e outra sou eu, entre a razão e a fé.

Sócrates: Que desejas dizer com isto?

Diotima: Simples, não chegas à noção de que os deuses têm belos registros ou dirias que não têm uma boa feição?

Sócrates: Por Zeus, eu não por certo.

Diotima: E felizes, não dizes também que são os que têm virtude por perto?

Sócrates; Normalmente, isto é um bem.

Diotima: Mas viste Amor com carência do bom e do belo por correspondência.

Sócrates: É, reconheci esta sintonia.

Diotima: E como seria um deus divino, em carência do bom e do belo genuíno?

Sócrates: É, de modo algum ele seria.

Diotima: Sócrates, estás vendo então
que até tu não julgas o Amor um deus?

Sócrates: Amor teria mortal condição?

Diotima: Não foi o que se depreendeu.

Sócrates: E o que então seria o Amor?

Diotima: Como nos relatos anteriores,
algo entre o mortal e o imortal teor
e que delineasse seus dons e valores.

Sócrates: Que é o Amor de modo cabal?

Diotima: Ele existe como gênio ideal,
e o gênio está entre divino e humano.

Sócrates: Qual é o poder de sua ação?

Diotima: É trazer à humana percepção
o que o divino idealiza em seu plano.

103. O AMOR É UM TEOR INTERMEDIÁRIO

Diotima: O Amor é teor intermediário
entre os teores humanos e os divinos,
a uns, conduz muitos anseios diários
a outros, leva os conselhos genuínos,

e como está no meio, ele os completa,
e intermedeia as diferentes relações,
como toda a arte divinatória secreta,
ou os sacerdotes com suas iniciações;

um deus com um homem não se misturam,
mas através dos gênios se estruturam,
pois atuam como elemento conciliador,

um gênio é sábio nestas conciliações,
pode-se ser gênio em muitas criações,
um destes gênios justamente é o Amor.

104. O NASCIMENTO DE AFRODITE

Sócrates: E quem são os pais do Amor?

Diotima: É um tanto longo para falar,
mas eu te direi de modo esclarecedor;
assim, ao nascer Afrodite em seu lar,

os deuses se banquetevam pela união
e junto, Recurso, filho de Prudência,
exaltava sua presença na comemoração
bebendo o néctar com mais frequência,

depois que terminaram de comer enfim,
Pobreza chegou para esmolar o festim
ficando fora da porta como indigente,

tonto de néctar pois não havia vinho,
Recurso foi ao divino jardim sozinho
e no local ele adormeceu pesadamente.

105. A CONCEPÇÃO DO AMOR

Diotima: Pobreza também foi ao local
tramando em sua carência de condição,
dormiu com Recurso de forma conjugal
e o Amor foi concebido desta relação,

eis o motivo do Amor ser companheiro
e um servo de Afrodite de forma leal,
porque o destino os uniu por inteiro
ao concebê-lo no natalício fraternal,

o Amor é amante do belo por natureza,
Amor é filho de Recurso e de Pobreza,
paralelamente Afrodite também é bela,

como foi concebido em seu nascimento
criou com Afrodite raro envolvimento
e ele ficou intimamente ligado a ela.

106. CARACTERÍSTICAS MATERNAS DO AMOR

Diotima: Por ser um filho de Pobreza
inicialmente o Amor tem um elo pobre,
longe está de ser belo e ter nobreza
pois a sua mãe Pobreza não era nobre,

o Amor é duro, descalço e sem um lar,
sempre por terra e sem um bom abrigo,
e tem estes desígnios por apresentar
o caráter que sua mãe trouxe consigo,

o Amor vive sem forro e em desalinho,
indigente às portas e pelos caminhos
e sem qualquer benefício patrimonial,

o Amor vive pela vida em adversidade,
sempre coexistindo com a necessidade
por consequência da herança maternal.

107. CARACTERÍSTICAS PATERNAS DO AMOR

Diotima: Por pai, o Amor é insidioso, caçador terrível, enérgico, decidido, em prol do belo ou do bom e corajoso sempre a forjar planos desenvolvidos,

ele vive a filosofar por toda a vida é mago, feiticeiro, sofista e genial sua intimidade própria é constituída de natureza nem imortal e nem mortal,

no mesmo dia ele germina e enriquece quando a feição do pai se estabelece por conta de seu raro dom imaginário,

com a ação maternal o Amor empobrece, então sua índole de carência aparece e ele se harmoniza nestes contrários.

108. CARACTERÍSTICAS CONTRÁRIAS DO AMOR

Diotima: O Amor empobrece, enriquece
e se vê entre ignorância e sabedoria,
já é um sábio e do saber se abastece,
mas, ao ignorar, não tem a filosofia

sábio não filosofa pois já tem razão,
ignorantes não cultivam entendimento
pois a ignorância traduz o sem noção,
e por não entenderem não são atentos,

Sócrates: Quais deles são relevantes
não sendo os sábios e nem ignorantes
a usufruírem de um tino esclarecedor?

Diotima: Até crianças acham evidente
que sejam estes extremos pertinentes
e um deles seria naturalmente o Amor.

Diotima: Amor sintoniza o que é belo,
é forçoso ao Amor o dom de filosofar
e de ter entre sábio e ignaro um elo
pelo que, pela origem, veio a herdar,

pois o Amor é filho de pai relevante
que tem bastante sabedoria e riqueza,
e também é um filho de mãe ignorante
que se mostra com carência e pobreza,

pensaste de um modo bem interessante
que Amor era o amado e não um amante,
e isto promoveu uma curiosa confusão,

o amado é cobiçado por seu belo teor,
eis porque se via, como belo, o Amor,
mas o amante tem outra identificação.

Sócrates: Muito bem dito estrangeira!
e é muito bela esta sua argumentação,
mas se o dom do Amor é desta maneira,
que valor ele teria para a população?

Diotima: E se alguém nos perguntasse:
se o amante ama o belo o que ele ama?

Sócrates: Tê-lo consigo, sem impasse.

Diotima: E nova pergunta se proclama:

que terá quem ficar com o que é belo?

Sócrates: Sinto-me realmente singelo
e não posso responder a esta questão.

Diotima: E se mudar o questionamento,
para mudar a avaliação do sentimento
quanto à proposta desta argumentação?

Diotima: Se for bom ao invés de belo?

Sócrates: É, já terá algo que condiz.

Diotima: Tendo o bom qual será o elo?

Sócrates: Tendo o bom ele será feliz!

Diotima: Obtendo o bom por aquisição
é que os felizes se tornaram felizes,
e não é preciso forjar outra questão
porque a felicidade tem seus matizes.

E a vontade de possuir o dom do Amor?

Imaginas que só é típico de sonhador
que quer ter o que é bom ao seu lado?

Sócrates: Sim. Diotima: Porque então
os indivíduos apresentam contradição
amando em sentimentos desencontrados?

Sócrates: Também eu me vejo admirado.

Diotima: Não te abales por admiração,
porque, do Amor, nós temos destacado
algo para chamar de todo em oposição.

Sócrates: Qual o exemplo desta troca?

Diotima: Um múltiplo traduz a poesia
e quando um não ser em ser se coloca,
a poesia se identifica como harmonia,

confeções de todas as grandes artes
têm a poesia como harmônico baluarte
e os artesãos se revelam como poetas,

Sócrates: É bem verdade esta relação.

Diotima: Mas poetas têm outra ilação,
ou possuem uma condição algo secreta.

Diotima: De toda a análise da poesia
uma única parcela íntima é destacada,
a que se refere à música em harmonia
e já com o nome do todo é denominada,

a poesia tem um aspecto harmonizador
e o poeta é o agente de sua diretriz,
desta forma também ocorre com o Amor,
o desejo do que é bom e de ser feliz,

alguns veem o Amor em outra sintonia
outros o notam como Amor à sabedoria
e eles não amam pois não são amantes,

outros o notam como outra modalidade
observam o todo como particularidade
de Amor e de amantes mais relevantes.

114. A PROCURA DA CARA METADE

Sócrates: Tudo isto pode ser verdade.

Diotima: Há um ditado sobre a emoção:

aqueles que procuram sua cara metade
são os que realmente amam com paixão,

porém eu digo com bastante convicção
que não é mesmo nem a metade do Amor
e nem uma parcela do todo em divisão
se o bom estado não traduz seu valor,

pois até os seus próprios pés e mãos
as pessoas querem cortar com decisão
se o que é seu parece mesmo ser ruim,

não é o que é seu que gera um anseio,
o bem de seu, ou até o mau do alheio,
é que induzem e até levam a este fim.

115. O AMOR DE TER O BEM CONSIGO

Diotima: Os homens sempre amam o bem
ou não te parece que eles amam assim?

Sócrates: Por Zeus, de acordo também.

Diotima: Concordas que amam este fim?

Sócrates: Eu concordo com tua versão

Diotima: E não deveremos acrescentar
que é ter o que eles amam numa união?

Sócrates: Correto, devemos ratificar.

Diotima: E não só ter mas sempre ter?

Sócrates: Mesmo isto se deve acolher.

Diotima: O Amor de ter o bem consigo.

Sócrates: Está certíssimo o deduzido.

Diotima: Quando então ficou admitido
o valor do Amor em seu íntimo abrigo?

116. EM CERTA IDADE DEVE-SE DAR À LUZ

Sócrates: Eu também não te admiraria,
oh Diotima, pelo teu inusitado saber,
nem o teu raro curso eu frequentaria
para ter o que não se devia aprender,

Diotima: Eu te direi com muita calma,
tudo se fará como um parto em beleza,
tanto do corpo carnal quanto da alma.

Sócrates: Sinto-me sem muita clareza.

Diotima: Eu te direi mais claramente
que as pessoas concebem naturalmente
que em certa idade deve-se dar a luz,

um feio é inadequado ao que é divino,
enquanto que o belo é sempre genuíno
e, a este fim, o bom instinto conduz.

117. O ELO QUE HÁ NA PARTURIÇÃO

Diotima: A boa divindade que preside o potencial do nascimento é a beleza, para que o belo inicial se consolide dando à luz ao conceito por natureza,

quando é feio aquilo que se aproxima aflito se retrai um ato de concepção, mas o que está prenhe ainda se anima e a dor enfim se liberta na gestação,

o Amor não buscou a sua ação no belo.

Sócrates: Em que enfim buscou um elo?

Diotima: No elo que há na parturição.

Sócrates: Que seja do modo que dizes.

Diotima: O Amor acata estes deslizzes pela noção imortal que há na direção.

Diotima: E por que ocorre na geração?
Porque é algo de perpétuo ou imortal
para um mortal na ação da parturição
o imortal comanda este fato eventual,

uma imortalidade atua em nome do bem
e sempre com o bem como foi admitido,
a ação do Amor se liga ao bem também
da mesma imortalidade ele é extraído.

A mulher me ensinava a sua filosofia
e sobre as feições do Amor discorria
e uma vez me fez este questionamento:

Que achas, oh Sócrates, ser o ensejo
do Amor em interligação com o desejo
dos animais quanto ao relacionamento?

119. ADOCER DE AMOROSA DISPOSIÇÃO

Diotima: Não vês como é bem estranho
o comportamento de quaisquer animais
na rara proliferação de cada rebanho
como doença por atração entre casais,

os que andam e voam de forma natural
para adoecerem de amorosa disposição,
primeiro em relação à união conjugal
e após a criação do fruto da geração,

notam-se equilíbrios de toda a sorte,
os mais fracos contra os mais fortes
e tudo fazendo para obter o alimento,

os homens agiriam movidos pela razão,
já em animais qual seria a motivação
que levaria ao amoroso comportamento?

120. A NATUREZA NORTAL IMITA A IMORTAL

Sócrates: Eu lhe disse que não sabia.

Diotima: Imaginas se te tornares bom nas ações do Amor e de sua filosofia, esta omissão comprometeria o teu dom.

Sócrates: Porém este é o real motivo pelo qual vim a ti, filósofa Diotima, para que ganhasse um saber extensivo e meu dom pudesse usufruir de estima.

Diotima: Se crês que o valor do Amor é do que acatamos como transformador então não te tornes deveras admirado,

pois, em sua ação, a natureza mortal procura ficar parecida com a imortal e só é viável com um novo ser criado.

121. O SER É E NÃO É O MESMO AO LONGO DO TEMPO

Diotima: Assim é, através da geração,
pois um novo substitui o envelhecido,
assim cada espécie tem a continuação
que o ciclo natural tem estabelecido,

as crianças se tornarão adolescentes,
os adolescentes ganharão a plenitude,
e a plenitude dos adultos finalmente
evoluirá para os idosos em senectude,

aquele que se viu em todas as idades
ainda é o mesmo indivíduo na verdade,
embora esteja sempre se transmutando,

tanto em atributos do corpo material,
quanto no caráter da alma espiritual,
tudo vai gradativamente se alterando.

122. AS TRANSFORMAÇÕES DO DIA A DIA - I

Diotima: Não só duros corpos carnaís
podem identificar essa transformação,
alteram-se também teores espirituais,
racionais e emocionais em associação,

os costumes, os desejos, as opiniões,
os trabalhos, os pesares, os temores,
as aflições, os modos e as evoluções,
tudo traz as mudanças e seus valores,

cada um destes atributos em sinergia
sofre várias alterações no dia a dia
até porque uns nascem, outros morrem,

é estranho que até mesmo as ciências
alteram o teor de suas consistências
enquanto as pesquisas se desenvolvem.

123. AS TRANSFORMAÇÕES DO DIA A DIA - II

Diotima: Estamos em perenes mudanças,
o esquecimento é o escape da ciência
e um exercício reavivando lembranças
preserva a força de sua consistência,

tudo o que é mortal pode ser mantido
não pela causa de ser o mesmo sempre,
como o imortal traz bem estabelecido
mas por ser mantido por descendentes,

este meio representa a versatilidade
e o mortal participa da imortalidade
no corpo e assim como em tudo o mais,

não te admires pelo teu novo rebento
mas vais admirá-lo pelo envolvimento
com imortalidade e seus referenciais.

Sócrates: Após o discurso emocionado eu lhe disse: Oh cara Diotima genial, estes episódios aqui agora relatados acontecem desta maneira tão habitual?

E ela, tal como um sofista consumado, disse-me com o semblante de erudição: certo, oh Sócrates de dom aprimorado, mesmo entre pessoas, há esta relação,

se queres considerar com tua ambição admirar-te-ias por tua incompreensão a menos que não reflitas no relatado,

após analisares de modo esclarecedor em quão estranhamente agem pelo amor verás tudo com um senso bem renovado.

125. PROBLEMAS ENFRENTADOS POR AMOR

Diotima: Para sempre o poder imortal
e por isso mesmo estão todos prontos,
para enfrentarem de modo bem natural
problemas a partir de qualquer ponto,

vão enfrentar os perigos sem auxílio,
irão gastar fortunas e ter privações,
lutarão contra diferentes empecilhos
e se sacrificarão nas variadas ações,

Alceste morreria pelo Admeto querido,
Aquiles depois de um Pátroclo ferido
e Codro em favor dos bens dos filhos,

se não idealizassem a eterna memória
de suas virtudes em estado de glória
que conservamos pelo virtuoso brilho?

126. OS POETAS CRIADORES E INVENTIVOS

Diotima: A virtude imortal é o ideal
e por tal ideal todos são inspirados,
a procriação se torna um referencial
para a imortalidade dos relacionados,

os amorosos se insuflam de confiança
e na procriação obtêm a imortalidade,
a memória divina e a bem-aventurança
pelos milênios e até pela eternidade,

uns são mais espirituais que carnis,
buscam a alma e os seus referenciais
pela razão e pelo cultivo da virtude,

entre eles estão os poetas criadores
e todos os que têm inventivos teores
e têm a inovação como íntima atitude.

127. O ELO ENTRE JUSTIÇA E PRUDÊNCIA

Diotima: O mais inusitado pensamento
é o que trata da correta organização
dos negócios em real desenvolvimento
na cidade e na família em associação,

traz o elo entre justiça e prudência
se alguém desde cedo em sua formação
traz um ímpeto divino de consciência
um dia quererá ampliar a sua geração,

vai procurar à volta pelo que é belo
para estabelecer o seu venturoso elo,
pois com o que é feio ele não o fará,

os corpos belos são o elo de atração
por estar animado para uma concepção,
e nesta busca vital ele se empenhará.

128. A INFLUÊNCIA DO CONTATO COM O BELO

Diotima: Se um homem vê em sua busca
uma mulher linda, nobre e bem dotada,
nenhum empecilho do mundo lhe ofusca
e logo uma forte virtude é delineada,

ele se vê em discursos sobre virtude,
sobre o que deve ser o indivíduo bom
e o que deve enaltecer suas atitudes,
sua cultura e o cultivo de seus dons,

sem dúvida, ao contato do que é belo,
o bom comportamento aparece como elo,
tanto em sua presença quanto ausente,

o que se formou através da concepção
se alimenta do belo em real comunhão
e uma nova força ali se faz presente.

129. HOMERO E HESÍODO INVEJAVAM OS POETAS

Diotima: A comunidade se torna maior
do que aquela que se via antigamente,
a relação com filhos se torna melhor
e a amizade fraterna mais envolvente,

tornam-se mais belos e mais imortais,
qualquer um quereria ter tais filhos,
e até invejavam estes poetas geniais
Homero e Hesíodo pelo teor do brilho,

admiravam muito os seus descendentes
pelo viço de suas virtudes eminentes
tornando mesmo imortal a sua memória,

assim, eles distinguiam a comunidade
e deixavam descendentes de qualidade
que contribuía para sua real glória.

130. O VALOR DOS FILHOS VIRTUOSOS - I

Diotima: Observe o valor dos filhos
que Licurgo deixou lá na Lacedemônia,
eles livraram o local dos empecilhos
e a Grécia se salvou com sua colônia,

Sólon também deve sempre ser honrado
pelas leis que criou com senso justo,
outros virtuosos também são louvados
até mesmo entre os bárbaros robustos,

eles despertaram excelentes atitudes
e geraram toda a espécie de virtudes
e houve muitos cultos como homenagem,

enquanto os filhos de outros humanos
estiveram entre confusões ou enganos
e viveram neste mundo só de passagem.

131. O VALOR DOS FILHOS VIRTUOSOS - II

Diotima: Estes são episódios de Amor
que tu Sócrates, poderias se iniciar,
porém quanto à perfeição de seu teor
não sei se serias capaz de assimilar,

vou te dizer e não pouparei esforços,
penses no jovem vendo um belo carnal,
ele deverá gerar apenas um consórcio
para gerar discursos de beleza ideal,

depois o jovem ainda deverá entender
que beleza é irmã da que se pode ver
para não se perder em desejos tortos,

e muita tolice teria a não distinção
entre um só e todos os belos em ação
fazendo-se amante de todos os corpos.

132. A BELEZA CORPORAL E A ESPIRITUAL

Diotima: Depois disso a beleza ideal
deve ser avaliada como mais preciosa,
a espiritual enfim supera a corporal
para afastar as aparências enganosas,

se alguém se revela como alma gentil,
todavia com um diminuto encantamento,
é preciso se tornar ainda mais sutil
e contemplar o belo no aprimoramento,

O belo em ofícios e nas leis em ação
encontra um parentesco em associação
que julga como menor o belo material,

depois ele se volta para as ciências
e atua como propulsor da consciência
pela ação que eleva a atenção mental.

133. GUIADO PARA AS VIRTUDES DO AMOR

Diotima: Expandindo agora o seu Amor
além da meta simplesmente individual,
de um mísero e mesquinho discursador
para o grande oceano do belo maioral,

com seus discursos belos em sintonia
tão belos que melhorem a consciência,
como um inesgotável Amor à sabedoria
até contemplar certo teor de ciência,

tenta prestar-me a tua maior atenção:
quem chegar neste ponto de percepção
será guiado para as virtudes do Amor,

contemplando certamente o que é belo
já terá os graus do Amor como um elo
e perceberá um maravilhoso esplendor.

134. SEMPRE MARAVILHOSO É O AMOR

Diotima: Sempre maravilhoso é o Amor,
ao qual tendiam as provas anteriores,
sem nascer e nem perecer em seu teor,
sem crescer nem decrescer em valores,

nem como belo e nem também como feio,
ou sim ou não em prol da consciência,
nem como discursos ou como um receio,
ou até mesmo em favor de uma ciência,

nem como a existir em um algo a mais
como por exemplo nos típicos animais
e analogamente em qualquer outro ser,

por si mesmo e por tudo que se torne
consigo mesmo, sendo sempre uniforme,
enquanto todo belo ser lhe pertencer.

135. O AMOR COMO META E REFERENCIAL

Diotima: Enquanto nasce e até perece
tudo o que utiliza o belo na criação,
em nada este Amor cresce ou decresce,
nada sofre como íntima transformação,

o homem se elevando a partir do belo,
por meio do correto Amor à juventude,
demonstra, com o Amor, um íntimo elo
e passa a usufruir de rara plenitude,

eis o que é certo no caminho do Amor
e até se deixando levar por condutor,
e, a partir do belo, almejar o ideal,

é necessário ter o ideal da evolução
utilizando degraus para sua ascensão
tendo o Amor como meta e referencial.

136. O BELO EM SI COMO REFERENCIAL

Diotima: De um evolui-se para o dois,
de dois para corpos de boa aparência,
de corpos para bons ofícios e depois
dos trabalhos para as belas ciências,

de ciências eleva-se à ciência ideal
e que nada mais é que o próprio belo,
avalie o belo em si como referencial
e promova, com ele, o ideológico elo,

se um dia o vires, não é como o ouro,
porém ele é como um luminoso tesouro,
ou como os belos jovens adolescentes,

a cuja visão ficas tonto ou aturdido,
sem carnes e só de luzes constituído
e imagines ver este ser luminescente.

137. A NATURAL MUDANÇA DE ATITUDE

Diotima: Se algum dia fosse possível
sua contemplação e estar ao seu lado,
e contemplar o próprio belo sensível
virtuoso, puro, simples e divinizado,

acaso pensas que um homem de vida vã
ao contemplar o belo e sua perfeição,
não haveria de transformar o seu afã
para modificar sua íntima disposição?

Não percebes que com sua convivência
alterar-se-ia a noção da consciência
e haveria natural mudança de atitude?

Ao tocar ainda a sua real sublimação
experimentaria pessoal transformação
para não gerar só sombras de virtude?

138. HONRAR E TOMAR O AMOR COMO GUIA

Sócrates: Eis o que me dizia Diotima,
oh Fedro e demais ilustres presentes,
e porque convenceu minha auto estima
tento convencer os outros juntamente,

um colaborador para a virtude humana
melhor que o Amor não se encontraria,
e é por isto mesmo que não se engana
quem honrar e tomar o Amor como guia,

eu próprio o prezo e ainda o cultivo
e aos outros exorto seu dom decisivo
enquanto entendo a sua influenciação,

meu discurso é uma exortação ao Amor,
podem dar-lhe outro nome interventor,
mas este é o dom de minha explanação.

139. A PORTA DO PÁTIO FOI TOCADA

Aristodemo: Depois de Sócrates falar
enquanto uns lhe faziam forte elogio,
Aristófanes ainda tentou lhe abordar
em relação a um aforismo de extravio,

e súbito a porta do pátio foi tocada
produzindo grande barulho de foliões,
ouve-se a voz da flautista empregada;
Agatão diz: servos, vejam os portões!

Se conhecido, entre seguindo o curso,
se não, digam que paramos o discurso
e que agora todos já iremos repousar.

Ouve-se a voz de Alcebíades no pátio
embriagado a gritar num tom enfático:
eu quero ver Agatão o dono deste lar!

140. A ROUPA INUSITADA DE ALCEBÍADES

Aristodemo: Alcebíades entrou no lar
com a flautista amparando-o no ombro,
e diante da porta ele foi se deparar
com roupa que causava certo assombro,

e Alcebíades vestia uma coroa tufada
de Hera e com violetas em associação,
a cabeça coberta de fitas penduradas
criando um conjunto de real profusão,

Alcebíades Diz: salve, meus senhores,
eu sou um homem em alcoólicos teores,
recebereis como amigo ou devo partir,

após ter coroadado o prodigioso Agatão
pelo qual eu vim para ver a coroação
já que ontem, aqui, não consegui vir?

141. TODOS CONVIDARAM ALCEBÍADES - I

Alcebíades: Eis me com coroa e fitas
afim de passá-las de mim para Agatão,
e que, para mim, é a pessoa favorita
ou ireis zombar de minha antecipação,

por mais que zombeis de minha ilação
eu sei que estou dizendo uma verdade,
porém disse se eu devo entrar ou não
bebereis comigo em real fraternidade?

Todos então o convidaram para entrar
Agatão o chamou para ali se recostar
e ele foi conduzido por palestrantes,

Alcebíades contava fitas da coroação,
não viu Sócrates em sua movimentação
e ficou aos pés do Agatão celebrante.

142. TODOS CONVIDARAM ALCEBÍADES - II

Aristodemo: Sócrates se afastou mais para que Alcebíades ficasse ajeitado, e depois de cumprir seus cerimoniais Agatão foi abraçado e depois coroado,

Agatão disse: Descalçai-o servidores, para que se faça o terceiro no leito.

Alcebíades: Em nome de vossos teores, quem é o terceiro companheiro eleito?

Alcebíades vê Sócrates e então recua para clamar: Por Hércules, e acentua: Tu, Sócrates, espreitando-me de novo?

Deitaste também aqui como se presume, surgindo então, como era teu costume de assim aparecer quando me locomovo?

143. AGATÃO FOI SOLICITADO COMO MEDIADOR

Alcebiádes: Sócrates, por que vieste?

Por que agora recostaste neste lugar,

e nem com outro aqui te satisfizeste?

Por que com o melhor foste te sentar?

Sócrates: Agatão, veja se me amparas,

pois o amor deste homem é o problema,

e quando, com alguém, ele me compara

sempre se constata um natural dilema,

e ele se mostra invejoso e enciumado

e ainda mal consegue se conter irado,

Agatão, apazigua-nos, põe-te no meio,

ele mal retém as suas mãos enervadas,

defende-me de sua fúria incontrolada,

de sua paixão amorosa eu me arreceio.

144. ALCEBÍADES COROA SÓCRATES TAMBÉM

Alcebíades: Oh, não há reconciliação,
ao que falaste, depois te castigarei,
e Agatão, passa-me fitas da coroação
pois esta cabeça, eu também coroarei,

eu irei coroar esta cabeça admirável
para que não relate que não o coroei,
ele que vence de uma forma memorável
todos os homens como eu já constatei,

vence todos os homens nos argumentos
não só ontem, mas sempre, a contento,
e nem por isso ele agora foi coroado,

e ao mesmo tempo ele tomou das fitas
e coroou a cabeça que achava bendita
e ele se voltou para ficar recostado.

145. OITO CÓTILAS OU MAIS DE DOIS LITROS

Alcebíades: Muito bem, meus senhores,
vós me pareceis em ociosa sobriedade,
mas não se deve aceitar estes teores
pois deve-se beber pela fraternidade,

portanto, como um chefe da bebedeira
até que tiverdes naturalmente bebido,
indico-me a mim mesmo, desta maneira,
a este cargo até aqui não preenchido,

Agatão, que tragam logo tuas bebidas,
melhor ainda com taças desenvolvidas
tanto melhor se não existir precisão,

vendo um jarro nem um pouco restrito
de oito cótilas, mais de dois litros,
disse: servo, ponha-o em minhas mãos!

146. ERIXÍMACO QUESTIONA ALCEBÍADES

Aristodemo: Alcebíades bebeu o vinho
mandou Sócrates beber e disse também:
a Sócrates o meu ardil não é daninho,
ele supera a embriaguez como ninguém,

Sócrates então também se pôs a beber
e Erixímaco interveio com exclamação:
Alcebíades, que vamos nós aqui fazer
neste recinto até aqui de competição?

Não diremos nada em prol da erudição,
nem mesmo cantaremos com taças à mão
ressaltando nossa nobre fraternidade,

mas simplesmente iremos beber afinal,
como se estivéssemos com sede mortal
e que beber fosse meta de felicidade?

147. ERIXÍMACO CONVIDA ALCEBÍADES A FALAR

Aristodemo: Alcebíades se pronunciou:
Excelente filho de sapientíssimo pai,
salve, eu o cumprimento pelo que sou
e eu já o diferencio entre os demais,

Erixímaco: Salve, e que iremos fazer?

Alcebíades: Aquilo que nos ordenares,
é preciso com efeito até te obedecer
naquilo que logicamente determinares,

visto que um homem que é médico vale
por muitos outros e assim sendo fale
até mesmo ordena naquilo que falares.

Erixímaco: Cada um fala sobre o Amor
e é justo que sejas o próximo orador,
e em seguida faremos o que desejares.

148. DISCUSSÃO ENTRE ALCEBÍADES E SÓCRATES - I

Alcebíades: Erixímaco, é maravilhoso
o que dizes, mas um homem embriagado
confrontar em um discurso glamouroso
com quem esteja sóbrio e equilibrado,

já não seria bem de igual para igual,
e, ao mesmo tempo, meu querido amigo,
em convencer Sócrates sobre um ideal
ou é o contrário do que falou comigo?

Se em sua presença, eu louvar alguém,
ou um deus ou até outro homem de bem
ele não tirará mais suas mãos de mim.

Sócrates: Alcebíades, não vais calar?

Alcebíades: Sim, aqui vou me refrear,
não vou passar dos limites a que vim.

Erixímaco: Portanto, faze isto então,
louva Sócrates, com o dom de tua voz!

Alcebíades: O que pedes por sugestão?
Devo também castigá-lo diante de vós?

Sócrates: Ei tu, o que tens em mente?
Os elogios para me expor ao ridículo?

Alcebíades: Trarei a verdade somente!

Sócrates: Sim, com ela tenho vínculo!

Alcebíades: Faze portanto o seguinte
se eu disser algo falso com requinte,
dize-me então que eu estou a falsear,

se a lembrança de algo levar a outro,
não te admires pelo tom do confronto,
às vezes não é simples se posicionar.

Alcebíades: Louvar Sócrates senhores,
eu tentarei fazer através de imagens,
ele pensará que o dom destes valores
será para expô-lo ao tom de miragens,

é semelhante aos Silenos de Dionísio
colocados em oficinas de estatuários,
para que pessoas em geral analise-os
com belas flautas em seus vestuários,

se estes Silenos são abertos ao meio
notam-se que por dentro estão cheios
de estatuetas de um modo maravilhoso,

ele é igual ao Sátiro Mársias também,
flautista que desafiou Apolo no além
e lá foi esfolado pelo deus poderoso.

Alcebíades: Sócrates tem semelhanças
com estes dois seres bem mitológicos,
e nem ele contestaria esta lembrança
pelos aspectos semelhantes e lógicos,

como estes seres, és muito insolente,
e eu apresentarei testemunho prático,
mas não és flautista semelhantemente,
por isso és melhor do que os Sátiros,

eles nos encantam pelos instrumentos
e empolgam pessoas ao longo do tempo
até hoje com as suas lindas melodias,

Mársias tocava as melodias do Olimpo
com seu raro estilo original e limpo,
a criar músicas divinas com harmonia.

152. TRANSFORMAR A PALAVRA EM FLAUTA

Alcebíades: Mársias produzia músicas
que deslumbravam as pessoas em geral,
eram músicas de harmônicas acústicas
que tocavam no Olimpo de modo formal,

quer as toque um excelente flautista
ou até mesmo uma flautista iniciante,
compõem as únicas músicas altruístas
que nos fazem vibrantes e relevantes,

tu diferes dele neste diminuto ponto,
mesmo sem um instrumento está pronto
para transformar a palavra em flauta,

não nos empolga ouvir um raro orador,
porém ao discursares com teu o valor
os ideais levitam com virtudes altas.

Alcebíades: Quando Sócrates discursa,
ou palavras dele referidas por outro,
mesmo numa conversa vulgar ou escusa,
ficamos embevecidos em tal confronto,

se não se visse que estou embriagado
eu vos contaria, mesmo sob juramento,
como eu já fiquei bastante empolgado
com seus discursos de deslumbramento,

e mais do que aos sacerdotes em ação
quando o ouço, dispara o meu coração
e até lágrimas me escorrem no evento,

ao ouvir Péricles nos seus discursos
via que ele falava num curioso curso
mas não sentia o mesmo arrebatamento.

Alcebíades: Quando o Péricles falava
eu não possuía nenhuma reação hostil,
eu não me perturbava nem me irritava,
eu ficava numa condição quase servil,

porém com este Mársias aqui presente,
várias vezes, de tal forma me sentia
que já não me parecia ser condizente
viver só com teores com que eu vivia.

Não irás dizer que tal não é verdade,
ainda agora sinto aquela adversidade
e tapando os ouvidos, não resistiria,

experimentaria os mesmos sentimentos
assim me forças aceitar neste evento
impotências em minha íntima harmonia.

Alcebíades: De mim mesmo me descuido,
todavia trato dos negócios de Atenas,
ao fugir de sereias e de seus ruídos
eu cerro meus ouvidos e saio de cena,

eu senti diante deste homem de valor
o que ninguém poderia mesmo imaginar,
que me envergonharia com este orador
e, só com ele, fico a me envergonhar,

por certo eu não posso lhe contestar
e não se deve fazer o que ele mandar,
mas se saio sou vencido por oposição,

safo-me então e saio de sua presença,
mas me envergonho de minha descrença
e volto a ser ferido em minha emoção.

Alcebíades: Algumas vezes, com ardor,
queria que ele não existisse na vida,
mas seria bastante maior a minha dor,
não sei o que fazer em contrapartida,

e dos seus flauteios de encantamento
eu e muitas pessoas sofremos reações,
deste Sátiro com o seu arrebatamento
e do seu poder que submete multidões,

é mesmo semelhante a quem o comparei,
ninguém o conhece mas eu o revelarei,
pois comecei este teor de elucidação,

que feição maravilhosa ele apresenta
e que poder arrebatador lhe sustenta,
tornando mágica sua bela comunicação.

Alcebiádes: Sócrates tem uma conduta
muito amorosa em relação à juventude,
e oculta seu dom em frase de permuta:
eu só sei que nada sei com amplitude.

A atitude não é também a dos Silenos?
Ele se cobre como o Sileno esculpido,
parece ignorar, e já se mostra pleno
em tudo o que, do Sileno, é extraído.

Nem a quem é belo ele tem apreciação,
nem a quem é rico tem a consideração,
e nem a quem tem títulos de honraria,

nem aos que são exaltados com louvor,
a todos os bens, não dá nenhum valor,
e ironiza com os ideais de sabedoria.

Alcebíades: Uma vez que fica a sério
e se abre para expor os seus valores,
um Sileno se abre com seus mistérios
para se ver suas estátuas interiores,

uma vez eu vi essas estátuas íntimas
constituídas por ouro resplandecente,
com uma beleza tão própria e límpida
que tinha de obedecê-lo naturalmente,

pensando que ele queria minha beleza,
queria aproveitar o tom da gentileza
para aquiescer a Sócrates sutilmente,

ao ouvir todos os dons que ele sabia,
com o fascínio da beleza eu presumia
chamar a atenção de modo convincente.

Alcebíades: Com tais ideias na mente
eu, que não ficava sem acompanhantes,
fiquei a sós com Sócrates finalmente
e pensei que me trataria como amante,

nada ocorreu no local como eu previa,
o oposto do que desejei naquela hora,
ou quando falava comigo no dia a dia,
ele se retirou do local e foi embora.

Eu o chamei para se exercitar comigo
e pratiquei os exercícios como amigo
como se eu houvesse de alcançar algo,

Sócrates fez ginástica comigo também,
lutamos quando ali não havia ninguém,
mas nenhuma situação me deu respaldo.

160. JANTAR NA CASA DE ALCEBÍADES - I

Alcebíades: Como não tive resultados
decidi atacar Sócrates convictamente
uma vez eu já estava bem direcionado,
mas logo o compreendi contrariamente,

convidei Sócrates para jantar comigo
como que armando cilada ao bem amado,
e terminou aceitando o convite amigo,
mas após o jantar ele saiu apressado,

noutro dia ele foi de novo convidado
e depois que comigo já tinha jantado,
me pus a falar com ele noite adentro,

quando ele quis partir e se ausentar,
vendo que era tarde, pedi para ficar
para que dormisse nos meus aposentos.

161. JANTAR NA CASA DE ALCEBÍADES - II

Alcebíades: Sócrates dormia no leito
vizinho ao meu e onde também jantara,
e eu pretendia tirar todo o proveito
da oportunidade que parecia bem rara,

só nós dois estávamos neste aposento;
bem, até esse tópico do meu discurso
poderia dizê-lo sem constrangimentos
mas a partir daqui segue outro curso.

Como o ditado: O vinho, sem crianças,
ou com elas, mas sem muita confiança,
mas Sócrates mostrou valor brilhante,

e como eu estou a fazer o seu elogio,
não seria justo se criasse um desvio
e não relatasse este fato importante.

Alcebíades: Um homem que foi mordido
por víbora, como é o meu caso também,
só fala com aqueles também ofendidos
por serem os únicos que entendem bem,

eu fui mordido em algo mais doloroso
no pior ponto que se pode ser lesado,
pois foi na alma, no coração amoroso,
e nele eu fui violentamente golpeado,

fui ferido por discursos filosóficos,
com pureza e com valores ideológicos,
mais virulentos que uma víbora fatal,

ou quando pegam de um jovem espírito
e não sem valores ao menos empíricos
e o fazem dizer tudo de modo natural.

163. JANTAR NA CASA DE ALCEBÍADES - IV

Alcebíades: Até vindo por outro lado,
os Aristodemos, Aristófanos, Agatãos,
os Fedros e os Erixímacos associados,
os Pausânias e até Sócrates em união,

todos vós participastes deste louvor,
do dom filosófico e de elos báquicos,
agora ireis ouvir meu tino revelador
e até desculpareis meu senso prático.

Domésticos ou incultos seres humanos
sobre a iniciação órfica ou profanos
existentes no interior da residência,

que façam adicionar aos seus ouvidos
portas e muros deveras desenvolvidos
para protegerem as suas consciências.

164. JANTAR NA CASA DE ALCEBÍADES - V

Alcebíades: Dentro de casa, senhores,
os servos até já tinham se ausentado,
pois já tinham finalizado os labores
e decidi falar sem qualquer floreado:

Sócrates, Devo saber, estás dormindo?

Sócrates: Inversamente, eu não estou.

Queres saber o que eu estou sentindo?

O que exatamente? E assim me indagou.

Tu me pareces um amante digno de mim
porém te mostras tão hesitante assim,
mas eu quero te falar bem claramente,

no caso de precisares de uma fortuna
ou se minha amizade lhe for oportuna,
desejo me dedicar a ti amistosamente.

Alcebíades: A recusa de meus favores
me envergonharia diante de gente boa
mais do que entre invertidos valores,
ou do que multidão de fúteis pessoas,

depois de sua rara ironia me escutar
disse-me como senhor de suas emoções:
Alcebíades, tu não te pareces vulgar,
mas devemos avaliar estas conclusões;

se há em mim todo este curioso poder
pelo qual te tornarias um melhor ser
uma irresistível beleza verias então,

ao contemplar a beleza e o seu valor
buscaria compartilhá-la como um amor,
beleza por beleza numa troca em ação.

Sócrates: Avaliando bem esta permuta
não é em pouco que desejas vantagens,
é a realidade do belo que se disputa
dando "ouro por cobre" em camuflagem,

mas, amigo, dono do lar em que estou,
examina melhor a visão do pensamento,
e que não te ignores de que nada sou
e talvez seja a ilusão de um momento,

a razão enxerga bem melhor as coisas
quando a visão do olho perde a força,
tu porém ainda estás bem longe disso.

Alcebíades: Nada considero diferente,
mas decidas o que é mais conveniente
e aceitarei a conclusão bem submisso.

167. JANTAR NA CASA DE ALCEBÍADES - VIII

Sócrates: Bem, meu amigo, tens razão,
decidiremos o que fazer cordialmente,
a respeito disso ou de outra questão
sobre o que, a ambos, for pertinente,

Alcebíades: E então deixei-o escapar,
mas imaginei-o emocionalmente ferido,
e eu me ergui sem deixá-lo continuar
e pus a túnica com que estou vestido,

sob o manto dele eu pude me estender,
abraçado com as duas mãos a este ser
consideravelmente divino e admirável,

este homem desprezou minha juventude,
insultou-a com sua altaneira atitude
no que eu achava que era insuperável.

Alcebíades: Portanto senhores juízes,
por deuses e pelas deusas de devoção,
quando despertei de momentos felizes
vi que dormi com um pai ou com irmão,

que disposição de espírito me restou
depois de me sentir tão vilipendiado?
Foi a de admirar o ser que se postou
com um caráter tão nobre e sublimado;

admirei sua temperança e sua coragem
não pensei que existiria uma bagagem
com tanta fortaleza, tanta sabedoria,

eu não podia exercer a minha atração
e não seria coerente minha irritação
que até me privaria de sua companhia.

169. A PARTIDA PARA POTIDEIA

Alcebíades: Eu sabia que ao dinheiro
Sócrates era muito mais invulnerável
do que Ajax ao bom ferro do ferreiro
e deixei-o escapar de modo memorável,

embaraçado, eu até me vi escravizado
por este homem como por ninguém mais,
a nenhum outro poderia ser comparado
e eu rodava à toa entre meus portais,

fomos à Potideia depois destes fatos,
éramos colegas de mesa e de celibato,
ele superava a mim e a todos em tudo,

se íamos jejuar, ele era insuperável,
e se íamos comer, ele era insaciável
e nem ao menos lembrava um barrigudo.

170. CARACTERÍSTICAS DE SÓCRATES

Alcebíades: Se era convidado a beber
a quaisquer participantes ele vencia,
e a embriaguez ninguém conseguia ver
e hoje temos a prova desta hegemonia,

quanto à resistência ao inverno frio,
terríveis eram os invernos da região,
em um dia de inverno bastante bravo
ficamos perplexos com a contemplação,

enquanto todos se vestiam no roteiro
com lãs, feltros e peles de carneiro,
ele usava o manto que costumava usar,

descalço, caminhava mais displicente
do que os que vestiam roupas quentes
e imaginavam que ele estava a zombar.

171. AS REFLEXÕES DE SÓCRATES

Alcebíades: Na odisseia há requintes
onde Homero se manifesta sem agravos:
"mas também efetuou o labor seguinte
e ainda suportou tudo como um bravo",

certa vez, concentrado numa reflexão,
tão logo se deteve desde a madrugada,
permanecendo de pé, sem movimentação,
para que a sua ideia fosse elucidada,

todos o observavam e já era meio dia
cheios de admiração pela sua energia
e diziam: Ele se ocupa com reflexões,

alguns jônicos vieram para o avaliar
e outra madrugada ainda viram passar
enquanto considerava suas meditações.

172. O ALTRUÍSMO DE SÓCRATES - I

Alcebíades: Sócrates ficou ali de pé
até que outra aurora viesse em tempo,
e permaneceu de pé naquele local até
que o sol se movesse pelo firmamento,

a seguir foi embora com sua reflexão
e fez oração ao sol em agradecimento.
Se quereis saber de combates em ação
é justo que se tenha um entendimento;

numa batalha de interesses regionais
antes de me condecorarem os generais,
ele protegeu quando eu estava ferido,

pedi para que fosse dele, a honraria,
mas, com os generais, criou sintonia
para que o prêmio me fosse concedido.

173. O ALTRUÍSMO DE SÓCRATES - II

Alcebíades: Ele não me deixou ferido
até mesmo as armas ele salvou comigo,
insisti com os generais bem decidido
para que doassem a honraria ao amigo,

os generais destacaram minha posição
e ele se uniu a eles com tal energia
que defendia ainda mais esta decisão
para que me concedessem tal honraria.

Quando um exército batia em retirada
na região de Delião ainda conturbada,
a cavalo, eu me coloquei ao seu lado,

a maioria se retirava apressadamente,
Sócrates se retirava mais calmamente,
eu pude vê-lo de modo mais detalhado.

Alcebíades: Eu me aproximei a cavalo
para encorajar dois homens lutadores,
Sócrates não mostrava qualquer abalo
mas Laques se assustava, com temores,

mais do que em Potideia, tive chance
de contemplar Sócrates em atividades,
visto que ele estava mais ao alcance
e o perigo tinha menor probabilidade,

Sócrates superou Laques em confiança
e ele se locomovia em meio à matança
impondo-se e olhando todos de través,

examinando de um lado os seus amigos
de outro lado observando os inimigos,
aqueles que se aproximavam com má fé.

Alcebíades: Sócrates manteve o olhar
nos acontecimentos mesmo à distância,
deixando claro para ninguém o atacar
porque se defenderia pela vigilância,

na guerra ele caminhava em segurança
levando o companheiro como companhia,
não se atacam os que têm a confiança
e ataca-se os que fogem com anomalia,

as atitudes dele despertavam espanto,
de alguns ainda se diria outro tanto,
porém, a ele, ninguém se assemelhava,

nem o antigo e nem o moderno em ação,
eis o que é digno de ampla admiração,
e tudo isto, perplexo, eu constatava.

Alcebíades: Como Aquiles, homem raro,
Brasidas, O grande general espartano,
Nestor, O conselheiro de apreço caro,
e Antenor, Nobre conselheiro troiano,

sem falar de Péricles ou outros mais
que, a Sócrates, se poderia comparar,
mas ele tem desconcertantes cabedais
e nenhum semelhante se poderia achar,

e quer entre os modernos pertinentes,
quer entre os antigos contrariamente,
não há quem lhe possa ter comparação,

não se lhe compara nenhum ser humano
e só entre Silenos e Sátiros arcanos
a comparação tem a correta expressão.

Alcebíades: Ainda deixei de esmiuçar
que os seus discursos têm semelhança
com Silenos que se abrem para deixar
ver uma intimidade de rara abastança,

a quem observasse Sócrates discursar
sua oratória pareceria algo ridícula,
por suas frases que iriam transmutar
sua sátira pele em satírica película,

pois ele fala de asnos, de ferreiros,
e também de correeiros ou sapateiros
parecendo falar sempre a mesma coisa,

a ponto de que qualquer inexperiente
pudesse, como um ser mais consciente,
zombar de seus dons e de suas forças.

Alcebíades: Quem viu o Sileno aberto
e adentrou no íntimo de seu interior
viu que a inteligência é valor certo
e que também possui um divino louvor,

e os que têm mais imagens de virtude
procuram sublimar as índoles em ação,
e procuram melhorar as suas atitudes
para se revelarem como bons cidadãos,

eis então, meus digníssimos senhores,
o que louvo em Sócrates como valores
nesta clara exposição por vós ouvida,

e o que recrimino, eu pus de permeio
no princípio, no fim e ainda no meio,
os insultos que me lançou nesta vida.

Alcebíades: Não só comigo a sua ação
enganou com os seus imensos cabedais,
como Cármides, tio materno de Platão,
Glauco, Eutidemo, Díocles e até mais,

ele nos engana fazendo-se de amoroso,
mas só fica na condição de bem amado,
ao invés de se fazer amante afetuoso
ele fica como um bem amado sublimado,

é nisto que eu te previno, oh Agatão,
para não te enganares com sua feição
pois entendendo é que não se entende,

para não te comportares como o ébrio
e para não seres o bobo do provérbio:
Só depois de sofrer é que se aprende.

Aristodemo: Depois de sua declaração
houve risadas por causa da franqueza,
Alcebíades ainda o via com a afeição
então Sócrates lhe disse com clareza:

Alcebíades, Tu me pareces controlado
pois de outro modo não te colocarias
assim tão magistralmente dissimulado
para ocultar a causa de tua alegoria,

falando parcialmente de modo natural
tu deixaste a conclusão para o final
sempre dissimulando o real confronto,

como se tudo não tivesse a pretensão
algo sutil de me indispor com Agatão
para que eu fosse teu e não de outro.

Sócrates: Não escapaste da conclusão,
em teu drama de Sátiros e de Silenos
ficou algo transparente, via dedução,
que ainda destilavas um sutil veneno,

conseqüentemente, meu ilustre Agatão,
que ele não inverta aquilo que sinto,
não permita que se faça indisposição
em relação a minha pessoa no recinto.

Agatão: de fato Sócrates, é provável
que esta seja uma hipótese aceitável,
a prova é o modo como se sentou aqui,

nada mais agora ele fará dissimulado
e virei para me assentar ao teu lado,
então eu me recostarei próximo de ti.

Alcebíades: Bom Zeus, que tratamento
ainda recebo deste homem manipulador,
e ele sempre leva a melhor no evento,
mas, pelo menos, é um excelso orador,

assim sendo permite, por boa vontade,
que, entre nós, ele se ajeite Agatão.

Sócrates: Impossível a possibilidade
já que me elogiaste em tua exposição,

e eu devo elogiar o da minha direita
que passa a ser o Agatão desta feita,
assim não devo mudar a minha posição,

por acaso devo de novo ser destacado,
enquanto Agatão é que seria elogiado?
Eu quero elogiar a sua rara erudição!

Agatão: Evoé! Alcebíades deixe estar,
não há um meio de aqui eu permanecer,
ao contrário, eu mudarei o meu lugar,
para que este elogio possa acontecer,

Alcebíades: Esta é a cena de costume,
inviável a outro conquistar os belos,
suas palavras parecem ter um perfume
que se fixa, nos outros, como um elo,

Aristodemo: Agatão sentou-se ao lado
mas, de súbito, uns foliões animados
entraram no portão que estava aberto,

e irromperam em direção aos convivas
tomando seus assentos de forma ativa
constituindo um tumulto algo liberto.

Aristodemo: Alguns bebiam em demasia
e Erixímaco, Fedro e outros partiram,
o sono me pegou e eu dormi à revelia,
visto que essas tensões me aturdiram,

tinha passado umas noites sem dormir
e só fui despertar quando já era dia,
quando, aos galos, já se podia ouvir
e eu pude ver que ali ainda se bebia,

uns dormiam e outros saíram do salão,
Aristófanes, Sócrates e ainda Agatão
eram os únicos que estavam despertos,

e levavam da esquerda para a direita
a taça com a qual cada um se deleita,
e Sócrates falava de um modo liberto.

Aristodemo: A respeito de pormenores do diálogo de Sócrates com os demais, não pude apreender os nexos melhores pois o sono cortou os elos racionais,

não pude ver o princípio da conversa e eu ainda estava bastante sonolento, mas vi que o tino sempre se alicerça e o Sócrates falava com entendimento,

falava que o mesmo que faz a comédia, é também o mesmo que cria a tragédia pela associação dos opostos louvores,

um homem que é poeta trágico natural faz-se também poeta cômico por igual, por versatilidade de íntimos valores.

Aristodemo: Forçados à interpretação,
não conseguiam segui-lo pelo roteiro,
cochilavam já um tanto sem motivação,
o cômico Aristófanes dormiu primeiro,

quando já se fazia dia dormiu Agatão
e Sócrates após acomodá-los no leito,
levantou-se para sair daquela mansão
e eu segui os seus passos satisfeito,

fomos ao Liceu, um cultural baluarte,
dedicado ao deus Apolo para as artes,
e se aseou como nas outras ocasiões,

no Liceu, nós passamos o dia inteiro,
e já à tarde como lhe era costumeiro
voltou para a casa de suas reflexões.



Pinturas da Grécia antiga

O Liceu foi fundado em homenagem ao deus Apolo



Sócrates apreciava o Liceu inaugural,
historicamente Platão fez a Academia,
e Aristóteles ampliou o Liceu genial
que, na vida de Sócrates, já existia.

INTRODUÇÃO - FÉDON

Fédon acabou se transformando num documentário bastante importante a respeito das ideias de Sócrates que, como é perfeitamente possível de se constatar neste livro, curiosamente apresentava denominadores comuns com as ideias do pensador Heráclito de Éfeso.

Na prisão, enquanto conversa com os presentes, Sócrates esfrega duramente sua perna com a mão e enuncia: grande relação existe entre “o prazer” e “a dor”, eles não se identificam simultaneamente, entretanto basta capturar um como valor e o outro será encontrado juntamente.

Existe uma relação notória de transformação entre os contrários, do feio ao belo, da crise à glória e milhares de contrários imaginários. Quando uma coisa se torna maior a mesma precisa ter sido menor e a força dos contrários é que viabiliza o seu potencial de transformação.

Sócrates mostra as suas ideias de forma mais clara quando menciona: o mundo é como uma rara prisão, onde os detentos pensam ter a liberdade, planejam os seus sonhos e a sua ilusão, mas eles se alteram pela rústica adversidade em meio aos distúrbios do sofrimento, não se deve libertar-se da limitação, não se deve evadir-se antes do tempo e sim quando o Criador der permissão. Nós estamos sob a égide da Divindade, o suicídio e o homicídio são só leviandades e nenhum deve sair sem a autorização. O Criador tem os seus cálculos redentores, não se deve matar os humanos valores para não alterar o seu plano de redenção.

Sócrates ainda descreve os destinos das almas após a morte de um corpo de matéria. Ele descreve um abismo que tem a maior profundidade no Hades, dizendo que Homero e os outros poetas chamam este abismo de Tártaro e que este é um local de exacerbadas dores das almas.

Diferentes rios vão a este Tártaro levando as almas penitentes e existem quatro rios principais o rio oceano é o maior, há ainda outro rio de nome Aqueronte, há também o rio Periflegetonte e finalmente existe o rio Estígio que a poesia apelidou de Cocito e há ainda o lago Aquerúsia.

Os mortos eminentes que se purificaram no amor e no saber passam para o lago Aquerúsia e de lá vão para a região da redenção ou até o paraíso.

Sócrates ensina: quando a alma se associa à filosofia, ou ao amor ao saber, ela se livra das correntes da perversão que prendia o corpo à rude anomalia, o corpo era para a alma uma prisão de onde deveria enxergar a realidade, mas submersa em cegueira e sem percepção, segue ignorando as suas verdadeiras potencialidades. O surpreendente deste encarceramento é que o desejo traz elos do aprisionamento e a própria alma aperta as suas correntes.

A filosofia, ou o amor ao saber, entra com as suas elucidações ensinando as libertárias razões para as almas se libertem naturalmente das adversidades.

Contra a liberdade que se pode obter, o filósofo sabe que não deve se opor, todavia ele se distancia dos prazeres assim como dos afetos e dos temores pois as emoções afetam os seus afazeres e acabam comprometendo os seus valores. Todo prazer assim como todo sofrimento trazem um cravo em cada envolvimento que prega a alma no elo corporal e ela passa a ser vítima de humores próprios do mundo físico que acabam turvando o discernimento de si mesma.

Sócrates disse com muita inspiração: a tristeza não é um senão e eu não me considero menos capacitado do que os cisnes na dinâmica da adivinhação em relação ao tempo de passar para o outro lado. Quando a hora da morte se faz presente, o canto do cisne se torna frequente, com beleza e com mais alegria, nenhuma ave canta quando está ferida, o cisne canta, pois receberá guarida na região da verdadeira harmonia, porém os homens caluniam o cisne e o seu belo canto dizendo que ele canta pela dor de sua sorte.

As aves não cantam de fome, frio e dor, nem mesmo um rouxinol ou uma andorinha cujos cantos soam com um dolorido teor não se vê o fato nem nas entrelinhas. O canto do cisne alude a outras paragens, pois são aves sagradas de passagem a nos mostrar um sagrado referencial.

Sócrates conclui: a minha missão é a mesma destas aves, no momento que se faz grave encontra-se a chave para a harmonia que existe do outro lado, o lado ideal.

Sócrates

Fédon

Julgamento de Sócrates



Duzentos e oitenta homens na verdade
condenaram o idealista na democracia,
provando que existem duas liberdades:
Uma do ideal e a outra da hipocrisia.

187. CHEGADA DE FÉDON EM FLIONTE NO PELOPONESO

Equécrates junto a Eurito de Tarento,
o discípulo de Filolau no Peloponeso,
um discípulo de Pitágoras a contento,
recebeu Fédon como visitante de peso,

e Equécrates disse ao Fédon viajante:
Aqui, em Flionte, já faz muito tempo
que não temos notícias de informante
que venha de Atenas como novo alento,

conte-nos detalhes de sua condenação
e porque ficou tanto tempo na prisão
o Sócrates de filosofia tão admirada,

Fédon, presenciaste o drama pungente,
todos nós vamos te ouvir atentamente,
seja exato e não te esqueças de nada.

188. MOTIVOS DA LONGA PRISÃO DE SÓCRATES

Fédon dá, em Flionte, sua explicação:

A cidade fez, ao Apolo, uma promessa
de enviar, a Delos, uma peregrinação
e todo ano vão jovens noutra remessa,

uma lei do país traz esta afirmativa:

Enquanto durar a procissão diligente
nenhuma execução terá sua iniciativa
até que a mesma nau aporte novamente,

todavia quando os ventos em anomalia
promovem uma árdua e longa travessia
a peregrinação permanece com devoção,

no início, coroou-se a popa do navio
e o julgamento foi após este poderio,
por isto ele demorou tanto na prisão.

189. PARECER DE FÉDON SOBRE SÓCRATES

Fédon disse: Enquanto estive ao lado deste incrível filósofo tão original, eu analisei conceitos tão inusitados quanto o raciocínio notava seu ideal,

minha emoção na morte deste pensador ao qual me achava unido pela amizade, não identificava compaixão e nem dor, pois via que ele refletia felicidade,

feliz, tanto no modo de se comportar, quanto na maneira calma de conversar, tal era a visível nobreza em seu fim,

de tal forma ele me dava a impressão de que se dirigia para a nova região como se lhe coubesse um nobre festim.

190. ALEGRIA COEXISTINDO COM A DOR

Por tudo isto eu não sentia tristeza,
porém também não sentia a felicidade
dos tempos da filosofia de sutilezas,
embora no diálogo houvesse qualidade,

a verdade é que havia nas impressões
uma sensação bastante desconcertante,
uma mistura de elevadas idealizações
em oposto vínculo com dor lancinante,

nós estávamos em momento de desgaste
ora rindo, ora chorando em contraste,
em comportamento de intenso desvario,

Apolodoro mais do que qualquer outro,
suas emoções pareciam em desencontro,
pois conheces qual seja o seu feitio.

191. PENSADORES PRESENTES NA PRISÃO

Equécrates indagou: Quais pensadores
estiveram contigo, Fédon, na ocasião?

Fédon: Apolodoro com os seus valores
e ainda outros de Falero, sua região,

os outros de Falero eram: Antístenes,
Critobulo e seu pai também presentes,
Hermógenes, Ésquines mais o Epígenes,
de Peânia, Ctesipo estava juntamente,

Menexeno e pessoas de sua localidade,
e Platão ausentou-se por enfermidade.
E havia estrangeiros nesta pungência?

Sim, Símiás, Cebes e Fedondes também,
o Euclides e Terpsião e mais ninguém,
Aristipo e Cleômbroto eram ausências.

192. ENCONTRO DIÁRIO COM SÓCRATES NA PRISÃO

Encontrávamos o Sócrates diariamente,
o primeiro encontro ao romper do dia
era no tribunal que ficava em frente
a prisão que o detinha em melancolia,

esperávamos o rude presídio se abrir,
porém não era aberto tão rapidamente,
e quando abria podíamos nos conduzir
até onde estava o Sócrates influente,

chegamos mais cedo no dia derradeiro
porque o navio voltou de seu roteiro
e conseguimos adentrar mais cedo ali,

mas quando Xantipa nos viu novamente
dirigiu-nos palavrórios maledicentes,
mas Sócrates pediu para levá-la dali.

193. A RELAÇÃO ENTRE O PRAZER E A DOR

Quando Sócrates assentou-se no leito
esfregou duramente a perna com a mão,
e enquanto isso enunciou um conceito:
Que grande relação há nesta oposição,

relação inusitada entre prazer e dor,
e não se identificam simultaneamente,
todavia basta capturar um como valor
e o outro será encontrado juntamente,

nós estaremos sujeitos, quase sempre,
a encontrar o seu oposto equivalente,
corpo duplo e uma só cabeça pensante;

se Esopo tivesse redigido a respeito,
escreveria uma fábula sobre o efeito
e ela teria um preceito interessante.

194. SÓCRATES E O ESCRÚPULO DE RELIGIOSIDADE

A divindade quis pôr fim ao conflito
e amarrou as extremidades juntamente,
o surgimento de um não fica restrito
porque logo vem o oposto equivalente;

Cebes: Sócrates, puseste em mudanças
contos de Esopo para metro em canção,
e o poeta Eveno me fez esta cobrança
querendo saber o motivo da alteração,

Sócrates: Cebes, conte-lhe a verdade,
fiz com o escrúpulo de religiosidade
e não com a intenção de concorrência,

fiz ainda em decorrência de um sonho
onde as interpretações eu transponho
para tentar me ver por transparência.

195. REVITALIZAR O DIA A DIA COM MÚSICAS

Sócrates: Várias vezes tive um sonho
onde uma voz me disse bem claramente:
Revitalize o seu dia a dia enfadonho
e componha novas músicas envolventes,

a tal voz me convidava a desenvolver
a atividade que tive na vida passada,
assim como se excita quem vai correr
por meio de uma estimulação adequada,

embora me convide para fazer melodia
haverá melodia maior que a filosofia?
Esta melodia traz a plena felicidade,

mas a morte se adia por peregrinação,
assim decidi por os versos em canção
e acatar aquela voz de religiosidade.

196. CONVITE FILOSÓFICO AO POETA EVENO

Sócrates: julguei que para ser poeta
deveria usar mitos e não raciocínios,
como não uso mitos de forma concreta
as rimas de Esopo foram meu fascínio,

Cebes, conte ao Eveno a minha ironia,
transmite-lhe ainda a minha saudação,
e que se ele possui amor à sabedoria,
deve seguir minhas pegadas com noção,

eu vou embora hoje mesmo, pelo jeito,
pela ordem dos atenienses de direito,
então já não disponho de muito tempo,

Símias: Sócrates, que bonito convite,
não acredito mesmo que Eveno o evite
e creio que seguirá o aconselhamento.

197. A MORTE É SERENA, MAS NÃO POR SUICÍDIO

Sócrates perguntou: Eveno é filósofo?

Símias disse: Eu creio que ele é sim,
o convite vai louvar seus propósitos
mas espero que não cultive o seu fim,

Cebes: Como salientar que é proibido
violência contra si e por outro lado
que o filósofo aqui deve ser seguido,
se morrerá por um roteiro idealizado?

Sócrates: Quê? Não fostes orientados
sobre a ação deste gênero de pecados
ao viverdes com o Filolau pitagórico?

Sócrates, não tivemos nada bem claro
neste tema não tivemos maior preparo,
e ficou um lapso no conceito teórico.

198. A REJEIÇÃO AO SUICÍDIO - I

Cebes: Dize-nos, Sócrates, com razão,
por que um suicídio não é autorizado?
Já ouvi Filolau refutar esta decisão,
todavia o motivo não me foi ensinado!

Sócrates: Vamos avaliar este assunto,
talvez eu possa ensinar alguma coisa,
é mesmo necessário viver neste mundo,
usando sempre todas as nossas forças,

a necessidade de viver é inteligível,
verdadeiro mesmo quando é preferível
a morte em relação à vida degenerada,

todas as vidas pertencem à Divindade,
e estariam matando-as sem autoridade
do dono desta especificidade sagrada!

199. A REJEIÇÃO AO SUICÍDIO - II

Sócrates: O mundo é como rara prisão
onde detentos pensam ter a liberdade,
planejam os seus sonhos e sua ilusão
mas eles se alteram pela adversidade,

em meio aos distúrbios do sofrimento
não se deve libertar-se da limitação,
não se deve evadir-se antes do tempo
e sim quando o Criador der permissão,

nós estamos sob a égide da Divindade,
suicídio e homicídio são leviandades,
e nenhum deve sair sem a autorização,

o Criador tem os cálculos redentores,
não se deve matar os humanos valores
para não mudar Seu plano de redenção.

200. A REJEIÇÃO AO SUICÍDIO - III

Cebes: Sócrates, acho que é racional o teu bom argumento aqui apresentado, mas a coisa toma um feitio paradoxal quando os filósofos são considerados,

os filósofos com relativa facilidade aceitam morrer sem qualquer protesto, porém se nós pertencemos à divindade o filósofo contradiz com o seu gesto,

assim, não se pode ignorar este fato de que justo os homens mais sensatos não se incomodam com a ação da morte,

Sócrates o ouviu com um certo prazer e disse: Cebes não quer se convencer sem apresentar óbices de outra sorte.

201. A REJEIÇÃO AO SUICÍDIO - IV

Sócrates: Eu ficaria bem contrariado
se a morte inviabilizasse minha vida,
se meu ideal não tivesse me ensinado
que depois dela teria nova sobrevida,

estarei junto de seres sábios e bons
e de homens que morreram muito antes,
daqueles que possuem magníficos dons,
cujas virtudes são sempre relevantes,

assim, pelo que acabou de ser falado
não tenho razões para estar irritado
já que morte é uma sequencia natural,

ao contrário, tenho imensa convicção
de que os bons terão melhor recepção
do que os maus lá na vida espiritual.

202. A CONVICÇÃO NO VALOR DO IDEAL

Símias: Sócrates, terás esta coragem de guardar para ti estes pensamentos? Porque se fizeres esta última viagem levarás este coletivo esclarecimento!

Sócrates: Esforçar-me-ei pela defesa, mas antes vejamos o que está havendo, porque o bom Criton dirá com certeza o que na prisão agora está ocorrendo,

Criton: O homem que te dará o veneno explica-me que deves conversar menos, aquecendo o corpo dificultará a ação,

Sócrates: Que vá às favas em seguida, ele que me dê várias vezes repetidas, mas não vou paralisar a argumentação!

Sócrates: Deixa-me retomar a opinião de que o homem deve ter melhor sorte por cultivar filosofia com dedicação, e terá melhor aceitação após a morte,

quando o homem se dedica à filosofia no sentido abrangente de sua acepção, ele se prepara para morrer dia a dia por isso a morte não causa irritação.

Símias pôs-se a rir e disse alterado: Por Zeus, Sócrates, fico atrapalhado, estou rindo sem nem ter esta vontade,

se o vulgo ouvisse essas ponderações e ao analisar o tema com seus senões, atacaria a filosofia e suas verdades.

Símias: O vulgo diria, com sua noção,
quem estuda filosofia deseja perecer,
e uma só razão teria a sua conclusão:
Quem pensa assim merece mesmo morrer,

Sócrates: Este vulgo teria sua razão
embora não soubesse ser rara verdade,
por desconhecer o móvel da concepção,
assim, ignoremos esta arbitrariedade,

Sócrates: Que é morte em sua opinião?

Símias: É simplesmente uma separação
da alma espiritual e do corpo carnal!

Sócrates: Crê que é possível dividir
esta boa forma de pensar e de sentir,
com quem vê de maneira tão paradoxal?

205. A SOBRIEDADE DO VERDADEIRO FILÓSOFO

Sócrates: Seria viável a um filósofo
um vício de comer e beber avidamente?

Símias: Não seria de seus propósitos,
e, ao contrário, seria moderadamente;

e relativamente aos prazeres do amor?

Símias: Também não quereria excessos!

E dar ao corpo um aspecto fascinador?

Símias: não veria nisto real sucesso!

A sua atenção não vê o lado do corpo,
mas o espírito que se livra do morto,
e o espírito passa a ser referencial,

para o vulgo já não se merece a vida,
mas só a vida material fica comedida
se o corpo já não representa o ideal.

206. LIMITAÇÕES DO CORPO EM RELAÇÃO AO IDEAL

Sócrates: Usando a visão e a audição
nós não vemos nem ouvimos claramente,
e o resto do corpo tem menor aptidão
então o corpo não é mesmo suficiente,

quando o espírito procura raciocinar
o corpo sempre o engana radicalmente,
deste modo é mesmo preferível pensar
sem os sentimentos muito envolventes,

pensar com estorvo visual e auditivo
com prazer ou em sofrimento aflitivo,
desvia-se o foco do pensamento ideal,

deve-se refletir com o corpo isolado
deixando sensações e humores de lado
para avaliar o ideal de modo natural.

207. A PERFEIÇÃO DAQUILO QUE É IDEAL

Sócrates: A alma do filósofo em ação
eleva-se ao ponto mais alto possível,
desprezando o corpo e sua associação
para alcançar uma percepção incrível,

consegues pensar o justo em si mesmo?
Ou o belo em si tendo beleza sem par?
E o bom em si que não se guia a esmo?
Não viste nenhum deles com teu olhar!

É porque aprendeste por outra ilação
que não tem no corpo a sua motivação
e sim no dom que a alma tem no ideal,

para todos os seres com suas proezas,
a relacionar força, saúde e grandeza,
só é compreensível no elo espiritual.

208. O PERIGO DE SE LIGAR MUITO AO CORPO

Sócrates: Apenas depois de se soltar do corpo, do ouvido e ainda da visão, é que a verdade ideal a se averiguar pode ter real processo de apreciação,

o filósofo fala, em íntima estrutura: Talvez exista uma espécie de trajeto que leve o raciocínio, nesta procura, por meio de um caminho bem mais reto,

enquanto há o corpo com seus valores e a alma se misturar em seus humores os erros e ilusões serão costumeiros,

não somente por confusões suscitadas mas também pelas doenças encontradas e fica difícil achar o eu verdadeiro.

Sócrates: O corpo se enche de amores,
temores e imaginações de todo o tipo,
e muitas bagatelas de falsos valores,
por meio dos quais obtemos conflitos,

nada como um corpo e as suas paixões
para gerar o aparecimento de guerras,
e é pela posse de bens e de quinhões
que realmente o ser humano mais erra,

almejamos juntar os valores de metal
até para caprichos do corpo material,
de quem ainda somos míseros escravos,

para que sua influência vá se firmar,
teremos também preguiça de filosofar
e neste estado a vida tem seu agravo.

210. O DESTINO DOS AMANTES DA SABEDORIA

Sócrates: É impossível um saber puro
enquanto perdurar a ligação corporal,
ou nunca teremos sabedoria no futuro,
ou só a teremos num mundo espiritual,

estaremos mais próximos da sabedoria
quanto mais afastados das sociedades,
sem as ligações do corpo em anomalia
para não turvar a meta da serenidade,

depois que nosso corpo estiver morto
isolar-nos-emos da demência do corpo
para emergirmos para a real harmonia,

ficaremos unidos aos seres parecidos
com o nosso pensar mais desenvolvido,
e assim viverão amantes da sabedoria.

211. O VERDADEIRO SENTIDO DE LIBERTAÇÃO

Sócrates: Se temos verdade com noção
há esperança para quem vai nesta via,
seguindo este caminho de purificação
iniciado na vida passada com empatia,

porém a purificação não é justamente
apartar, o possível, a alma do corpo,
para que ela o evite quotidianamente
até que esteja confirmadamente morto?

A alma prefere um corpo sem suportes
e não é este o nexa da palavra morte,
quando acontece a completa separação?

os que almejam esta augusta harmonia
não são os que vivenciam a filosofia?
assim a morte já não causa irritação!

212. A EVOLUÇÃO PARA O IDEAL DE PUREZA

Sócrates: Assim, causaria estranheza
se homem que lutasse por toda a vida
para se aproximar do ideal de pureza
se irritasse com a morte já definida,

todos os que já cultivam a filosofia,
por influência de esotéricos valores,
já querem este raro tipo de harmonia,
para leigos seria motivo de terrores,

seria como suprasumo de contradição
se sentissem um corpo em forte união
e ainda desejassem o seu afastamento,

este afastamento simbolizaria um bem
se fossem com entusiasmo para o além,
mas ainda não têm este discernimento.

Sócrates: As mulheres e seus maridos
não desejam ir para a região do além,
depois de seus amores terem perecido?
Porém filósofos fazem isto muito bem,

eles são homens que amam a sabedoria
e sabem que vão encontrá-la no Hades,
então eles disciplinam seu dia a dia,
e até abrem mão de suas necessidades,

se alguém se irrita na hora da morte
é porque o corpo ainda é seu suporte
e a sabedoria ainda não é prioridade,

o filósofo já cultivava uma temperança
que desenvolve prudência e esperança
e a hora da morte vem com serenidade.

Sócrates: Para leigos o dom não vale,
pois até têm teorias de se estranhar,
a morte ainda é um dos grandes males
e é preciso coragem para a enfrentar,

temor torna os homens até escabrosos
e a morte transmuda o modo como agem,
sendo medrosos se elevam a corajosos
como se a covardia gerasse a coragem,

o rude desregramento gera temperança,
para que um corpo viva com segurança,
eles até abrem mão de novos prazeres,

trocam valor por valor e dor por dor,
tal como moedas de caráter enganador
que doa, ao corpo, ilusórios poderes.

215. A SABEDORIA COMO MOEDA DO IDEAL

Sócrates: Apenas uma moeda tem valor
e por ela se trocam todos os valores,
a sabedoria com seu dom esclarecedor,
porque, com ela, somos idealizadores,

com ela compram-se e vendem-se metas,
coragem, temperança e novas virtudes,
elabora-se até justiça mais concreta
pela rara diferenciação das atitudes,

e indiferente na justa transformação
que se troquem prazeres da percepção
que estimulem apenas o lado corporal,

sabedoria cultiva a rara consciência,
muda, no corpo, valores de aparência
para íntimos valores da alma imortal.

216. A VERDADEIRA PURIFICAÇÃO PELO IDEAL

Sócrates: É viável que até iniciados a quem se deve a ação das iniciações tenham seus merecimentos comprovados quando se considerar todos os senões,

quem não tiver a ação da purificação viverá com almas de graus inferiores, e quem tiver o valor da reformulação viverá com almas de graus superiores,

os primeiros vivem em falsa harmonia apresentando, no corpo, sua sintonia, e traduzem números realmente maiores,

já os últimos se tornam os filósofos que buscam purificar seus propósitos e representam números sempre menores.

Sócrates: Existe uma relação notória de transformação entre os contrários, do feio ao belo ou da crise à glória, e milhares de contrários imaginários,

a ação dos contrários tem a dimensão que abrange plantas e também animais, vivos e mortos também têm associação com raras transformações estruturais,

quando qualquer coisa se torna maior, a mesma precisa antes ter sido menor e a força dos contrários a viabiliza,

quando um fraco muda para mais forte e o lento passa a ter rápido suporte vê-se que neste dom tudo se dinamiza.

Sócrates: Vê-se a força de conversão
dinamizando os contrários vinculados,
o pior se torna melhor pela inversão
e o injusto se torna justo reformado,

entre os contrários há dupla geração
uma que caminha de um dos contrários
para o seu oposto e, em nova relação,
do segundo até o primeiro originário,

entre menor e maior há o crescimento,
também há resfriamento e aquecimento
e ainda há composição e decomposição,

todos eles têm oposições semelhantes,
e eles têm uma necessidade dominante
de se engendrar para a transformação.

Sócrates: Vejamos uma outra oposição:
estar dormindo versus estar acordado,
um necessita mesmo da outra condição
para que também possa ser modificado,

estar morto é contrário a estar vivo
e são estados que se unem mutuamente,
de um vivo surge o morto alternativo
e do morto surge o vivo inversamente,

das coisas mortas se formam as vivas
reaproveitando a matéria associativa
a manter o ciclo da vida equilibrado,

dos mortos nascem os vivos novamente
ampliando o ciclo surpreendentemente,
e do Hades o espírito volta renovado.

Sócrates: Se a morte fosse realmente incapaz de gerar a vida por oposição, a natureza seria bastante deficiente e um dos opostos não teria renovação,

os vivos não provêm menos dos mortos do que os mortos dos vivos novamente, e há tanto reestruturação dos corpos quanto dos espíritos correspondentes,

se o elo fosse em linha reta somente sem formar um contrário inversamente, o ciclo pararia e cessaria a geração,

suponhamos que só existisse o dormir e que um acordar deixasse de existir, o equilíbrio seria somente aberração.

Sócrates: Se tudo fosse numa direção
sem retornar para seu lado contrário,
tudo terminaria concentrado em união,
transformando-se num bloco solitário,

em pouco tempo estariam evidenciadas
as palavras do Anaxágoras filosófico,
todas as coisas estariam compactadas
privando a tudo de um novo propósito,

suponhamos que morra tudo que é vivo
e que nada volte ao estado primitivo,
ao morrer já não haveria outra sorte,

se vida tivesse outro elo de partida
com diferenciação da morte combalida,
mesmo assim tudo acabaria pela morte.

222. O APRENDIZADO DAS VIDAS PASSADAS

Sócrates: O vivo tem origem no morto
e as almas dos mortos têm existência,
as boas fazem jus ao melhor conforto,
as más passam a sofrer em penitência,

Cebes: Sócrates, isto me faz lembrar
de tua elucubração muito considerada,
que aprender é simplesmente recordar
porque foi aprendido em vida passada,

Símias: E como se poderá provar isto?
Neste momento eu me sinto até omissos,
porque não me lembro deste argumento!

Cebes: Indaga-se sobre valor e ética,
passa-se para as figuras geométricas,
todos mostrarão atávico conhecimento.

223. RECORDAÇÕES POR MECANISMO DE ASSOCIAÇÃO

Sócrates: Para se ter uma recordação
é preciso ter conhecido o fato antes,
é possível também fazer a associação
entre eventos e momentos importantes,

como identificar um homem e uma lira,
as vestimentas e a música em ligação
atuam para que o somatório interfira
na intimidade e no dom da imaginação,

como um cavalo e uma lira desenhados,
lembram um homem por elos associados,
e até Símiás lembra Cebes pela união,

pode-se recordar por algo pertinente
e pode ser também por algo diferente,
porém o principal elo é a associação.

224. O IGUAL A SI MESMO COM PLENITUDE

Sócrates: Entre um objeto de partida
e um referencial final de apreciação,
uma vasta lacuna pode ser preenchida
por uma lógica capacidade de dedução,

há um que é igual a si mesmo no além
não igual a um pedaço de pau e outro,
não igual a uma pedra e outra também,
porque ele se distingue no confronto,

igual a si mesmo tem igualdade ideal,
diferente de valor do mundo material,
porém igual a si mesmo com plenitude,

mas foram estas igualdades materiais
que permitiram ver em termos mentais
o igual a si mesmo com a sua virtude.

225. O IGUAL A SI MESMO COMO PADRÃO

Sócrates: O igual a si é um superior referencial cujo parâmetro é o ideal, objetos materiais têm valor inferior e traduzem uma representação parcial,

é necessário ter visto anteriormente para se conhecer a natureza do igual, e ao se observar objetos pertinentes tem-se a lembrança do transcendental,

todos os objetos análogos observados almejam o patamar do igual sublimado, pois é um referencial de purificação,

ao enxergar, escutar, tocar e sentir, percebemos que todos desejam evoluir tendo o igual a si mesmo como padrão.

226. O CONHECIMENTO ANTES DE NASCER

Sócrates: Após a época do nascimento
começamos a fazer o uso dos sentidos,
mas antes é preciso ter conhecimento
referente ao igual mais desenvolvido,

assim, já adquirimos antes de nascer
não só um conhecimento sobre o igual,
mas, como maior e menor vão aparecer,
tal como outras metas do plano ideal,

o belo e o bom vistos da mesma forma,
justo e piedoso com suas boas normas,
ou a realidade de evolução como meta,

as perguntas levantam estas questões,
as respostas individualizam opiniões,
mas a noção antes de nascer é direta.

Sócrates: Os conhecimentos fraternos
têm no nascimento o ponto de partida,
nascemos com este nobre saber eterno,
mantendo-o no curso das nossas vidas,

depois de se obter este conhecimento,
ao nascer fica latente na imaginação,
passamos a ter o tom do esquecimento
contra o qual lutaremos na adaptação,

neste perene processo de recuperação,
cultivamos os estudos como instrução
até alcançarmos uma plena maturidade,

a instrução traz o dom da recordação
como íntima reminiscência da atenção
para que se edifique a personalidade.

Sócrates: Símiás, quem sabe de fatos, é capaz de colocar este conhecimento na forma de um característico relato que mostre o valor do esclarecimento?

Símiás: Sim, Sócrates, evidentemente.

Sócrates: Crês que alguém seja capaz de nos esclarecer significativamente estes itens citados e de modo eficaz?

Símiás: Eu acho que depois de amanhã ninguém mais apresentará um real afã para nos ensinar esse esclarecimento.

Sócrates: a alma existia muito antes de possuir um corpo humano ambulante, mas nasceu esquecendo o entendimento.

229. AO IDEAL COMO AGENTE MODULADOR

Sócrates: Por existir uma vida ideal
o elo material passa a ser aceitável,
se a vida ideal fosse somente irreal,
o elo físico também seria improvável,

pela não existência do primeiro teor,
implica na não existência do segundo,
pois o valor ideal é mesmo modulador
de valores materiais que há no mundo,

os valores que, na vida, são notados
provêm de valores ideais purificados,
sendo belo, bom e justo em si mesmos,

se não existisse um mundo espiritual
e, mesmo assim, existisse o material,
tudo na vida se desenvolveria a esmo.

230. DÚVIDAS COM RELAÇÃO AO FALECIMENTO

Símias: Há almas antes do nascimento,
mas após a morte continuam a existir?
Quando o corpo tem o seu falecimento
a alma ativa também pode se destruir!

Cebes: A alma pode ter outra geração
antes de se unir para viver no corpo,
mas poderia enfrentar sua destruição
assim que o corpo já estivesse morto!

Sócrates: Já foi deveras demonstrado
o vivo nasce do morto desestruturado
como bem já se admitiu anteriormente,

Símias e Cebes, estais sentindo medo?
Buscando se a alma tem algum segredo
para quando a morte ferir fatalmente?

231. EXORCISMOS PARA SE LIBERTAR A IMAGINAÇÃO

Cebes: Sócrates, somos como poltrões?
quem sabe, mas busca nos reconfortar,
em nossos íntimos há infantis senões
e estas hipóteses podem nos assustar,

firma-te para que nós, como crianças,
possamos firmar as nossas convicções,
estruturando-nos com a tua confiança
para não termos medo de assombrações!

Sócrates: Necessitaremos de energias
para se ter exorcismos todos os dias
até libertar totalmente a imaginação,

Cebes: Sócrates, e onde iremos obter
um forte exorcista para nos proteger
se vais abandonar a nossa orientação?

232. AS CARACTERÍSTICAS DO EXORCISTA

Sócrates: Cebes, a Grécia já é vasta
e, nela, não faltarão homens capazes
porém também verás ideologias castas
em nações bárbaras que forem audazes,

dirigi a vossa busca entre os homens
e não poupeis nem bens e nem o labor,
para achar o exorcista e suas ordens
com noção de que nada tem mais valor,

mas antes de sairdes a buscar a esmo,
procureis com noção entre vós mesmos,
porque muitos já se notam melhorados,

exorcista para afastar males mentais
para não por o mundo acima de ideais,
entre vós mesmos pode ser encontrado!

233. A IMPORTÂNCIA DAS VIRTUDES

Cebes: O que poderá ter decomposição?
Que coisas deverão temer este estado?
E para que é viável esta modificação?
O corpo e a alma serão transformados?

Há uma coisa composta por associação
lendo Anaxágoras e Empédocles também,
há a não composta que, em outra ação,
escapa de grave decomposição no além,

os homens que se conservam imutáveis
não sofrem decomposições lamentáveis
e não decompõem o valor do bom ideal,

já os homens que nunca são os mesmos,
cujas virtudes se desenvolvem a esmo,
veem o ideal ser decomposto no final.

234. AS DÚVIDAS DO QUOTIDIANO

Cebes: Pelo seu imo, cuja existência já falamos em nossos questionamentos, mudar-se-ia o ideal com sua essência e até aceitaria ter desenvolvimentos?

Acaso uma das realidades verdadeiras cujo modo é em si, com sua perfeição, com a sua imutabilidade alvissareira, não admite jamais qualquer alteração?

Homens e seres que estimulam a visão, que se unem aos ideais de inspiração e seguem seus âmagos correspondentes,

a uns se podem perceber por sentidos, a outros, por pensamentos refletidos mesmo sendo invisíveis completamente?

235. VÍNCULO TRANSCENDENTAL E MATERIAL

Cebes: Há dons invisíveis e visíveis,
os invisíveis conservam a identidade,
correspondendo a valores previsíveis,
os visíveis mudam-se com intensidade,

Sócrates: Nós possuímos dois valores,
um é espiritual e o outro é corporal,
o corpo se mostra em visíveis teores
e a alma tem sua sintonia espiritual,

a alma possui vínculo transcendental,
o corpo tem ligação num elo material,
e a vida se manifesta por associação,

se a alma fraqueja, seu corpo influi,
se a alma se impõe, seu corpo evolui
e ela sintoniza o ideal por evolução.

236. AVERIGUAÇÃO DO OCASIONAL E DO IDEAL

Sócrates: A alma usa um elo corporal para se posicionar com seus sentidos, usando elo táctil, auditivo e visual para que o visível seja compreendido,

assim seu corpo se torna instrumento com o qual se interpreta um ambiente, e a alma projeta o seu discernimento envolvendo homens e formas aparentes,

a alma passa a ter noção inconstante como se estivesse bêbada e vacilante tentando averiguar o que é ocasional,

mas vê os valores com real percepção quando se direciona para a perfeição por sua semelhança com o que é ideal.

Sócrates: A alma traz sua identidade em íntimo elo com o seu conhecimento, este estado de alma em autenticidade não se traduz como dom do pensamento?

A alma, pois, guarda mais semelhança com os dons que não sofrem alteração, enquanto o corpo sofre suas mudanças ou se caracteriza pela transformação,

quando alma e corpo estão em ligação a alma assume o controle e a direção, e o corpo se restringe em obediência,

o corpo representa um legado genuíno e a alma representa o vínculo divino que controla a vida com inteligência.

Sócrates: A alma tem vínculo imortal
e é dotada com a força do pensamento,
que é indissolúvel e tem valor ideal
com a mesma feição ao longo do tempo,

o corpo, pelo contrário, já é mortal,
multiforme e carente de inteligência,
e mostrará uma decomposição no final,
quando não puder manter a existência,

o que convém ao corpo é a dissolução
e um tempo se encarrega da alteração,
pois o seu propósito é disciplinador,

e o que convém à alma como qualidade
é a mais relevante indissolubilidade
para evoluir com um espiritual valor.

Sócrates: Pode-se fazer uma reflexão depois da morte de um corpo material a parte visível se mantém com coesão por um período que ainda é adicional,

o cadáver sofrerá ação de dissolução mas ela não acontecerá imediatamente, o processo poderá ter grande duração sobretudo se tinha viço inicialmente,

há a redução pela técnica artificial, como nas múmias do Egito tradicional e assim o corpo dura um tempo a mais,

e mesmo nos episódios de putrefações certas parcelas como ossos e tendões poderão até sugerir que são imortais.

240. ALMA E CORPO EM SEPARAÇÃO - II

Sócrates: A alma é o que é invisível
e irá ao páramo que lhe é semelhante,
até um local de beatitude compatível
com as suas ações mais dignificantes,

vai ao bom Deus repleto de sabedoria,
aonde a minha também deve se dirigir,
se autorizar o nosso Deus de bonomia,
depois que a morte a permitir partir,

para o vulgo, após o corpo se anular,
uma alma também deveria se aniquilar
no instante de sua separação natural,

mas o que se passa é bem o contrário,
caro Cebes e caro Símiás dignitários,
porque a alma irá para o plano ideal.

241. ALMA E CORPO EM SEPARAÇÃO - III

Sócrates: Suponhamos que haja pureza
na alma que se separa do corpo enfim,
dele, a alma nada levará com certeza,
já que ela o evitou do começo ao fim,

ela refletiu-se a si mesma com razão
concentrando-se em si mesma pelo dom,
a filosofia promoveu sua purificação
e o ato de morrer vem como tempo bom,

assim, o cultivo diário da filosofia
ajuda o corpo a morrer com sabedoria,
libertando a alma para o plano ideal,

a alma vai até o que lhe é plausível,
ela se dirige para o que é invisível,
para o que é sábio, divino e imortal.

Sócrates: A alma assimila felicidade,
onde distúrbios, querelas e terrores
já não marcam cruelmente a realidade
como quando existiam humanos valores,

os problemas humanos cessam sua ação
e a alma passa a viver com liberdade,
na companhia dos deuses de perfeição
o resto de sua vida, pela eternidade,

pode ocorrer também o fato contrário,
com a alma em procedimento temerário,
ligando-se ao corpo em rude confusão,

a alma fica com um juízo enfeitiçado
pelos desejos e prazeres equivocados,
sentindo como real o que é só ilusão.

Sócrates: Parece sempre real a noção
de ver, comer, beber, sentir e tocar,
de se entregar aos ditames da paixão
e depois ao ódio, quando tudo falhar,

habitualmente uma alma vê com receio,
ou encara como tenebroso o invisível,
para a filosofia ele é como o esteio
que traz, ao imo, um dom inteligível,

se este estado continua no dia a dia,
demonstrando rude falta de sabedoria,
e porque o corpo turvou toda a razão,

pensas que uma alma tão inconsciente
possa existir em si mesma plenamente
sem turvar nocivamente sua percepção?

Sócrates: A alma que vive o corporal
e passa a ter uma real familiaridade
com esta existência na vida material,
estabelece dinâmica de reciprocidade,

a alma tem o corpo como elo de união,
tornando-se prisioneira gradualmente,
buscando até mesmo uma multiplicação
das ocasiões de contatos envolventes,

a alma se torna mais densa e visível
uma vez que é seu conteúdo plausível
e única forma aparente de existência,

passa a ter o medo da vida invisível
pois sobreviver lá parece impossível
e o corpo é o vínculo de dependência.

Sócrates: O medo que a alma rude tem
arrasta-a para a parte que é visível,
ela ronda as sepulturas em vai e vem
como um espectro incrível e horrível,

ronda monumentos funerários do local
transformando-se em espectro sombrio,
já que obteve uma libertação anormal
num estado de impureza e de desvario,

estas almas não são de bons cidadãos,
são as dos maus e de valores malsãos
que agora estão destinadas a vaguar,

caminham com comportamento dissoluto
até identificarem análogos atributos
com os quais, então, vão se associar.

Sócrates: As almas terão os destinos correspondentes às mesmas atividades que desenvolveram de um modo genuíno enquanto viveram suas personalidades,

parecerão asnos ou animais similares pela luxúria, bebedeira e voracidade, ou lobos com suas feições peculiares pela injustiça, tirania e rapacidade,

as muito felizes viverão como amigas, tais como abelhas, vespas e formigas em coletividades cívicas de harmonia,

a espécie divina terá exclusividades para quem filosofou com elasticidade, e só para reais amantes da sabedoria.

247. O CAMINHO DE EVOLUÇÃO DO FILÓSOFO

Platão redige sobre a socrática ação:

Os motivos que enaltecem a filosofia
continuam bem afastados, sem exceção,
dos desejos carnavais em rude sintonia,

e mesmo com a perda de um patrimônio
a pobreza não poderá infundir o medo,
mesmo sem honrarias e sem matrimônio
o filósofo vê a sua força em segredo,

o homem que se preocupa com sua alma
vive sem prazeres ímpios e com calma
diferente dos que não sabem aonde ir,

não anda em rota inversa à sabedoria,
liberta e purifica a própria energia
e pensa de modo constante em evoluir.

Sócrates continua sua rara exposição:
Quando a alma se associa à filosofia,
liberta-se de correntes da perversão
que prendiam o corpo à rude anomalia,

o corpo era, para a alma, uma prisão
de onde deveria enxergar a realidade
submersa em cegueira e sem percepção,
ignorando suas reais potencialidades,

o surpreendente neste encarceramento
é que o desejo traz o aprisionamento,
a própria alma aperta suas correntes,

a filosofia entra com as elucidações,
ensinando as suas libertárias razões
para que ela se liberte naturalmente.

Sócrates continua seu esclarecimento:

A ilusão se faz através dos sentidos,
pela visão, chega o seu encantamento,
por outros sentidos ou pelos ouvidos,

assim, deve-se livrar destas ilusões
se não existir imperiosa necessidade,
e considere suas próprias impressões
para se livrar com mais naturalidade,

as coisas não devem sofrer avaliação
de um intermediário com a sua ilusão,
pois refletirão sua superficialidade,

uma verdade vem do mundo inteligível
que ao mesmo tempo ainda é invisível,
mas é a essência luminosa da verdade.

Em Fédon, Platão continua a escrever
o que Sócrates disse como orientador:
Contra a liberdade que se pode obter
o filósofo sabe que não deve se opor,

o filósofo se distancia dos prazeres
assim como dos afetos e dos terrores,
pois as emoções afetam seus afazeres
e também comprometem os seus valores,

todo prazer e também todo sofrimento
trazem um cravo em cada envolvimento
que pregam a alma na feição corporal,

e o aspecto material julga a verdade
conforme as feições da sensibilidade
que distanciam a alma do valor ideal.

251. O CANTO DO CISNE COMO DESPEDIDA

Sócrates pediu a Símias um argumento,
Símias disse que estava sem suportes,
pois respeitava muito seu sofrimento
pelo fato de estar próxima sua morte.

Ele disse: A tristeza não é um senão,
eu não me considero menos capacitado
do que cisnes na ação da adivinhação
no tempo de passar para o outro lado,

quando a hora da morte está presente
o canto de cisnes se torna freqüente
tendo mais beleza e com mais alegria,

nenhuma ave canta quando está ferida
o cisne canta, pois receberá guarida
no território da verdadeira harmonia.

252. SÓCRATES COMPARA SUA MISSÃO COM O CISNE

Sócrates segue com o seu esclarecimento:
Porém os homens, com o medo da morte,
caluniam os cisnes e seu canto bento
contando que é pela dor de sua sorte,

aves não cantam de fome, frio ou dor,
nem mesmo um rouxinol ou a andorinha,
cujos cantos soam com dolorido vigor
não se vê o fato nem nas entrelinhas,

o canto de cisnes alude a outro polo
já que são as aves sagradas de Apolo
a nos mostrar um sagrado referencial,

a minha missão é a mesma destas aves
no momento grave encontra-se a chave
para a harmonia que há no lado ideal.

253. PERGUNTA SOBRE A LIRA E AS CORDAS

Símias expõe a Sócrates um argumento:
A lira e as cordas produzem harmonia,
harmonia tem invisível arrebatamento,
lira e cordas têm visível fisionomia,

e se lira e cordas forem danificadas
como poderia sua harmonia sobreviver?
A real harmonia estaria desintegrada
antes do que foi visível desaparecer?

Um corpo é semelhante ao instrumento
e sem a alma como harmonia no evento
seu corpo ainda mantém certo suporte,

assim, a alma com seu elo particular
deve ser destruída em primeiro lugar
quando há o que denominamos de morte.

254. RESPOSTA SOBRE A LIRA E AS CORDAS

Sócrates respondeu ao homem de Tebas:
Oh Síimias, deverias mudar de opinião,
pois simbolizaria uma grotesca queda
se a alma fosse só harmonia em fusão,

a lira e as cordas de um instrumento
simbolizam a harmonia pela sincronia,
mas se a alma é boa ou má num evento
não depende de sua corporal sintonia,

Homero apresenta Ulisses em aventura
dizendo: Suporta coração sem ruptura,
já suportaste mazelas mais concretas,

logo, meu prezado amigo de filosofia,
se a alma fosse uma simples harmonia
nós estaríamos contra o divino poeta.

255. DURABILIDADE DO CORPO E DA ALMA

Cebes expõe a Sócrates sua impressão:
Uma alma é mais durável que um corpo,
na morte, a alma parte com superação,
já o corpo se desfaz depois de morto,

quem poderá supor pelo discernimento
que uma alma em uma de suas partidas,
depois de seus múltiplos nascimentos,
não acabe sendo plenamente destruída?

na morte, o homem não vai se acalmar,
a menos que ele seja capaz de provar
que a alma é imortal definitivamente,

se assim não for, quem já vai morrer,
no momento da separação deverá temer
que a alma seja destruída totalmente.

256. O ÍMPAR JAMAIS SERÁ PAR

Sócrates disse a Cebes com sua noção:

Uma alma sempre trará um dom de vida,
e jamais será morte em contraposição,
e cada qual assim mesmo se consolida,

o que torna o corpo quente é o calor,
o que faz um corpo doente é a doença,
em um corpo uma vida só vai se impor
se, nele, a alma marcar sua presença,

o que é ímpar assim vai se conservar
porque o que é ímpar jamais será par,
cada qual se mantém do modo original,

O que rejeita o injusto e inarmônico
permanece tal como justo e harmônico,
a alma não admite a morte, é imortal.

257. A MORAL COMO REFERENCIAL

Sócrates disse com seu discernimento:
E se admiravelmente a alma é imortal,
cumpre zelar por seu desenvolvimento
no tempo presente e pelo tempo total,

quando a morte corporal é confirmada
se a alma foi um veículo de maldades,
a fuga que viabilizaria sua escapada
passa a não haver como possibilidade,

no Hades, a alma só terá a sua moral,
curiosamente o que lhe é prejudicial
em função das ações do comportamento,

o mesmo gênio que está a nos nortear,
porá cada morto em determinado lugar
para que seja submetido a julgamento.

258. MUITOS CAMINHOS PARA A EVOLUÇÃO

Depois do julgamento ser pronunciado
tem-se a sentença pelo comportamento,
recebem o merecido em local adequado
e voltam para cá após bastante tempo,

caminhos que levam à vida espiritual
podem ser muitos e bastante variados,
pois se só houvesse uma via para tal
não haveriam guias tão diferenciados,

o caminho tem voltas e encruzilhadas
a prova são religiões diversificadas
passando os seus trajetos escolhidos,

a alma ordenada acompanha o seu guia,
e a alma teimosa permanece à revelia
ao redor do cadáver agora apodrecido.

259. A IGNORÂNCIA E AS VIRTUDES

A alma mais obediente segue seu guia
já a alma que se agarra ao seu corpo
fica ao redor do cadáver em anomalia
e ainda perto de monumentos do morto,

enfim a alma chega ao seu julgamento
outras se afastam dela imediatamente,
pois reflete o erro do comportamento
assim como matar alguém injustamente,

ninguém mesmo quer guiar sua conduta
ela permanece em ignorância absoluta
mas fica numa residência conveniente,

a alma que teve virtudes e sabedoria
faz amizade com companheiros e guias
e fica numa residência bem comovente.

Entre fundos abismos que há na terra
existe um que tem maior profundidade,
atravessa a terra e então se encerra
englobando toda a interna localidade,

Homero e outros poetas em descrições
chamam de tártaro este abismo citado,
é o abismo de profundas localizações
e sob a funda terra ele está situado,

muitos rios vão do tártaro para além,
e eles retornam a este abismo também,
mas o rio chamado oceano é o maioral,

num sentido oposto corre o Aqueronte
vai entre desertos, abismos e montes
e desemboca no lago Aquerúsia afinal.

261. O ABISMO CHAMADO TÁRTARO - II

Sócrates: O motivo pelo qual os rios
vão ao tártaro e dele fluem de volta
é que a água que entra em seu desvio
não vê fundo e nem base na viravolta,

há uma ação de oscilação e ondulação
que a faz subir e descer normalmente,
o ar e o sopro sofrem a mesma reação
para um e para outro lado pertinente,

este movimento lembra uma respiração
com inspiração e ainda com expiração
produzidas numa incessante seqüência,

o sopro que avança entrando e saindo
gera, nos líquidos que vão emergindo,
ventos de uma irresistível violência.

262. OS RIOS QUE VÃO AO TÁRTARO

Ao Aquerúsia vão as almas dos mortos,
ficam ali durante o tempo condizente,
e depois elas receberão novos corpos
a engendrar os seres vivos novamente,

um terceiro rio vem entre os citados
e desemboca onde arde um fogo imenso,
fervendo com água e barro associados
a desaguar no tártaro como rio denso,

este rio é chamado de Periflegonte
e um quarto rio surge em outra fonte,
o Estígio, que corre em área sombria,

suas águas têm temíveis propriedades
chega ao tártaro em outra localidade
e é denominado de Cocito pela poesia.

263. A DINÂMICA DOS RIOS - I

Cocito é o rio das queixas pungentes
ele é um dos mais fabulosos do Hades,
nele e nos outros citados juntamente
as almas sofrem por suas atrocidades,

os mortos recém chegados neste local
são julgados por uma justiça valiosa,
tanto os que cultivaram apenas o mal
quanto os que tiveram feição piedosa,

muitas almas vão até o rio Aqueronte
com qualquer embarcação que desponte
e ao lago Aquerúsia para purificação,

são purificadas pelas penas sofridas
ou aliviadas por recompensas obtidas
de acordo com cada mérito em questão.

Os que apresentam erros reconhecidos,
mesmo sendo faltas que têm gravidade,
não deixam de ter lenitivo garantido
como no caso de ira e irritabilidade,

dos que tiveram a violência cometida
contra pai e mãe em ato de exaltação,
e se arrependeram pelo resto da vida
e se empenharam na boa transformação;

irão para o tártaro obrigatoriamente,
porém após um ano de dores pungentes
uma onda dali os arremessa para fora,

os assassinos vão ao Cocito defronte,
o mal aos pais vai ao Perifletegonte,
e se dirigem ao lago Aquerúsia agora.

265. SÚPLICAS PARA SE PASSAR AO LAGO AQUERÚSIA

Os que vão ao Aquerúsia na sequencia
agora clamam e pedem em altos brados,
são os que mataram sem a consciência
ou então violaram tal como alienados,

suplicam passagem do rio para o lago,
se conseguem ter seu pedido atendido,
deixam o rio dos sofrimentos aziagos
e passam a ter senões mais comedidos,

outros vão ao rude tártaro novamente,
numa repetição sem tréguas clementes
até obterem o perdão de suas vítimas,

um dia eles passam para o outro lado,
para que enfim possam ser libertados
através das suas expiações legítimas.

266. O DESTINO DOS PIEDOSOS

Aqueles cuja vida já foi reconhecida
pelo valor de piedade são libertados
das áreas de sofrimentos sem guarida
para as alturas em lares purificados,

vão à superfície da verdadeira terra
os que se purificaram pela filosofia,
passam a ter uma vida que se encerra
na sublimação plena de seu dia a dia,

agora alguns destes eminentes mortos
passam a viver mesmo sem seus corpos
por todo o tempo que traz a redenção,

passam a viver nos locais mais belos,
cujo cenário não tem nenhum paralelo,
e assim torna-se difícil a descrição.

267. AMPLIAR VIRTUDES E CONHECIMENTO

Sócrates concluiu esta sua exposição:
Fizemos por alto este esclarecimento,
e temos que nos esforçar com devoção
para ampliar virtudes e conhecimento,

vasta a esperança e boa a recompensa
mas devemos guardar a prudente noção,
que mesmo se houver alguma diferença
nós devemos tomar bastante precaução,

se a alma é imortal ela é negligente
e preciso coragem para mudar a mente
como fórmula mágica de transformação,

um homem que desprezou seus prazeres
para não malbaratar os seus afazeres
adquire méritos na senda da evolução.

268. TEMPERANÇA, CORAGEM, LIBERDADE, JUSTIÇA E
VERDADE

A alma, na procura pela sua evolução,
deve evitar adornos nocivos e falsos,
e cultivar virtudes com fina atenção:
temperança para se afastar percalços,

coragem desenvolvida com consciência,
liberdade com muita responsabilidade,
justiça feita com retidão e decência
e verdade por dedicação à humanidade,

o homem deve ser atuante e confiante
para que, do Hades, ele siga adiante
conduzindo o destino com suas rédeas,

encerro aqui a descrição deste drama,
o meu destino neste momento me chama,
assim como diria um ator de tragédia.

269. O BANHO ANTES DE SE TOMAR CICUTA

Ainda dá tempo para um banho salutar
antes do veneno extirpar meu assunto,
é melhor, pois este banho vai poupar
o árduo trabalho de lavar um defunto,

depois de Sócrates expor sua opinião
Criton falou: Quais as recomendações
para com os filhos de sua edificação
ou até quanto a outras considerações?

Sócrates disse: Sem nenhuma novidade,
cada um deve viver com autenticidade
cultivando sempre o amor à sabedoria,

se um dia, não importa o que eu peça,
não quiserdes cumprir vossa promessa,
vosso compromisso de nada adiantaria.

Criton disse: Como quereis o enterro?
Como quiserdes, se puderdes me reter,
respondeu com gracejo diante do erro
que paradoxalmente estava a perceber.

Sócrates se virou para nós e relatou:
Não há meio de fazer Criton entender
que é um erro achar que o que eu sou
é igual ao cadáver que vai apodrecer,

eu sou aquele que aborda os assuntos,
mas nada mais poderia vir do defunto,
ele não sabe e nem sente o que sinto,

Criton deseja saber como me enterrar,
mas assim que o veneno se manifestar
não estarei mais presente no recinto.

Sócrates disse: Eu irei à felicidade
que deverá ser a dos bem aventurados,
para Criton era mesmo só loquacidade,
ou afago para mim e meus apaniguados,

sede, pois, meus fiadores associados
em relação ao Criton ainda descrente,
para afirmar que ele está equivocado
e morrer é o oposto do que ele sente,

para que quando meu corpo se queimar
ou até quem sabe o resolvam enterrar
não penseis que sofro males elevados;

vê Criton, a incorreção da linguagem
abre ensejo para diferente abordagem,
assim, faças o funeral do teu agrado.

272. A DESPEDIDA DE SEUS FAMILIARES

Sócrates levantou-se e foi-se banhar
em outro compartimento do outro lado,
nós ficamos a conversar e a examinar
sobre tudo o que havia sido abordado:

Falamos a nós mesmos sem nos refrear:
A perda de nosso pai já se consolida,
verdadeiramente nós deveremos passar
como órfãos pelo resto de nossa vida;

e trouxeram-lhe para um último aceno
um filho maior e dois ainda pequenos
e mulheres que cooperavam em seu lar,

trocou com eles suas últimas emoções,
ensinando-lhes algumas considerações
e enfim retornou para nos acompanhar.

O sol já estava perto de se recolher,
Sócrates havia ficado bastante tempo
com os familiares que vieram lhe ver,
então ele retornou ao nosso aposento,

o "servidor dos onze" se identificou
e disse: não me dareis a mesma razão
de queixas que cada um já manifestou
em consequência de minha rude função?

Todos me cobrem de duras imprecações
quando lhes dou o veneno nas prisões
porque tal é a ordem dos magistrados,

sois o homem mais bondoso e generoso
daqueles que vi neste lugar doloroso,
com brandura em momento tão delicado.

Sei que não sentirás ódio contra mim,
conheces bem os verdadeiros culpados,
sabes que eu vim comunicar o teu fim.
Adeus! Procura suportar o comunicado.

no mesmo momento ele pôs-se a chorar
e retirou-se escondendo a fisionomia,
Sócrates ergueu, para ele, seu olhar
e comentou: portar-me-ei com bonomia;

voltando-se para nós disse: que raro,
este homem me deu lenitivos e amparo
enquanto aqui ele esteve a trabalhar,

sentimentos afloram como por encanto,
quanta generosidade há no seu pranto
e na sua forma nobre de se comportar.

Sócrates: Busquem o veneno preparado
e, se não está, que o preparem agora,
Criton disse: não sejamos apressados
o sol ilumina e ainda não foi embora,

ouvi dizer que outros beberam veneno
somente depois de passar muito tempo
que a intimação deu o seu rude aceno,
uns até se fartaram antes do momento,

Sócrates considerou: É muito natural
que as pessoas que não possuem ideal
comportem-se de uma forma equivocada,

aceitar o sacrifício é ir ao paraíso
e desejar esta vida é motivo de riso
se, dela, já não se espera mais nada.

Sócrates disse: Já falamos demasiado,
não te demores, traga o veneno letal,
Criton pediu a homens ali associados
e logo veio outro com a taça funeral,

Sócrates disse: Então, meu bom amigo,
o que devo fazer após ser envenenado?
Ele comentou: Dar voltas pelo abrigo
até que os membros se tornem pesados,

na sequencia deve-se deitar no leito
até que o veneno encontre seu efeito,
e lhe entregou a taça correspondente,

Sócrates a empunhou tendo serenidade,
olhou a sua face com inflexibilidade,
pouco por baixo e perscrutadoramente.

Sócrates indagou: É ou não permitido
fazer da bebida de transmutabilidade
um ritual religioso algo enternecido
assim como uma libação às divindades?

E ele respondeu: Sócrates, eu só sei
que maceramos a cicuta em quantidade,
tal como é preconizado por nossa lei
para produzir o efeito de letalidade,

Sócrates disse: Desejo ter permissão
para dirigir aos deuses minha oração
por sucesso na mudança de residência,

passarei daqui para o lado mais além,
faço minha prece para o ideal do bem
para sintonizar a meta de referência.

278. INGERINDO O VENENO CHAMADO CICUTA

Sócrates, sem sobressaltos aparentes,
sem dar qualquer mostra de desagrado,
virou a taça que estava à sua frente
e ingeriu todo o veneno ali colocado,

nosso pranto ainda estava controlado
mas quando vimos que já havia bebido,
a certeza trouxe um choro desatinado
perante a mente que havíamos perdido,

as lágrimas jorravam com intensidade,
pranteávamos só a nossa infelicidade
porque Sócrates não possuía tristeza,

seus soluços não podiam se controlar
e Criton se levantou para se afastar
e a fragilidade contrastou a firmeza.

Apolodoro, que não cessava de chorar,
quando viu o veneno letal ser bebido,
com dor e com cólera pôs-se a gritar
e todos nos sentimos muito comovidos,

Sócrates indagou: Que estais fazendo?
Que gente de conduta incompreensível,
dispensei todas as mulheres prevendo
que evitaríamos este pranto horrível;

ensinaram-me, em relação ao proceder,
que é com devoção que se deve morrer,
assim, acalmai-vos, sejais coerentes!

Ao ouvir esta linguagem de exortação,
ficamos envergonhados pela exaltação
e contivemos as lágrimas deprimentes.

Sócrates andou pelo quarto tranquilo,
até sentir suas pernas muito pesadas,
deitou-se calmo, como era seu estilo,
para que a droga fosse bem espalhada,

a cicuta foi agindo progressivamente
anestesiando seus membros inferiores,
e uma dormência se elevou lentamente
diminuindo os seus corpóreos vigores,

Sócrates já estava muito rijo e frio,
mas neste desafio manteve seu feitio
e as últimas palavras ele pôde falar,

ironicamente deu um galo a Esculápio,
e após morreu este homem muito sábio
que governantes não puderam suportar.



Ironicamente deu um galo a Esculápio,
para pôr em teste seu poder de curar,
e após morreu o Sócrates muito sábio
que governantes não puderam suportar.



Moedas da Grécia antiga



Impresso no Brasil